É preciso passar mais tempo contemplando a beleza do Senhor

ADMIRAÇÃO



Por que ela é relevante para tudo o que pensamos, fazemos e dizemos

PAUL TRIPP

É preciso passar mais tempo contemplando a beleza do Senhor

ADMIRAÇÃO



Por que ela é relevante para tudo o que pensamos, fazemos e dizemos

PAUL TRIPP

Admiração: O que decidimos admirar e a diferença que essa escolha faz © 2017 Editora Cultura Cristã. Traduzido de *Awe: Why It Matters for Everything We Think, Say, and Do* Copyright © 2015 by Paul David Tripp. Publicado pela Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada por acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial
Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial
Tradução
Charles Marcelino
Revisão
Claudete Água de Melo
Edilene Martins dos Santos
Wilton Lima
Editoração
Gilson da Silva Oliveira Filho
Capa
Magno Paganelli

Diagramação de e-book
Equire Tech

T836a Tripp, Paul
Admiração / Paul Tripp; traduzido por Charles Marcelino
São Paulo: Cultura Cristã, 2017
160 p.
Recurso eletrônico (e-Pub)

ISBN 978-85-7622-915-5
Tradução Awe
1. Aconselhamento bíblico 2. Vida cristã I. Título
CDU 27-584

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A DC, Matthew e Mat, jovens amigos na vida e no ministério.
Nossas conversas sobre o evangelho têm me feito amar mais a Jesus.

SUMÁRIO

Prefácio
1 Humanidade
2 Guerra
3 Ministério
4 Substituição
5 Amnésia
6 Transgressão
7 Reclamação
8 Materialismo
9 Crescimento
10 Visão de mundo
11 Igreja
12 Educação de filhos
13 Trabalho
Epílogo
Notas

PREFÁCIO

Devo iniciar com uma confissão. Escrevi este livro para mim. Num certo sentido, sou um epicurista. Amo as artes visuais, amo a boa música e amo comida de todos os tipos. Um quadro bonito e bem pintado leva-me à admiração. Um álbum musical bem elaborado leva-me à admiração e a desejar mais. Lembrar a degustação de um prato em algum bom restaurante leva-me a reproduzir aquele prato e a visitar novamente aquele estabelecimento. Nenhuma dessas coisas é errada em si mesma. Deus planejou-nos com a capacidade de admirar a sua criação, porém essa admiração não pode e não deve ser um fim em si.

Escrevi este livro para mim, porque, no atual estágio da minha vida, estou mais consciente do que nunca de que tenho um coração instável e volúvel. Gostaria de poder dizer que em todos os momentos eu me alegro porque algo na criação provoca em mim uma adoração profunda pelo Criador, mas isso não acontece. Evidências

empíricas na minha vida revelaram-me que já entreguei meu coração mais à adoração das coisas criadas do que ao Criador delas – gastando quando não tinha de fato necessidade, invejando o que outras pessoas tinham ou comendo quando eu não estava realmente com fome.

Escrevi este livro para mim porque estou consciente de que preciso passar mais tempo contemplando a beleza do Senhor. Preciso colocar o meu coração num lugar em que ele possa, uma vez mais, admirar-se da grandeza de Deus que ultrapassa as fronteiras mais expressivas das palavras do vocabulário humano. Preciso admirá-lo para que meu coração seja recuperado, que seu foco seja reajustado e redirecionado constantemente. E preciso lembrar-me de que a guerra pela admiração do meu coração ainda acontece dentro de mim.

Escrevi este livro para mim porque preciso examinar que tipo de admiração molda meus pensamentos, desejos, palavras, escolhas e ações nas situações e nos relacionamentos diários da minha vida. Três anos atrás perdi 40 quilos. Que eu realmente precisasse disso envergonhou-me.

Escrever este livro lembrou-me de que o peso que ganhei era uma questão espiritual, uma questão do meu coração diante de Deus. Como todas as outras formas sutis de idolatria, isso não aconteceu da noite para o dia. Se você ganhar meio quilo por mês, nem vai notar o peso. Mas depois de um ano, isso somará 6 quilos e, em cinco anos, você terá engordado 30 quilos. Infelizmente, tive de confessar meu pecado de gula, colocar a comida no seu lugar correto e clamar pela graça de adorar o Doador, não os seus dons.

Escrevi este livro para mim porque percebi que sou projetado para admirar, que a admiração por algo está na base de tudo o que digo e faço. Mas eu não sou apenas projetado para admirar. Sou projetado para admirar a Deus. Nenhum outro objeto de admiração satisfaz a alma. Nenhum outro objeto de admiração pode dar ao meu coração a paz, o descanso e a segurança que ele procura. Percebi que preciso levar a admiração por Deus até a mais comum das decisões e atividades humanas.

Escrevi este livro para mim, mas porque o escrevi, este é um livro também para você. Sei que

você é igual a mim. A guerra travada no meu coração acontece também no seu. As coisas da criação não atraem apenas a mim, elas atraem a você também. Assim como eu, você também precisa passar mais tempo admirando a impressionante beleza do nosso Senhor de modo que seu coração se lembre e, ao se lembrar, seja resgatado.

Escrevi este livro para mim, mas agora eu o dou para você. Que ele consiga aprofundar a sua admiração pelo nosso Redentor e que seu coração seja resgatado, satisfeito e alegrado.

Paul David Tripp

1
HUMANIDADE

Não permita que eu perca minha capacidade de admirar.

KEITH E KRISTYN GETTY[1]

Ele tinha 5 anos e estava fascinado pela neve. Sentado no sofá, observava o que pensava ser a maior de todas as nevascas. Enquanto pressionava o nariz contra a janela, imaginou-se fazendo a maior bola de neve que já existiu – maior do que ele, maior do que o carro do seu pai, maior do que a garagem; enfim, tão grande que ele iria sentir-se como uma formiga diante dela. Esse pensamento o fez sorrir. Em pouco tempo estava implorando a sua mãe que o deixasse ir lá fora.

Ela estava numa busca. Não era uma busca qualquer. Sentia-se como se fosse a busca mais importante da sua vida. Sam realmente a havia

convidado para ir com ele ao baile e então ela estava procurando um vestido. No entanto, não era um vestido qualquer. Esse tinha de ser o vestido mais belo e definitivo. Enquanto ia de loja em loja, ela imaginava o vestido e o momento em que Sam iria à sua casa para pegá-la; a visão dela naquele vestido o deixaria aturdido e imediatamente ele desejaria viver o resto da sua vida com ela.

Ele estava sentado segurando nas mãos o cartão com o número e prestando atenção à cadência rápida demais da voz do leiloeiro no mais prestigiado leilão de carros antigos do mundo. Já tinha ganhado muito dinheiro na sua vida, mas estava convencido de que não poderia viver sem algo mais. Aquele era o mais belo automóvel já fabricado e seria o próximo a ser leiloado. Quando iniciaram os lances, seu peito ficou apertado, seus ouvidos zuniram e suas mãos ficaram úmidas. Até o final do dia, ele poderia ser o orgulhoso proprietário de um magnífico Jaguar XKE 1965 azul-claro.

Quando ela recebeu o telefonema, não conseguia acreditar. Foi correndo para o local o

mais rapidamente que conseguiu, mas já era tarde demais. A mansão dos seus sonhos – que ela e seu marido tinham gastado vinte anos de suas vidas construindo e reformando – havia queimado completamente. Restavam apenas cinzas e fumaça. Quando saiu do carro, não conseguia respirar. Tudo ficou escuro, e a primeira coisa de que se lembra foi de ter sido rodeada pelos paramédicos.

Ela deve ter telefonado para aquela estação de rádio milhares de vezes na esperança de ganhar os ingressos para ver a melhor banda de todas. Tinha todos os discos dela. Pertencia ao fã clube. Tinha economizado para comprar um pôster autografado, mas nunca tinha ido a um *show* ao vivo. Aquela era a oportunidade. Seu coração disparou quando ouviu do outro lado a voz parabenizando-a. Finalmente estava acontecendo. Ela mal podia acreditar.

Ele estava muito surpreso. Quando entrou para o seminário, não fazia ideia de que isso aconteceria. Tinha estudado bastante e saiu-se muito bem, mas aquilo era inacreditável. Era o seu primeiro domingo. Ele agora fazia parte do colegiado pastoral de uma das maiores e mais influentes

igrejas do mundo. Aquele fora o seu sonho e agora ele tornou-se realidade. Ele se sentia especial, vivo e abençoado.

Por um lado, parecia uma estupidez pagar 70 dólares por um bife. No entanto, esse não era um bife qualquer. Não, esse era um contrafilé de costela maturado por cerca de 45 dias. Ele sabia que nunca mais provaria um pedaço de carne dessa qualidade. Não deveria preocupar-se com o preço. Se essa seria a primeira e uma única vez, nada deveria impedi-lo de provar essa emocionante tentação carnal. Era quase uma experiência espiritual.

Ele estava na fila segurando a mão da sua mãe. Estava para acontecer. Depois do que lhe pareceram anos implorando e barganhando, sua mãe havia finalmente concordado em levá-lo. Estavam na fila para ver o filme dos seus sonhos, mas não era em qualquer sala de cinema. Eles assistiriam ao filme em uma sala com som estéreo em 3D numa tela na versão IMAX. Para ele, era como se houvesse morrido e ido para o céu. Segurava com força seus óculos 3D e mal podia

esperar para a maravilha começar.

Era um quadro, mas poderia ser a mais maravilhosa obra de arte que a mão humana tinha criado. Aquele quadro já fora exposto nas maiores galerias do mundo e ela estava entusiasmada porque poderia finalmente contemplá-lo. Já o tinha visto em livros de arte e pôsteres, mas nunca fisicamente em toda a sua majestade. Ela não poderia permitir que nada a impedisse de aproveitar essa oportunidade única da sua vida.

Ele era amargo. Sabia que era errado, mas isso o importunava todos os dias como um hóspede indesejado. Tentava se distrair. Tentava encontrar alegria nas pessoas, nos lugares e nas atividades à sua volta, mas nada disso funcionava de fato. Ele tinha sido criado numa grande família – o que também era tudo o que sempre tinha desejado. Tinha sonhado com uma bela esposa, três lindos filhos e com a casa com quintal no subúrbio. Não queria estar com raiva, mas estava – com raiva de Deus. Ele nunca tinha pedido muito. Porém, estava com 45 anos e começava ficar grisalho. Quem poderia desejá-lo agora? Ele odiava ir para casa à

noite. Detestava sentir-se solitário. Odiava a sua vida.

A dor da cirurgia nos joelhos era pequena se comparada à dor do que aquela cirurgia significava. Desde a escola secundária, todo técnico lhe tinha dito a mesma coisa: ele tinha aquele fator X que faz com que os grandes atletas sejam grandes. Ele era a estrela de todos os times nos quais tinha jogado. Sua ambição de tornar-se uma estrela da Liga nacional de futebol americano, adorado pelos fãs tinha sempre lhe parecido fácil de alcançar. Ele sonhava com o dia em que poderia assinar aquele contrato multimilionário. Porém, agora estava tudo acabado. Aquele forte patrocinador do futebol na faculdade poderia retirar sua bolsa de estudos porque, caso jogasse novamente, ele nunca seria fenomenal. Isso tinha passado. Sua lesão tinha matado seus sonhos.

Enquanto o guindaste colocava a placa no seu lugar, ele sentia-se como alguém que tinha vivido uma vida digna. Era uma imobiliária modesta, mas ele a tinha construído. Ele mesmo. Ela era sua. Enquanto permanecia em frente à entrada, sentia-se

como se tivesse conquistado o mundo. Sentia-se como se pudesse fazer qualquer coisa. Ele sentia a excitação do sucesso. E isso era muito bom.

Ele o viu no centro comercial – o tênis do modelo que sempre havia desejado. Branco, vermelho e preto – lindo. Mas o preço era alto: quase 200 dólares. De que maneira poderia convencer seus pais a comprá-lo para ele? Isso parecia impossível. Ele não conseguia tirar aquele tênis da mente. Tinha de encontrar uma maneira de tê-lo. Ele simplesmente precisava dele.

Ele colocou a isca no anzol pela última vez. Estava escurecendo, mas deu-lhe mais uma oportunidade. Ele estava lá. Ele o vira antes – o maior peixe do lago. Poderia ser a pesca da sua vida. Os peixes que já tinha pescado eram apenas uma provocação. Lançou seu anzol em meio à luz opaca uma vez mais e, enquanto segurava a vara de pesca, ele esperou.

O que todas essas pessoas nessas breves narrativas têm em comum? Admiração. Elas se levantam a cada manhã e, mesmo inconscientemente, buscam constantemente por

sentir admiração. Elas sentem na alma uma insatisfação, um vazio que anseiam por preencher, e são atraídas às coisas impressionantes. Essa é a razão por que vão aos grandes museus, *shows* gigantescos, restaurantes caros e jogos esportivos decisivos. O sonho do jovem com o tênis é exatamente a mesma admiração que procura o bem-sucedido magnata dos negócios. A adolescente que vai ao baile da escola busca pela mesma admiração que a mulher que está planejando a casa dos seus sonhos. O atleta que chega ao estrelato busca pelo mesmo tesouro que o homem ansioso pela esposa e família perfeitas.

Isso não tem a ver com a consciência, o interesse ou o conhecimento. Não é primeiramente relacionado à igreja, ou à teologia ou ao conhecimento bíblico. Não é nem mesmo sobre a necessidade de sua vida comum significar alguma coisa. Não é algo que apenas os cristãos têm. Isso tem a ver com algo que cada pessoa que respira tem. Não é determinado por família, cultura, história, geografia, linguagem ou etnia. Não é uma questão de idade ou de gênero. Não é algo

relacionado a alguma dessas coisas. O que todas essas pessoas compartilham é que elas são seres humanos e, por serem seres humanos, são projetadas para a admiração. E você também é.

ADMIRAÇÃO: A PERSPECTIVA DO HELICÓPTERO

Permita-me iniciar com a visão panorâmica – a perspectiva do helicóptero, se você quiser – do que chamamos admiração que comove profundamente o coração de cada um de nós.

1. *Admiração é a busca da vida inteira de uma pessoa*. Ela está sentada no seu pequeno balanço batendo os pés e com um grande sorriso no rosto. Não sabia o que sua mãe lhe dera, mas era frio e doce. E ela queria abocanhar o máximo possível o mais rápido que conseguisse. Ela estava cativa. Ela estava em admiração. Sua língua havia saboreado sorvete pela primeira vez. Seu jovem cérebro não conseguia imaginar que alguma outra coisa no mundo pudesse ser mais deliciosa e satisfatória do que aquilo. Ela está pronta para viver sua vida em

busca daquela maravilha fria e doce que as pessoas adultas chamam de sorvete.

Ele fica reassistindo ao vídeo. Não consegue parar de assisti-lo. É como um vício. A música solo produzida por aquele artista único é algo impressionante. Há algo de belo, a maravilha de tudo, que o leva ao vídeo repetidas vezes. Ele tem 70 anos e não perdeu nada da sua capacidade de maravilhar-se.

A menininha e o homem idoso são iguais. Eles estão fazendo a mesma jornada. Apenas ele está no caminho há mais tempo do que ela. Ele já buscou, perseguiu, investiu, saboreou, celebrou e se decepcionou com muitas e muitas coisas na sua busca pela admiração. Talvez ela esteja tendo sua mente arrebatada pela primeira vez, mas logo, como ele, irá tornar-se uma viciada em admiração. Ela também gastará sua vida perseguindo um sonho. Ela também procurará ser surpreendida. O homem adulto e a menininha são projetados do mesmo modo. Talvez nenhum dos dois esteja consciente do quanto a força do desejo pela admiração é poderosa. E talvez ele morra e ela

continuará a viver sem saberem por que Deus implantou esse desejo no coração deles.

2. *Deus criou um mundo impressionante*. Deus encheu intencionalmente o mundo de coisas assombrosas com o objetivo de deixar você admirado. O cupinzeiro cuidadosamente refrigerado na África, o azedinho crocante de uma maçã, a explosão de um trovão, a beleza de uma orquídea, a interdependência dos sistemas do corpo humano, as infatigáveis idas e vindas das ondas do oceano e os milhares de outros lugares, sons, sensações e gostos – todos projetados por Deus para serem impressionantes. E ele planejou você para estar diariamente impressionado.

3. *Deus criou você com a capacidade de admirar*. Não apenas vivemos num mundo que inspira admiração. Também fomos criados com poderosos portais para a admiração de modo a assimilarmos a admiração que o nosso coração deseja. Nosso cérebro e nossos ouvidos podem distinguir entre a bela música e o barulho. Podemos ouvir o sutil gorjear de um pequeno pássaro e o

corvejar irritante de um corvo. Podemos ver as surpreendentes partes segmentadas bem encouraçadas do corpo de um besouro. Podemos perceber os detalhes das cores, das texturas e das formas. Podemos observar nitidamente a movimentação dos objetos e vê-los de perto ou à distância. Também sentimos e tocamos coisas. Sentimos o macio, o úmido, o duro, o quente, o frio, o liso, o sedoso e o acidentado. Sentimos sabores. Nossa língua reconhece o salgado, o adocicado, o azedo, o apimentado, o quente, o frio, o estragado e o cremoso. Não apenas desejamos a admiração na nossa vida, fomos maravilhosamente criados por Deus com a capacidade de interagir e saborear coisas impressionantes.

4. *O que você procura para admirar moldará a direção da sua vida*. Faz sentido que sua fonte de admiração controle você, suas decisões e o curso que sua história seguirá. Se você vive admirando coisas materiais, por exemplo, gastará muito dinheiro adquirindo um grande número de bens materiais; para aumentar esse grande número sempre crescente, você terá de trabalhar muito.

Você também tenderá a associar sua identidade e sensação de paz interior às posses materiais, gastando tempo demais para reuni-las e mantê-las. Se as posses materiais são sua fonte de admiração, você negligenciará as outras coisas valiosas e nunca se satisfará plenamente; isso porque essas coisas materiais não têm a capacidade de satisfazer o seu coração que anseia por admirar. Isso mesmo, sua casa poderá ser grande, seu carro, luxuoso e você estar rodeado por coisas lindas; porém, sua satisfação em áreas que realmente importam será pouca.

5. *A admiração estimula as maiores alegrias e as mais profundas tristezas em todos nós*. Eis aqui um método simples para fazer uma avaliação pessoal de onde está nossa admiração. Em que situações você vivencia seus maiores momentos de felicidade e seus momentos mais sombrios de tristeza? O que o deixa irado ou esmagado pelo desapontamento? O que o motiva a continuar ou o faz querer desistir? O que você tende a invejar na vida dos outros ou em que a inveja deixa-o amargurado? O que o faz pensar que sua vida é

digna de ser vivida ou o que provoca em você a sensação de que sua vida é um desperdício? Quando você diz: “Se apenas eu tivesse _____”, como termina essa frase? Pelo que você está disposto a se sacrificar e o quê, na sua vida, você não considera merecedor de esforço? Considere suas maiores alegrias e seus mais profundos pesares e você encontrará onde está procurando por admiração.

Veja, por exemplo, a ira. Pense na pequena proporção de momentos de ira em sua vida nos últimos dois meses que estava totalmente relacionada ao reino de Deus. Geralmente, você não fica irado porque as coisas estão de acordo com a vontade de Deus e os propósitos do seu reino. Você fica irado porque alguma coisa ou pessoa interpôs-se entre você e algo desejado – algo que você imagina que será sua fonte de contentamento, satisfação ou felicidade. Seu coração está desesperado para ser inspirado e você fica mal quando suas aspirações são impedidas. O lugar em que estiver sua busca pela admiração é a direção que controlará fundamentalmente os pensamentos e

as emoções do nosso coração de modo que normalmente não percebemos.

6. *A admiração colocada no lugar errado mantém-nos permanentemente insatisfeitos*. Talvez você nunca tenha parado para considerar atentamente que sua insatisfação seja um problema de admiração. Talvez não seja exatamente porque as pessoas à sua volta são imperfeitas, ou porque seja difícil lidar com seu chefe ou porque seus filhos fazem com que você tenha momentos difíceis. Talvez não seja exatamente porque você não tenha um círculo de amigos como sempre quis ou porque você não tenha conseguido a casa dos seus sonhos. Talvez não seja exatamente porque sua saúde tenha declinado e porque a velhice tenha chegado rápido demais. Talvez não seja exatamente porque você tenda a achar sua existência mundana diária monótona e tediosa. Talvez não seja exatamente porque você nunca encontrou uma igreja na qual possa firmar-se para adorar e servir. Talvez não seja exatamente porque você pense que a sua formação tenha sido inadequada e porque você se sente preso a uma carreira da qual não

gosta. Talvez seja mais do que o fato de que seus vizinhos são irritantes e seu círculo familiar mais amplo seja muito dado ao drama. Talvez todas essas insatisfações surjam de um coração profundamente insatisfeito orientado pelo que você tem procurado para encontrar admiração.

7. *Toda fonte de admiração criada tem o objetivo de direcionar você para o Criador*. Este será o tema mais importante deste livro que você começou a ler. A criação é impressionante. Deus a projetou para ser impressionante. E Deus planejou você de modo a assimilar essa demonstração impressionante na criação. Você é planejado para ser inspirado pelas coisas impressionantes que vieram das mãos do Criador, e celebrá-las. No entanto, enquanto participa do que é impressionante exposto na criação e alegra-se com isso, deve entender que essas coisas impressionantes não foram intencionadas como um fim em si mesmas. Elas não foram feitas como um ponto de parada e praça de alimentação para o seu coração. Nada de impressionante na criação foi feito para dar o que apenas o Criador é capaz de dar. Cada coisa

impressionante na criação foi planejada para conduzir você àquele que é o único digno de capturar e controlar a admiração do seu coração ansioso e faminto.

Tão verdadeiro quanto um sinal de trânsito, assim são todas as coisas inspiradoras de admiração no universo que nos deixam de queixo caído, joelhos trêmulos, reduzidos ao silêncio. O sinal não é o que você está procurando. Não, mas o sinal aponta para o que você está procurando. Assim, você não pode parar no sinal, pois ele nunca lhe entregará aquilo para o que aponta. Coisas impressionantes da criação têm o propósito de apontar para você o lugar em que a admiração do seu coração encontrará descanso. Se as coisas impressionantes da criação se tornarem o seu deus, o Deus que criou todas elas não terá a sua admiração. A admiração horizontal foi planejada para produzir um resultado: estimular a admiração vertical.

8. *A substância da admiração nunca satisfaz*. Nada no mundo físico criado pode dar repouso, paz, identidade, significado, propósito ou

contentamento final para o seu coração que anseia por admiração. Olhar para a substância para satisfazer seu desejo interior é um ato pessoal de futilidade espiritual. Isso simplesmente não funciona. Você será tão bem-sucedido nisso quanto em tentar tirar água de um barco com uma peneira. As coisas deste mundo não foram planejadas para fazer o que você deseja que elas façam. Ainda assim, todos nós tentamos isso todos os dias, e, enquanto tentamos, criamos um problema muito maior e mais profundo do que um problema de substância. Temos um problema quanto à admiração.

TENDO TUDO, MAS PERDENDO A CAPACIDADE DE ADMIRAR

Ele era possivelmente o homem mais descontente que já encontrei. De algum modo, ele tinha todas as coisas com as quais você e eu poderíamos sonhar. Na sua carreira de sucesso ganhou dinheiro, fama e poder. Ele tinha todos os elementos do sucesso – você sabe, uma casa grande numa propriedade muito bem cuidada, carros na

garagem e um barco no lago. Tinha uma esposa amorosa e quatro filhos crescidos. Passava as férias em qualquer lugar que desejasse ir. Comia nos melhores restaurantes e frequentava todos os bons clubes. Fundou sua própria instituição para ajudar aos necessitados e frequentava uma igreja estruturada. Porém, a única coisa que lhe faltava era felicidade pessoal. Com todas as coisas da vida a seus pés, ele estava horrivelmente insatisfeito e assustadoramente exaurido. Sua esposa brincava dizendo que ele queria algo mais e que provavelmente morreria tentando encontrar.

Quando nos conhecemos, ele era um homem infeliz. Não, isso não é exato. Ele era um homem amargurado e cínico. Era seu próprio arqueólogo, escavando o passado na substância da sua existência, tentando dar um sentido a tudo aquilo. Ele examinava cuidadosamente a cerâmica quebrada das suas escolhas e decisões. Na sua mente, ele dispunha todos os artefatos que tinha colecionado ao longo dos anos e se perguntava a respeito do valor real deles. Folheava página por página da sua história – seu casamento, sua

carreira, seu relacionamento com Deus, suas amizades, seus filhos e uma miríade de histórias secundárias. Percebeu-se respondendo à única pergunta a qual pensava que nunca iria fazer. Sempre havia considerado que essa era uma pergunta para sonhadores lunáticos ou perdedores. Mas a pergunta o assombrava. Ela o saudava pela manhã e deitava-se com ele no final do dia. Ela viajava com ele no seu carro e o distraía quando ia jogar golfe. Ela o levava a beber mais do que deveria e o deixava irritadiço e impaciente.

Ele chegou ao ponto de odiar tudo o que tinha colecionado de maneira cuidadosa e obsessiva e a realmente odiar o fato de que a maioria das pessoas à sua volta o invejava. “Se elas ao mesmo soubessem, se elas ao menos soubessem” era o seu refrão constante. Já fazia muito tempo que ele havia parado de ir a Deus com sua angústia. Sentia que se Deus estivesse ouvindo o teria ajudado havia muito tempo. Tudo o que lhe restava era manter-se ocupado o máximo possível, desde de manhãzinha até tarde da noite. Até mesmo depois de aposentado ele comprou dois pequenos negócios – não porque

precisasse de mais dinheiro, mas porque queria distrair-se.

Uma das primeiras coisas que ele me disse foi: “Como pode ser que tendo tudo isso eu ainda me sinta tão vazio?”. Essa era uma pergunta genial, mas ele não sabia disso. Uma pergunta profundamente teológica, mas ele não conseguia vê-la assim. Sua depressão o impedia de entender o seu próprio discernimento. Tudo escorria pelos seus dedos como areia entre ossos ressecados. Ele tinha tudo, mas sentia-se vazio. Desesperadamente ele queria que eu consertasse a situação, que fizesse alguma coisa que levasse tudo a valer a pena, mas eu não podia.

Enquanto ele falava impacientemente comigo, a amargura transparecia em cada palavra. Ele estava clamando por ajuda, mas não sabia que a única ajuda que eu poderia oferecer a ele provavelmente ele não iria querer. Enquanto ele falava, no pano de fundo estas palavras pulsavam na minha mente: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?” (Mc 8.36). Ele não tinha um problema de contentamento. Ele tinha um problema

quanto à admiração.

2
GUERRA

Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade
e nas tuas maravilhas.
SALMO 145.5

Quando você lê ou ouve a palavra “guerra”, o que vem à sua mente? Talvez você pense nas duas grandes guerras mundiais que mudaram o curso da história humana. Ou talvez pense nos conflitos aparentemente intermináveis que assolam o Oriente Médio. Talvez, por morar numa área central da cidade, você pense nas guerras entre gangues e traficantes que transformam as comunidades anteriormente pacatas numa zona de guerra. Talvez pense nas guerras domésticas que transtornam casamentos e famílias, com frequência terminando em divórcio. Ou, ainda, pense nas guerras políticas

que tiram dos governantes a habilidade de garantirem o bem-estar dos cidadãos. Todas essas guerras são reais e importantes, mas nenhuma delas eleva-se ao patamar da importância de outra guerra que tem determinado o curso da história humana e a vida de cada pessoa que já viveu. Que guerra é essa? É a guerra da admiração, a guerra que é travada no campo do coração de cada ser humano.

Entre o “já” do pecado de Adão e Eva e o “ainda não” da redenção final, uma guerra está sendo travada contra quem ou o que governa e controla a capacidade de admiração estabelecida por Deus no coração de todo ser humano. Como já vimos, uma vez que cada pessoa é criada com a capacidade de sentir admiração, todos procuram uma maneira de exercê-la. Essa capacidade de admirar-se foi intencionada para levar-nos a Deus em temor e adoração, mas visto que o pecado nos separou dele, nossa capacidade de admiração está cativa de outras coisas que não Deus. Assim, em graça, Deus batalha pela admiração do nosso coração. Pode-se argumentar que um dos propósitos fundamentais da grande história da

Redenção e da pessoa e da obra de Jesus é recuperar o nosso coração para que admire a Deus e apenas a Deus.

Isso nos leva ao tema deste capítulo. Pelo fato de na sua essência a Bíblia ser a revelação da grande história da Redenção – acompanhada pelas notas explicativas necessárias de Deus, ela também nos conta a história dessa guerra pela admiração. De modo brilhante, a Escritura descreve para nós a natureza e os resultados do que vou chamar neste capítulo de *admiração incorreta* (AI). As reiteradas narrativas bíblicas dos exemplos de AI foram escritas para nossa instrução e auxílio, ajudando-nos a reconhecer o profundo perigo do pecado no nosso coração e o anseio pelo resgate que apenas Jesus pode realizar. Quero traçar o tema dessa AI nas Escrituras para poder conscientizá-lo em relação à guerra travada também no seu coração.

Eu gostaria de poder dizer que essa guerra não é travada no meu coração, mas não posso. Infelizmente, os temas da AI ainda estão operantes na minha vida também. Algumas vezes, isso significa que coisas materiais governam meu

coração mais do que deveriam. Outras vezes, isso significa que estou cheio de mim mesmo e ajo mais por orgulho do que confiando em Deus. Outras vezes, isso significa que me preocupo mais em ser apreciado e respeitado pelos outros do que em dar glória a Deus. Não preciso refletir muito sobre minha vida diária para perceber o quanto a guerra descrita neste capítulo, e tão vividamente retratada nas Escrituras, ainda está sendo travada no campo de batalhas do meu coração.

A ADMIRAÇÃO QUE DEU ERRADO

Não há dúvida de que essa é a história mais triste já contada. Não se passa um dia na sua vida ou na minha sem que tenhamos de lidar com os resultados dela. Desde então, aquele acontecimento único tornou todas as coisas mais difíceis, mais perigosas e mais sofridas do que Deus planejou que fossem. Seus resultados trouxeram problemas para a nossa vida pessoal. Ele trouxe grandes estragos para o nosso casamento e os nossos relacionamentos. Tornou árdua a criação de filhos. Está na base dos conflitos humanos e da

beligerância mundial. Torna perigosa a apreciação do alimento, do dinheiro e do sexo. Essa história registra o momento em que a guerra pela admiração se inicia.

Claramente não podemos encontrar uma representação mais poderosa, vívida e útil da AI do que no momento exato em que ela se inicia no jardim do Éden, conforme registrado em Gênesis 3.

> (…) a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. (Gn 3.1-7)

Essa é uma história chocante. É tragicamente verdadeira, mas receio que estejamos tão completamente familiarizados com ela que não nos chocamos mais. Adão e Eva tinham tudo. Cada uma das suas necessidades era suprida. Não havia nenhum tipo de pecado, doença ou sofrimento. Cada peça na criação fazia o que fora projetada para fazer. Deus estava no seu lugar de direito, e de boa vontade descia até a terra para desfrutar da perfeita comunhão que tinha com as pessoas que tinha feito. Sim, não havia nenhuma dúvida a respeito disto: era o paraíso.

Porém, aquele paraíso estava prestes a ser rapidamente destroçado como uma peça de porcelana lançada sobre o chão de concreto. Adão e Eva estavam descontentes com tudo; eles queriam mais. E a base da busca insana deles por mais era a AI. A serpente ofereceu-lhes a única coisa que não tinham, não deveriam ter e nunca poderiam ter – o lugar de Deus. Ela disse a eles que tudo o que tinham de fazer era ultrapassar os claros limites estabelecidos por Deus, e eles seriam semelhantes a Deus. Essa perigosa fantasia agora espreita no

coração de cada pecador. Procuramos ser reconhecidos como Deus, ter o controle, o poder e a centralidade que Deus tem. Esse foi o ponto a partir do qual a admiração por si mesmo se sobrepôs à admiração por Deus e estabeleceu o *programa* para cada pensamento, desejo, escolha e comportamento humanos. Para bilhões de pessoas desde então, a admiração por si mesmo tem literalmente dirigido cada ato egoísta, antissocial e imoral que praticam.

Com um surpreendente e trágico ato de AI, Adão e Eva comeram o fruto proibido; a *shalom* gloriosa que envolvia toda a criação foi esmagada nas peças alteradas da História. Nenhuma mente é abrangente o suficiente para calcular os danos decorrentes daquele momento. No entanto, de uma coisa temos certeza: naquele momento, a AI foi libertada na terra e, com ela, a guerra pelo coração de cada ser humano. A Bíblia não poderia relatar de modo abrangente a verdadeira devastação causada pelo pecado nem narrar completamente essa guerra que tem lugar de destaque no tema bíblico principal – a obra redentora do nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, no meio da sua história central, a Bíblia

conta-nos e conta-nos repetidamente de modo vívido a história da AI. Ela *é* a mancha que salpicou cada página da Palavra de Deus.

No descortinar do drama da AI na Escritura, não demorou muito para que se deflagrasse o inimaginável – um fratricídio (veja Gênesis 4.1-16). Caim apresentou um sacrifício, mas não foi um sacrifício de adoração verdadeira e altruísta a Deus. Se fosse diferente, os fatos que se desenrolaram posteriormente jamais teriam ocorrido. Essa história nos confronta com a mais cruel das ironias: um dos locais onde se vê a AI operando mais poderosamente é nos supostos atos de adoração. Se o coração de Caim estivesse realmente motivado pela admiração a Deus, ao ver seu sacrifício rejeitado, ele teria lamentado, confessado a inadequação da sua oferta e, cheio de alegria, apresentado um sacrifício mais aceitável a Deus. Porém, em vez disso, ele invejou seu irmão de maneira violenta e, num ato de ciúme ensandecido, o matou. Essa também é uma história chocante e perturbadora. É o tipo de história no jornal local que deixaria você de estômago embrulhado: irmão

matando irmão. Caim não tinha um problema com seu irmão, nem um problema com relação ao sacrifício, nem mesmo um problema com a cerimônia religiosa. Na verdade, Caim tinha um problema quanto à admiração e o sangue de Abel foi derramado como resultado dessa AI.

Nessa história encontramos um princípio que aparece numa miríade de outras narrativas bíblicas: *no coração de um pecador, a admiração por Deus é rapidamente substituída pela admiração por si mesmo*. Essa *é* a guerra das guerras.

O resumo divino dessa guerra interior da humanidade registrado em Gênesis 6.5-6 faz gelar a espinha: "Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração". É aterrorizante ler que Deus se arrepende de algo que ele criou ou se entristece por isso. De imediato fica evidente que isso é muito, muito sério, para dizer o mínimo. A acusação de Deus contra a humanidade é abrangente e indiscutivelmente sombria. Tudo o

que as pessoas pensam e desejam está errado. Cada motivação é má. Cada ponto de vista e desejo está contaminado pela iniquidade. Qual é o resultado disso? O que a humanidade deseja transgride os desejos de Deus para ele. Os limites que o homem estabeleceu para si mesmo ultrapassam os limites que Deus ordenou. Tudo o que você pensa, deseja e diz ofende a Deus porque você não se importa mais com ele. Não se importa com as coisas que o agradam. Não se importa com o fato de que deve a sua vida a ele nem com o governo dele sobre a sua vida. Não se importa com a vontade santa nem com a glória eterna dele. Não, tudo com o que você se preocupa é com você mesmo e com o que você quer. Seu problema não é o meio ambiente. Nem seus relacionamentos. Não, seu problema é profundamente espiritual. No seu desprezo por Deus, você colocou a si mesmo no centro. E o mal que tem consumido sua vida nada mais é que um sintoma da AI que engoliu seu coração.

Vemos a AI num contexto completamente diferente no chamado de Moisés. Nós o encontramos em Êxodo 3 como um exilado, tendo

de fugir para salvar sua vida. Deus o convoca para liderar a libertação dos filhos de Israel do Egito, mas Moisés está com medo, paralisado de medo. Ele não considera dar um passo em direção ao que Deus o está chamando para fazer. Em Êxodo 4 Deus se encontra com o Moisés medroso e mostra a ele sua maravilhosa glória. Esperaríamos que Moisés fosse arrebatado e se dispusesse prontamente a representar o Admirável diante de Faraó, mas não foi o que aconteceu. Ao fim da revelação gloriosa do poder de Deus, Moisés implora que ele envie outro em vez dele. É como se o temor pela inadequação pessoal e pelo perigo político tivesse cegado completamente seus olhos para a maravilhosa glória de quem o estava enviando. Moisés não estava sentindo admiração por Deus. Não, a capacidade de admirar-se do seu coração estava cativa pelo temor que ele sentia dos egípcios, e a única coisa na qual ele pensava era livrar-se da tarefa para a qual Deus o havia chamado.

Posteriormente na sua vida, Moisés amadureceu na sua admiração por Deus, mas o povo que ele

estava liderando no deserto não avançou da mesma maneira. No monte Sinai, num momento de revelação miraculosa do amor divino, Deus deu a Moisés suas leis para o povo que amava. Porém, exatamente ao mesmo tempo, os filhos de Israel, no pé do monte, estavam derretendo o ouro que tinham para esculpir um ídolo visível para adorarem. A justaposição dessas duas realidades é quase inacreditável. Enquanto Deus estava no alto da montanha provando que era Deus, Israel estava no pé da montanha trabalhando para substituí-lo. Mais uma vez, devemos atentar cuidadosamente para as palavras que eles usaram. Os filhos de Israel disseram a respeito do bezerro de ouro que *eles* tinham feito "São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito" (Êx 32.4).

Não é essa uma das funções constantes, destrutivas e enganosas da AI? A AI tem relação com atribuir a algo na criação material – sim, até mesmo a obras das nossas mãos – o que apenas Deus pode fazer. É deixar de dar o louvor a quem ele é de fato devido e dar o louvor a algo que não produziu o motivo para o louvor. Você viverá em

admiração ao que você atribui os méritos da bênção na sua vida. Você adorará qualquer coisa na qual acredite ter produzido o que você está celebrando. A modelagem e a adoração do bezerro de ouro se firmam como os mais poderosos exemplos materiais de admiração espantosamente incorreta.

Talvez uma das mais claras representações da AI seja aquela vista no vale de Elá, em 1Samuel 17. Por quarenta dias o exército do Todo-Poderoso Deus tinha recusado temerosamente enfrentar o gigante guerreiro Golias em batalha. Por quarenta dias eles ouviram sua zombaria infame: “Hoje, afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem para que ambos pelejemos” (1Sm 17.10). A reticência deles em descer para o vale e enfrentar o inimigo não resultou de uma postura militar ou de manobras táticas. Não, resultou diretamente de uma amnésia quanto à admiração. Pelo fato de não terem levado para aquele vale uma vida modelada pela admiração a Deus e a coragem proveniente disso, eles fundamentaram sua avaliação da situação numa falsa equiparação espiritual. Por quarenta dias eles compararam suas alturas e habilidades

com a altura e a habilidade de Golias e, por conseguinte, concluíram que ele os derrotaria.

Davi tinha ido até lá para levar alimento para seus irmãos e ficou confuso quanto ao motivo de o exército de Israel deixar de mostrar-se à altura do desafio de Golias. Então, ele surpreendeu a todos dizendo que lutaria com Golias. Isso foi arrogância? Foi um delírio? Ele não tinha entendido a disparidade insuperável? Não. Atente para o que Davi disse: “O SENHOR me livrou das garras do leão e das do urso; ele me livrará das mãos deste filisteu” (1Sm 17.37). Pelo fato de não sofrer de AI, Davi fez uma avaliação espiritual correta e, portanto, não teve medo. Não seria o insignificante Davi contra aquele impressionante gigante. Não, era aquele insignificante gigante contra o Deus que é a soma e a definição de tudo o que é impressionante. E então, quem você acha que iria vencer? Com a coragem e a confiança que apenas a admiração por Deus pode produzir, Davi entrou naquele que durante quarenta dias tinha sido o vale do medo e derrotou Golias, levando o exército de Israel a derrotar os filisteus.

A AI motiva você a sentir-se incapaz, solitário, despreparado e temeroso, enquanto a admiração por Deus produz coragem, esperança e ações corretas. Essa realmente é a guerra das guerras. Um número grande demais de nós, indiferentemente da nossa convicção teológica, vive num estado funcional de AI, por isso somos tímidos, ansiosos, derrotados e lutamos para manter o fio de esperança que nos resta. Nosso problema não é o tamanho ou a dificuldade do que enfrentamos. Não, nosso problema é a AI e a devastação que ela provoca na nossa vida diária. A AI levará você a temer coisas que você precisa derrotar. A AI fará com que você negue a realidade porque você tem medo de encarar a verdade. A AI provocará em você ansiedade quanto a pessoas e situações. A AI fará você tentar controlar o que você não pode controlar porque pensará que está fora de controle. AI nunca conduzirá você a alguma coisa boa.

Depois de Gênesis 3, não há uma representação mais poderosa de AI na Bíblia do que a história de Nabucodonosor em Daniel. O tema central de Daniel é a impressionante e irresistível soberania de

Deus sobre a vida de cada ser humano e sobre o curso da História. Conclui-se da leitura de Daniel a certeza de que Deus realmente tem “o mundo todo nas suas mãos”. Então, é particularmente interessante que o livro de Daniel também apresente um dos exemplos bíblicos mais dramáticos de AI. Não se pode perder de vista o contraste entre o tema global de Daniel e a história de Nabucodonosor (veja Daniel 3–4).

Nabucodonosor havia alcançado um alto patamar sem paralelo em grandeza e poder. Ele era um deus aos seus próprios olhos e no modo como exercia seu poder. Então, num ato de marcante autoafirmação de soberania, ele criou um enorme ídolo de ouro e ordenou que todos sob seu poder se curvassem diante do ídolo e o adorassem. Esse foi um ato de puro roubo de glória. Isso não se refere à adoração em si mesma; foi uma AI, ou seja, um líder roubando de Deus a admiração devida a ele e apenas a ele. Nabucodonosor revela sua AI quando faz sua pergunta retórica em Daniel 4.30: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da

minha majestade?”.

Ali estava um rei confrontando a admirável glória de Deus com uma declaração da sua própria glória na forma de uma ordem perversa para que todos os seus vassalos adorassem um ídolo. Esse episódio realmente capta o âmago da AI. A guerra que acontece no coração de todos nós é a guerra entre a admiração por Deus e a admiração por nós mesmos. Essa guerra realmente torna cada um de nós ladrões de glória. Talvez cometamos o furto vertical muito mais do que pensamos. Talvez busquemos por glória pessoal muito mais do pensamos. Talvez recebamos o crédito pelo que apenas Deus pode fazer mais frequentemente do que pensamos que fazemos. Talvez, em sutil idolatria, damos o crédito a lugares e coisas quando ele realmente pertence a Deus. Talvez não estejamos tão longe do pecado de Nabucodonosor.

Então Deus, numa demonstração real do seu poder e graça incalculáveis, mostra a Nabucodonosor quem é de fato soberano sobre todas as coisas, até mesmo sobre ele. Deus leva Nabucodonosor para baixo, tão baixo que ele passa

a comer capim como um boi, reduzido a um animal em seus instintos e comportamento. O objetivo de Deus era libertar Nabucodonosor da sua AI. Atente para a resposta de Nabucodonosor depois de ser restaurado pelo Único que *é* soberano:

> […] cujo domínio é sempiterno,
> e cujo reino é de geração em geração.
> Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada;
> e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra;
> não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?
> (Dn 4.34b-35)

A declaração de Nabucodonosor acerca do impressionante governo de Deus sobre um reino eterno apresenta uma confissão que todos nós deveríamos fazer diariamente. Vale a pena imprimir essa confissão e afixá-la no espelho em que você se olha todas as manhãs. Ela não apenas faz você lembrar-se de quem Deus é, mas também aponta mais uma vez para quem você é, e, ao fazer isso, protege você da AI, ladra de glória, que

constantemente ameaça a você e a mim neste lado da eternidade.

A importante história da Redenção, que permanece como o tema central da Bíblia, é pontilhada de representações após representações de AI. Pode-se encontrá-la na desobediência do rei Saul às ordens de Deus para destruir completamente a nação amalequita com tudo que houvesse lá (1Sm 15). Saul agiu como se fosse o responsável, achando-se no direito de estabelecer suas próprias regras e, porque pensava assim, ele saqueou para si em vez de destruir tudo, como Deus tinha ordenado. Para piorar as coisas, em vez de admitir sua desobediência induzida pela AI, ele culpou o povo de Israel. O profeta Samuel revelou os motivos reais de Saul: “Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar” (1Sm 15.23). Veja, o problema de Saul não foi que ele discordou de Deus quanto às estratégias dele ao lidar com os amalequitas. Não, Saul tinha um problema no seu coração. Seu coração estava cativo mais pelas coisas materiais do que por Deus. A AI o fez

desejar o que Deus havia proibido, rebelando-se contra as ordens inequívocas dele. Assim, numa clara afirmação de quem estava no comando e tinha a autoridade de estabelece regras, Deus virou as costas para Saul e seu reino. A AI não é apenas chocantemente cega e moralmente errada, ela também é inevitavelmente autodestrutiva.

Ou o que dizer acerca do lamentável tema do livro de Juízes, no qual o povo de Deus, que tinha sido comissionado para adorar e obedecer ao Senhor e manter-se voluntariamente dentro dos seus limites morais, repetidas vezes fazia o que era reto aos seus próprios olhos e repetidas vezes enfrentava as consequências das suas ações? Juízes relata o lamentável ciclo AI de desobediência, de disciplina de Deus, de resgate gracioso e de mais desobediência.

Depois, houve os líderes caprichosos, arrogantes e vaidosos de Israel descritos pelo profeta Amós. Numa evidente demonstração de AI, eles eram movidos muito mais pelo seu próprio poder e influência do que pelo poder e glória do Deus a quem foram chamados a adorar e a servir.

E, pelo fato de terem se esquecido de Deus, eles pouco cuidavam do povo cujo bem-estar tinha sido colocado nas mãos deles. Leia a descrição de Amós:

> [Ai de vós] que dormis em camas de marfim,
> e vos espreguiçais sobre o vosso leito,
> e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro;
> que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi,
> instrumentos músicos para vós mesmos;
> que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José. (Am 6.4-6)

Em que proporção a liderança atual, seja no âmbito político, seja no eclesiástico, é formada por líderes que sofrem de AI e, consequentemente, estão mais preocupados com seu próprio poder e posição do que com as pessoas às quais foram chamados a liderar? Talvez seja um pastor vivendo à parte ou acima do corpo de Cristo como se fosse, em essência, diferente das pessoas que lidera e não um com elas tanto nas necessidades quanto no

ministério. Ou talvez seja um político usando seu mandato mais para consolidar seu poder pessoal do que para assegurar o bem daqueles que o elegeram. De fato nós vivemos numa cultura de liderança que com muita frequência não está distante da AI dos líderes dos dias de Amós.

Ou o que dizer da horripilante história neotestamentária do infanticídio cometido por causa do ciúme de Herodes na época do nascimento de Cristo? Não estaria ela dentre os mais trágicos e inimagináveis acontecimentos ocorridos na história bíblica, ao lado da crucificação? Aqui está o breve, mas chocante relato: “[…] enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos” (Mt 2.16).

A brevidade desse relato não deve nos desviar do seu horror absoluto e impensável. Imagine o estrondoso lamento da dor insuportável das mães desoladas ecoando em cada rua da cidade de Belém e vizinhanças. Pode haver algum ato de AI pior do que esse? Por que Herodes fez uma coisa como

essa? Ele agiu dessa maneira porque não permitiria que outro rei desafiasse o seu reinado soberano. Ele fez isso porque nada influenciava mais seu coração do que seu próprio poder e glória. Ele mandou matar porque desprezava mais a perda do poder do que o massacre daquelas criancinhas.

Pode-se argumentar que cada ato horrível de desumanidade dos homens está enraizado na AI. Cada momento de assassinato tem sua fonte na AI. Cada ato de abuso físico ou sexual procede da AI. Cada momento de violência familiar tem suas raízes na AI. Cada ato de terrorismo e violência política desnecessária é derivado da AI. É a AI que nos leva a destruir a reputação de outra pessoa. A AI nos impulsiona a responder uns aos outros em amargura, inveja e vingança. A AI reside no coração do racismo, que transforma a cultura humana em um campo de batalha em vez de em uma comunidade. Quando a AI governa o nosso coração, nós nos prejudicamos mutuamente.

Considere até mesmo os discípulos, que estavam mais cativados pela sua busca por posições no Reino do que aflitos pelos sofrimentos e pela

partida do seu Mestre. Depois de Jesus revelar mais claramente do que fizera até aquele momento sobre a proximidade de sua morte e ressurreição, o diálogo que se seguiu não foi uma discussão sobre a virtual impossibilidade da morte do Messias, mas uma argumentação a respeito de quem era ou deveria ser o maior no Reino (veja Marcos 9.30-37). Os discípulos tiveram pouco tempo para contemplar a humilhação de Jesus porque estavam por demais consumidos pelas suas próprias grandezas. Mais uma vez, esses homens não estavam apenas confusos teologicamente, mas presos no beco sem saída das suas próprias grandezas. Eles eram seguidores do Messias, mas colocaram a si mesmos no centro da história. Nesse relato, o propósito da cruz bateu de frente com o propósito da AI, por isso ficou patente porque a cruz era absolutamente necessária.

Talvez não se possa encontrar um resumo mais poderoso da AI e seus resultados do que em Romanos 1:

> A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a

verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade,

> cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem. (Rm 1.18-32)

O argumento dessa passagem é que de modo algum podemos superestimar o poder e o significado da AI. Essa é realmente a batalha das batalhas. Ela é de fato a raiz e a fonte de cada coisa má que pensamos, desejamos, escolhemos, dizemos e fazemos. Ela é a razão de toda a nossa disfunção pessoal, relacional e social. Na admiração incorreta colocamos a nós mesmos ou a criação no lugar onde apenas Deus deve estar e, quando fazemos

isso, um catálogo interminável de coisas más acontece.

A AI é a razão pela qual Jesus teve de vir. É a principal doença espiritual da qual nenhum de nós consegue escapar. É a guerra das guerras que nenhum de nós tem o poder para vencer. Por quê? Porque é no nosso coração que a guerra é travada e a doença vive. Nossa única esperança é a de que um resgatador venha e nos liberte de nós mesmos. Felizmente, Deus, na sua graça admirável, conduziu as forças da natureza e governou os acontecimentos da história humana para que no tempo certo o Filho, o Salvador, o Messias, o Cordeiro, o Rei viesse, vivesse da maneira que eu deveria viver e morresse a morte que eu deveria ter morrido. Ao fazer isso, Deus possibilitou-nos não apenas ser resgatados da nossa AI e ser aceitos na sua presença, mas também tornou-nos um povo que vive momento após momento em admiração por ele.

Esta é a boa-nova: o perdão e a graça libertadora de Deus são infinitamente mais poderosos do que a AI que sequestrou o coração de

cada pecador. E essa é realmente é a melhor das boas-novas.

3
MINISTÉRIO

Aquele […] que não consegue mais parar para maravilhar-se
e permanecer enlevado está praticamente morto;
seus olhos estão fechados.
ALBERT EINSTEIN[2]

Eu estava no ministério, mas não o entendia de fato. Eu não entendia o ministério porque não entendia as pessoas às quais fui chamado para servir. Não entendia as pessoas às quais fui chamado para servir porque não entendia a vida neste terrível mundo caído. Certamente eu disse e fiz coisas úteis. Dediquei-me a pregar o evangelho de Jesus Cristo ao meu povo. Esforcei-me para aconselhar as pessoas com a sabedoria que só pode ser encontrada na Palavra de Deus, mas o meu

ministério carecia seriamente de uma perspectiva mais ampla. Eu realizava todos os tipos de atividades evangélicas, mas meu ministério não estava conjugado com uma missão centralizadora permanente e inegociável. Eu estava ocupado, mas não entendia plenamente por quê.

Tenho me encontrado com diversas pessoas no ministério ao redor do mundo que estão exatamente como eu estava. O problema não é que elas sejam incrédulas. O problema não é que elas careçam de motivos puros. O problema não é que elas deixam de fazer e dizer coisas boas. O problema é que falta a elas uma perspectiva maior e, por causa disso, com frequência perdem de vista a razão pela qual estão fazendo o que estão fazendo.

Nisso há um perigo: é sempre mais fácil para programas ruins introduzirem seus princípios no nosso coração e no nosso ministério quando estamos confusos a respeito do grandioso projeto a serviço do qual estamos. Provavelmente não é preciso que eu diga a você que as pessoas realizam seu ministério por razões diversas que não o grande projeto que deve ser o foco e direção de toda

atividade ministerial. Isso ocorreu comigo. Eu não tinha a perspectiva maior e, porque não tinha essa perspectiva maior, estava suscetível a ser seduzido por outras motivações ministeriais. O problema era que eu não sabia disso.

Não consigo dizer quantas vezes no início do meu ministério questionei se Deus realmente tinha me chamado para o ministério pastoral. É embaraçoso admitir que muitas vezes decidi deixar o ministério. Achava que o meu problema era que eu tinha sido chamado para um local difícil. Eu racionalizava que tinha sido enviado para trabalhar com pessoas excepcionalmente resistentes. Invejava o ministério de outras pessoas que pareciam exercê-lo melhor do que eu. Sonhava com uma série de outros empregos. Gemi e me queixei bastante. Sentia-me fraco e despreparado. Sabia que alguma coisa estava errada. Sabia que faltava alguma coisa, mas simplesmente não tinha um indício que fosse do que era.

Então, um dia, no mistério do amor e da sábia soberania de Deus, fui confrontado com o salmo 145, e ele mudou a minha vida. Não, não estou

exagerando. Esse salmo realmente mudou tanto eu mesmo quanto tudo a respeito do meu ministério. E tenho vivido essas mudanças desde então. Conquanto eu gostasse de dizer que a minha luta acabou, isso não aconteceu; eu apenas tornei-me um soldado mais consciente e comprometido. No entanto, o salmo 145 deu-me o que eu desesperadamente não conseguia entender: a perspectiva maior.

O programa ministerial maior:

> Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei;
> bendirei o teu nome
> para todo o sempre.
> Todos os dias te bendirei
> e louvarei o teu nome para todo o sempre.
> Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado;
> a sua grandeza é insondável.
> Uma geração louvará a outra geração as tuas obras
> e anunciará os teus poderosos feitos.
> Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade
> e nas tuas maravilhas.
> Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos,
> e contarei a tua grandeza.
> Divulgarão a memória de tua muita bondade

e com júbilo celebrarão a tua justiça.
Benigno e misericordioso é o SENHOR,
tardio em irar-se e de grande clemência.
O SENHOR é bom para todos,
e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras.
Todas as tuas obras te renderão graças, SENHOR;
e os teus santos te bendirão.
Falarão da glória do teu reino
e confessarão o teu poder,
para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos
e a glória da majestade do teu reino.
O teu reino é o de todos os séculos,
e o teu domínio subsiste por todas as gerações.
O SENHOR é fiel em todas as suas palavras
e santo em todas as suas obras.
O SENHOR sustém os que vacilam
e apruma todos os prostrados.
Em ti esperam os olhos de todos,
e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento.
Abres a mão
e satisfazes de benevolência a todo vivente.
Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos,
benigno em todas as suas obras.

> Perto está o SENHOR de todos os que o invocam,
> de todos os que o invocam em verdade.
> Ele acode à vontade dos que o temem;
> atende-lhes o clamor e os salva.
> O SENHOR guarda a todos os que o amam;
> porém os ímpios serão exterminados.
> Profira a minha boca louvores ao SENHOR,
> e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre. (Sl 145)

Está tudo aí. Aquilo de que eu desesperadamente precisava e não podia ver. Ele abriu para mim as portas do pensamento, do discernimento e do entendimento. No entanto, fez mais do que isso. Começou a resgatar-me de mim mesmo. Deixe-me explicar. Eu já havia lido o salmo 145 muitas e muitas vezes. Contudo, daquela vez uma simples frase da qual eu ainda não tinha me dado conta confrontou-me duramente. Acredito que seja a frase mais importante do salmo. Ela é a porta que leva ao que é tratado nesse salmo, a respeito do objetivo do ministério, a respeito do objetivo da vida. Comecei a pensar que esse salmo estava conduzindo meu ministério ao lugar que

tinha de estar. O que estava de fato acontecendo era que Deus estava me conduzindo. Sou muito grato por essa breve frase. Deus a usou como um instrumento para resgatar a vida deste homem que tinha perdido o caminho no seu ministério.

"Uma geração louvará a outra geração as tuas obras" (Sl 145.4). Aí estava exatamente aquilo de que eu precisava. Essa frase me fez ver com clareza que cada momento do meu ministério deve contribuir para esse objetivo. Seja no culto, nas lições às crianças, nos pequenos grupos ou mesmo no sermão, tudo isso deve ter em comum o objetivo central de demonstrar a esplendorosa glória das obras do Senhor diante do seu povo mais uma vez. Deus quer que cada momento do ministério inspire admiração no seu povo por ele. Isso deve acontecer todas as vezes. Por quê? Porque nós nos tornamos muito facilmente amnésicos quanto à adoração. Vivemos entre o "já" – a obra completa e inaugurada de Cristo – e o "ainda não" – a conclusão da obra redentora de Deus. E, visto que a vida neste período é uma grande guerra pela admiração, a geração atual de ministros deve passar

para a próxima geração sua admiração por Deus.

Não é preciso olhar muito longe para que você perceba problemas quanto à admiração em toda parte ao seu redor. O adultério é um problema quanto à admiração. Na medida em que você se esquece da glória de Deus como Criador do seu corpo e do lugar dele como proprietário de cada aspecto físico, emocional, mental e espiritual da sua pessoa, na mesma proporção será mais fácil usar os membros do seu corpo para dar todo tipo de prazer ao seu coração insaciável. Dívida é um problema quanto à admiração. Quando sua mente é surpreendida pela reflexão de que Deus lhe deu tudo o que você tem, que cada boa dádiva de fato provém dele, você fica predisposto a ser um bom mordomo das coisas que ele lhe tem dado. A obsessão por ajuntar bens é o resultado de uma amnésia quanto à admiração que o leva a procurar por coisas que só podem ser obtidas da glória de Deus, o único que pode satisfazer seu coração desejoso. Viver para o poder e o controle é um problema quanto à admiração. Quando você vive no descanso e na paz que resulta de manter diante

dos olhos o poder, a autoridade e a soberania de Deus, não precisa se esforçar para se manter no controle das pessoas ou das situações na sua vida. Glutonaria e obesidade são problemas quanto à admiração. Quando você se esquece da glória da graça satisfatória do Redentor, torna-se suscetível a permitir que coisas como a comida e a bebida tornem-se messias substitutos temporários. Temor dos homens é um problema quanto à admiração. Quando eu me esqueço de que a glória de Deus define não apenas ele mesmo, mas também quem eu me tornei como filho dele, olho para pessoas a fim de obter significado, propósito e identidade. A guerra pela admiração está em toda parte.

Assim, sei que no ministério devo pregar, ensinar e encorajar as pessoas que estão esquecidas da admiração, desencorajadas pela admiração, vazias de admiração, enganadas pela admiração, seduzidas em admiração, sequestradas pela admiração e exauridas pela admiração. Meu trabalho é dar-lhes olhos para ver a impressionante glória de Deus – sua gloriosa graça, sabedoria, poder, fidelidade, soberania, paciência, bondade,

misericórdia e amor. Além disso, é meu trabalho relacionar essa glória à experiência cotidiana dos ouvintes de um modo que cative os corações e transforme vidas. Qualquer que seja o momento do ministério ou a passagem bíblica em discussão, fui chamado para inspirar intencionalmente admiração.

Algo está errado com o culto que não consegue inspirar admiração. Algo está defeituoso na exegese que não inspira admiração. A instrução teológica que não suscita admiração é incorreta. A cultura bíblica que não consegue estimular admiração está incompleta. Quando um discipulado pessoal não produz admiração vertical, algo está faltando. Esse é o programa principal de todo tipo de ministério e, quando comecei a segui-lo, ele colocou meu ministério numa trajetória completamente nova, na qual se mantém até hoje.

Ministramos a pessoas que são projetadas para admirar, que perderam sua admiração e que precisam recuperá-la novamente para que não apenas vivam em admiração por Deus, mas também transmitam essa admiração à geração seguinte. Pense nisso. Esse é o trabalho dos pais,

por exemplo. Vocês são chamados por Deus para inspirar admiração reverente nos seus filhos. É muito difícil que seus filhos possam sentir-se estimulados em relação à graça salvadora de Deus e aos mandamentos orientadores de vida da sua Palavra se eles não percebem em você qualquer admiração pelo Doador dessas coisas. Você foi chamado a algo que é muito mais profundo do que ser um legislador, um executor da lei e aquele que aplica a punição. Você deve exercer sua autoridade de modo a dar aos seus filhos olhos para ver a presença, o poder, a autoridade e a graça impressionantes de Deus. Quando seus filhos são impressionados pela glória de Deus, eles se predisporão a buscar a graça e a submeter-se à vontade dele.

Quanto a isso, a oração do Senhor é um modelo para nós. A oração que Jesus nos ensinou a fazer é uma “oração de admiração” em vez de uma “oração de petição”. Do “Pai nosso” até o “faça-se a tua vontade”, essa oração apresenta uma maneira de pensar, viver e aproximar-se de Deus inspirada pela admiração por ele. Apenas a admiração por ele

pode definir em você e em mim um senso verdadeiro do que realmente necessitamos. Tantas das nossas orações são listas egoístas de desejos pessoais que não têm um propósito maior do que tornar a nossa vida um pouco mais confortável. Elas tendem a tratar Deus muito mais como um atendente pessoal de loja do que como o Pai-Rei santo e sábio. Esse tipo de oração se esquece da glória de Deus e anseia por uma experiência maior das glórias do mundo criado. Elas são feitas sem temor, reverência, assombro ou adoração. Elas se parecem muito mais com visitas ao *site* de compras divino do que com o dobrar de joelhos em adoração e reverência. São motivadas mais pela admiração por nós mesmos e dos prazeres do que por um coração animado e que produz satisfação na admiração pelo Redentor, ao qual estamos orando.

Obviamente, a oração-modelo de Cristo segue a ordem certa. Ela não é apenas um modelo para as nossas orações pessoais, mas para o nosso ministério também. É apenas quando meu coração estiver cativo pela admiração por Deus que vou ter um senso correto da minha identidade. E é apenas

quando eu vir minha identidade corretamente que vou ter um sentido correto de necessidade e uma disposição para abandonar o meu plano em favor do maior e mais glorioso plano de Deus. Assim, no ministério, nós nos esforçamos para dar vista aos cegos, para revelar a glória que para muitos foi perdida e para inspirar a admiração no coração daqueles nos quais a capacidade de admiração está fraca ou foi sequestrada por alguma admiração substituta horizontal.

PROTEÇÃO PESSOAL NO MINISTÉRIO

Já escrevi sobre isso, mas é importante enfatizar. Apenas uma admiração funcional por Deus, direcionando o coração e modelando o ministério, tem o poder de proteger-me de mim mesmo no ministério. É vergonhoso admitir, mas tenho sido confrontado com o fato de que o maior perigo para mim no ministério sou eu mesmo. O risco é que a familiaridade provoque em mim a perda da admiração. A familiaridade com a glória de Deus é um maravilhoso dom da graça. Ser chamado por Deus para ser íntimo dessa graça,

pensar a respeito dela e comunicá-la a outros é um privilégio inexprimível. Porém, é igualmente muito perigoso porque muito rapidamente eu passo de qualquer vácuo na admiração por Deus no meu coração para a admiração por mim mesmo.

Tenho visto isso acontecer na minha vida e na vida de muitos outros no ministério. Quando substituímos a admiração por Deus pela admiração por nós mesmos, ao mesmo tempo permitimo-nos fazer coisas no ministério que nenhum ministro deveria fazer – ser controlador, autoritário, hipócrita, teologicamente arrogante, defensivo, isolado e crítico. Damos vazão a pensamentos, desejos e comportamentos que não são condizentes com o evangelho. Começamos a pensar que na nossa essência somos diferentes das pessoas às quais fomos chamados a servir. Permitimo-nos permanecer acima das coisas que ensinamos. Começamos de modo sutil a ver-nos diplomados na graça. Racionalizamos nossos pecados e defendemos nossa honradez. Ensinamos a graça, mas estamos sem a graça nas nossas assembleias, nas nossas reuniões e na nossa família. Abordamos

as obrigações ministeriais como um fardo e não como uma alegria. Permitimo-nos desenvolver atitudes de amargura e ressentimento contra aqueles que percebemos como sendo nossos detratores. Pregamos e ensinamos sobre o amor, mas não somos exemplos de amor.

Por que todas essas coisas acontecem? A resposta é simples, mas ela irá ofendê-lo. Coisas assim acontecem porque estamos cheios de nós mesmos. Temos substituído a admiração por Deus pela admiração por nós mesmos e a colheita disso não tem sido boa. Mas a admiração por Deus nos protege contra essas armadilhas. Aqui está como:

1. *É pressuposto que seu ministério seja moldado pelo temor de Deus*. O ministério é sempre moldado por algum tipo de temor. Caso ele não seja moldado, motivado e direcionado pelo temor de Deus, ele será moldado pelo temor dos homens, das circunstâncias, do futuro, de não ser realmente chamado, das tensões entre família e ministério ou dos infortúnios financeiros. Apenas quando o temor de Deus captura o meu coração é que estou livre de ser dominado e paralisado por

uma multidão de outras tentações ministeriais.

2. *É pressuposto que no seu ministério você se sinta pequeno, fraco e incapaz*. Fui muito bem no seminário, de modo que me formei com uma atitude "traga-me o mundo; estou mais do que preparado". Eu era arrogante e autoconfiante. Tinha uma mentalidade muito mais de um messias do que de um servo. Estava tomando uma direção na qual seria rudemente despertado. Nenhuma das pessoas às quais fui chamado para servir viu-me como o messias que eu pensava ser. Cometi quase todos os erros que um jovem pastor poderia cometer exatamente por estar tão assustadoramente autoconfiante.

Veja, a admiração por Deus fará você se sentir pequeno, o que é bom, visto que é o que você e eu somos. A admiração por Deus fará você se sentir indigno para a tarefa. Ela confrontará você com uma inabilidade saudável. Esse senso produzirá não apenas uma confiança na sabedoria, no poder e na graça de Deus, como também o tornará humilde, acessível, paciente, bondoso, apaixonado e disposto. Quando você for impressionado pela

glória do Salvador e pela sua cruz, será direcionado à cruz a fim de receber o caráter e o vigor necessários para representar bem o Salvador na vida daqueles à sua volta. Você não será tão rápido a assumir ares de infalibilidade. Será rápido em admitir a sua necessidade. Estará obcecado não pelo quanto as pessoas respeitam você, mas pelo quanto elas adoram o seu Redentor. O temor é sempre derrotado apenas pelo temor. Apenas a admiração por Deus pode de fato privar a admiração horizontal do seu poder. A admiração por Deus coloca você no seu lugar no ministério e mantém você lá. Quando souber quem Deus é e avaliar corretamente quem você é, estará apto para ministrar com humildade, esperança e coragem.

3. *Ministrar deve ser algo bem maior do que completar uma lista de tarefas*. É muito fácil o ministério ser reduzido a uma série de obrigações repetitivas. É muito fácil perder a visão maior. É mais fácil do que pensamos perder de vista o Deus maravilhoso a quem servimos em meio aos dias, semanas e meses de tarefas ministeriais. É tentador reduzir o ministério aos planos estratégicos,

iniciativas orçamentárias, treinamento de liderança, administração patrimonial e o catálogo cíclico de reuniões importantes. E rapidamente podemos esquecer a razão para realizarmos todas as coisas que realizamos.

Você foi chamado para a posição elevada de tornar a invisível glória de Deus visível às pessoas que rapidamente perdem de vista a glória de Deus e começam a procurar outras glórias em outros lugares. Você não pode desejar fazer parte de algo mais importante do que isso. A visão da glória de Deus deve alimentar e proteger todos os nossos planejamentos estratégicos. A adoração – não o sucesso nem a obsessão por crescimento – deve direcionar todas as nossas decisões sobre finanças e patrimônio. O desenvolvimento de líderes não é apenas despejar conhecimento teológico e habilidade ministerial, mas chamar a pessoa para liderar com o coração cativo pela admiração por Deus. Uma pessoa no ministério que se levanta toda manhã para o fardo de cumprir uma lista de tarefas de um emprego e não para a alegria da glória do Deus maravilhoso é uma pessoa com

problemas no ministério.

4. *A batalha espiritual do ministério refere-se integralmente à admiração*. A grande batalha contínua no ministério não é a batalha pelo tempo, pelas finanças, pela liderança ou pela estratégia. A grande batalha é a batalha pela admiração. O temor dos homens que absorve muitas pessoas no ministério e produz nelas timidez e concessões é um problema quanto à admiração. Perda de sono por causa da ansiedade quanto às finanças da igreja é um problema quanto à admiração. Ser governados e controlados pelos nossos próprios planos para a igreja é um problema quanto à admiração. Ser consciente demais a respeito de como as pessoas veem você e reagem a você é um problema quanto à admiração. Acomodar-se na mediocridade ministerial é um problema quanto à admiração. Ser por demais dominador e controlador no nosso ministério é um problema quanto à admiração. Ser hipócrita e defensivo é um problema quanto à admiração. Viver em isolamento pelo temor de ser conhecido é um problema quanto à admiração. A arrogância teológica de estar “sempre certo” é um

problema quanto à admiração. Apenas a admiração por Deus pode produzir o equilíbrio entre humildade e audácia que marca todos os ministérios de sucesso.

5. *A admiração por Deus é a única lente através da qual se pode avaliar com exatidão o sucesso ou o fracasso do ministério*. Somente quando eu vir as inevitáveis dificuldades do ministério diário através das lentes da glória, da soberania, da graça, da sabedoria, do poder, da confiabilidade, da misericórdia e do amor de Deus é que verei meu ministério com exatidão. Se estou comparando o tamanho das dificuldades do meu ministério com os recursos limitados da minha sabedoria, retidão e força, faço essa comparação apenas porque estou com uma amnésia funcional quanto à admiração. Essa é a realidade em que todo ministério se desenvolve: o Deus de glória inconcebível, que me enviou, nunca me enviaria a realizar sua obra sem ir comigo. Nunca estarei sozinho em nenhum momento do meu ministério; nunca serei abandonado no campo de batalha espiritual.

6. *Seu estilo de vida ministerial sempre revela o que cativou sua admiração*. É de fato verdade que o ministério de uma pessoa nunca é moldado por conhecimento, experiência e habilidade, mas pela verdadeira condição do coração. Assim, todo ministério acaba expondo o coração. Talvez eu tenha vivenciado uma tensão entre minha família e meu ministério porque meu coração tinha sido cativado pela admiração pelo sucesso no ministério e, uma vez que isso aconteceu, tornei-me um viciado em ministério. Essa condição do coração significa que, tendo de escolher entre o ministério e a família, o ministério sempre vence. Ou talvez meu coração tenha sido capturado pela admiração pelo poder e o resultado disso é que sou dominador e controlador. Ou pode ser que meu coração esteja cativado pelo respeito dos outros; e, por causa disso, sou tentado a ser flexível em áreas nas quais Deus me chamou para ser mais rigoroso. A admiração por alguma coisa sempre molda seu ministério. Seu ministério estará protegido apenas quando ele é mantido seguro e puro por um coração controlado pela admiração por Deus e pela sua glória santa.

7. *Finalmente, esta é a batalha, o perigo grande e perverso que espreita nas sombras da vida de cada pessoa no ministério: a familiaridade*. A familiaridade tende a cegar nossos olhos e a entorpecer nossos sentidos. Aquilo que uma vez produziu admiração em nós agora mal chama a nossa atenção. Esse é o grande perigo no ministério do evangelho. Assim, você deve comprometer-se a ser humildemente vigilante. Deve iniciar cada dia tendo os olhos do seu coração concentrados na impressionante glória de Deus e na sua maravilhosa graça transformadora de vida. Deve resistir a permitir que a familiaridade substitua a glória divina por um ministério mundano.

Isso mesmo; no ministério, todos nós encaramos uma batalha diária pela admiração. Porém, não estamos sozinhos. O Deus da graça maravilhosa a quem servimos é o Deus não apenas de graça no passado e no futuro, mas também da graça no presente. Sua graça no presente faz por você o que você não pode fazer por conta própria: ele resgata você de você mesmo. Sua graça protege você do tédio e do capricho no seu ministério. Sua

graça abre os olhos e captura corações extraviados. A esperança verdadeira para o nosso ministério encontra-se no zelo incansável da sua graça exatamente aqui e agora.

4
SUBSTITUIÇÃO

O mundo nunca morrerá de fome por falta de maravilhas,
mas apenas pela falta de admiração.
G. K. CHESTERTON[3]

Isso simplesmente não existe. É humanamente impossível. Seria contrário ao curso natural da humanidade. Sobre o que estou falando? Falta de admiração. É impossível para um ser humano viver uma existência sem estar tomado pela admiração.

Tornei-me avô recentemente. Outro dia, enquanto segurava minha netinha de 5 meses, comecei a pensar a respeito da admiração e da vida dela que estava no início. Eu estava segurando uma pequena pessoa projetada para a admiração e inspirada pela admiração. Nesse momento, a única coisa que cativava toda a admiração dela eram os

dedos dos seus pés. Ela curvou-se sobre as pernas, pegou seus pés com as mãos e, então (como você adivinhou), colocou seus dedinhos na boca – o destino de tudo o que chama a sua atenção. Mas não vai demorar muito antes que vejamos sua capacidade de maravilhar-se começar a moldar seus pensamentos, desejos, escolhas, decisões, palavras e ações.

Ela irá desenvolver um vocabulário de admiração:

> “Isso me deixa pasmada.”
> “Não posso acreditar que ele fez isso.”
> “Se apenas eu tivesse _____, então eu seria _____.”
> “Sonho com isso o tempo todo.”
> “Não preciso de muito para me fazer feliz, apenas me dê _____.”
> “Quando crescer, eu quero _____.”
> “Pergunto-me como é ter _____.”
> “Não consigo acreditar que ela conseguiu o que eu sempre quis.”
> “É tão legal; não consigo parar de pensar a respeito disso.”
> “Eu só quero experimentar isso mais uma vez.”

Todas as pessoas compartilham esse vocabulário porque nós, como minha netinha, somos projetados para a admiração. No entanto, esse vocabulário também revela um princípio profundamente espiritual, formador de vida e frequentemente imperceptível que opera em toda a nossa vida. É o princípio da *substituição*. Cada pecador rapidamente troca a admiração pelo Criador pela admiração de alguma coisa na criação. Em Romanos 1, enquanto o apóstolo Paulo estava argumentando sobre a pecaminosidade humana e a necessidade da graça salvadora, ele observa que "eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!" (Rm 1.25).

Agora, observe a dinâmica espiritual nesse caso. A dinâmica da substituição exige que se aceite uma mentira devastadora. É a mentira das mentiras, a mentira que foi contada pela primeira vez no jardim do Éden. É a mentira que destrói incontáveis vidas, esmagando-as com expectativas irreais, desapontamento, ira e desesperança. É a mentira que leva à morte. Qual é esse poderoso

engano? É a crença de que se pode encontrar vida em algum lugar fora do Criador. É a esperança de que a paz, o descanso, o contentamento, a satisfação e a alegria espirituais verdadeiros podem ser encontrados em algum lugar na criação. Por terem acreditado nessa mentira, Adão e Eva deliberadamente rebelaram-se contra a posição e os mandamentos de Deus. A Escritura é cheia de tristes histórias de desobediência, violência, idolatria, ganância, inveja, desonestidade, roubo e assassinato que resultam de se acreditar nessa mentira.

Se os seres humanos foram criados para viver com o coração cativado e a vida modelada pela admiração por Deus – e eles foram –, então, ao trocar a admiração por Deus pela admiração por qualquer outra coisa eles nunca alcançarão nada de bom. No entanto, isso se torna ainda mais terrível e mais pessoal, pois nessas substituições geralmente não apenas colocamos a criação no lugar do Criador. É mais catastrófico do que isso. No nível mais básico do coração, de alguma maneira nós sempre substituímos a admiração por Deus no

nosso coração pela admiração por nós mesmos.

Pense em Adão e Eva no momento da tentação no jardim. Qual foi a isca? Bem, não foi o cheiro e o fascínio visual do suculento fruto proibido. Em Gênesis 3 está a descrição dessa isca: “Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3.5-6). Sim, o fruto era comestível e, sim, era agradável aos olhos, mas o que a serpente vendeu, e Eva desejou, era fundamentalmente diferente de um alimento proibido. O que a serpente ofereceu a Eva – criatura de Deus – foi a esperança de que ela poderia ficar no lugar do Criador. Ela poderia ser como ele. Poderia ter sabedoria que não dependesse dele. Poderia estar no centro. Poderia conhecer e vivenciar a glória que pertence somente a Deus. Adão e Eva não estavam exatamente em busca do fruto proibido, eles estavam em busca do lugar de Deus.

Isso é o que o pecado faz a todos nós. Num nível profundo e frequentemente imperceptível, o pecado substitui a adoração a Deus pela adoração ao eu. Ele substitui submissão pelo autogoverno. Substitui a gratidão pela exigência por mais. Substitui fé pela autoconfiança. Substitui a alegria vertical pela inveja horizontal. Substitui o descanso na soberania de Deus pela busca por controle pessoal. Vivemos para a nossa própria glória. Elaboramos nossas próprias regras. Pedimos aos outros que sirvam ao nosso programa.

Amaldiçoamos qualquer obstáculo que se coloque no nosso caminho. Odiamos ter de esperar. Ficamos transtornados quando não obtemos o que desejamos. Revidamos quando acreditamos ter sido injustiçados. Fazemos tudo o que podemos para satisfazer nossos desejos. Pensamos demais a respeito dos nossos próprios prazeres. Invejamos aqueles que têm o que achamos que merecemos. Ficamos amuados quando achamos que fomos negligenciados. Odiamos sofrimento de qualquer tipo. Manipulamos outros para nosso benefício próprio. Tentamos nos colocar em posição de poder

e controle. Somos obcecados pelo que é melhor para nós. Exigimos mais do que nos servem e tomamos mais do que nos é dado. Ansiamos por ser os primeiros e odiamos ser os últimos. Somos preocupados demais em estar certos, ser notados e ser aprovados. Achamos mais fácil julgar os que nos ofendem do que perdoá-los. Exigimos que a vida seja previsível, satisfatória e fácil. Fazemos todas essas coisas porque estamos cheios de nós mesmos, mais cheios da admiração por nós mesmos do que por Deus.

É sobre isso que Paulo está falando quando escreve que “ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.15). Nessa passagem, encontramos a grande substituição novamente. É o que o pecado faz a todos nós; não mais vivendo para Deus, vivemos para nós mesmos. A miríade de disfunções da comunidade humana pode ser rastreada até esse ponto único: admiração. Quando substituímos a admiração vertical pela admiração do eu, coisas ruins acontecem na comunidade horizontal.

SUBSTITUINDO A ANSIEDADE

Nós a vemos de milhares de formas todos os dias. Se prestar atenção descobrirá que a linguagem universal dos pecadores neste mundo perdido é a reclamação. Quando você está no centro, quando se sente no direito, quando seus desejos dominam seu coração e quando tudo gira em torno de você, você terá muito do que reclamar. É impressionante como é mais natural para nós a reclamação do que o agradecimento ou o quanto tendemos mais a resmungar do que a louvar. Falamos muito mais sobre o que queremos do que sobre o que recebemos. Observe o quanto comparamos o que possuímos com o que outros têm ou em que pequena proporção do tempo nós nos sentimos satisfeitos. Ouça as pessoas por algum tempo e você ouvirá o zumbido da reclamação mais frequentemente do que ouvirá a melodia da gratidão. Veja, não temos primeiramente um problema de reclamação. Não, temos um problema quanto à admiração que resulta numa vida de insatisfação e reclamação pessoal. Quando a admiração pelo eu substitui a admiração por Deus,

o louvor será raro e a murmuração abundante.

A admiração está na base de uma ampla gama de lutas humanas. Jim estava *desapontado*. Ele tinha esperado por aquela promoção por anos. Tinha feito todas as coisas certas. Tinha conseguido ser apresentado a todas as pessoas certas. Tinha jogado bem o jogo, mas a promoção foi dada a outra pessoa. No seu desapontamento, tudo o que pensou em fazer foi demitir-se. Ele não permitiria que o tratassem daquela maneira. Agora, está desempregado há um ano e meio e não sabe o que fazer.

Janice estava muito *magoada*. Ela tinha sido uma amiga leal. Fora o suporte de Sue por diversas vezes. Pensava que ambas tinham uma ligação de irmãs. Ela era filha única e estava muito feliz por finalmente ter um relacionamento de “irmã” na sua vida. O pensamento de que elas poderiam ser melhores amigas para sempre a fazia sorrir – até Sue informar-lhe que iria se mudar. Ela já sabia disso havia seis meses, mas não tinha dito nada a Janice. Quando Janice descobriu, o aposento escureceu. Ela não conseguia respirar e recusou-se

a abrir-se para outra pessoa desde então. Passados dez anos, ela ainda procura saber o que aconteceu a Sue.

George estava tão *irado* que queria bater na parede até fazer um buraco. Ninguém escaparia impunemente ao desrespeitá-lo daquele jeito, especialmente seu próprio filho. Ele mal podia esperar que ele chegasse, e quando isso acontecesse, George o faria pagar por cada milímetro daquele desrespeito. “Minha casa, minhas regras e minha reputação”, George dizia para si mesmo repetidas vezes enquanto aguardava seu filho chegar.

“Eu poderia morrer hoje e ninguém perceberia”, queixava-se Calebe. *Depressivo* e sozinho, tudo o que ele queria fazer era morrer. “Por que nada de bom acontece comigo? Onde estão todos os amigos que tive? Qual é o problema? Tenho 42 anos, um emprego horrível e pais idosos – bela vida! Acordo pela manhã e não consigo encontrar uma razão para viver. Queria poder desligar o botão de respirar”.

Ele sentia que não era pedir muito: “Que a minha vida fosse fácil e um tanto previsível pelo

menos uma vez. Se eu tiver isso, estarei satisfeito". Heitor estava muito *frustrado*. Parecia-lhe que tinha um alvo nas costas. Isso porque a cada passo que dava para frente, era jogado três para trás. "Não consigo mais lidar com isso. Só quero viver para trabalhar", ele gritava enquanto sua frustração fervia nele.

Ela costumava gostar de sair com Jen, mas isso tinha se tornado cada vez mais difícil. Elas tinham se casado ao mesmo tempo. De fato, elas tinham falado em ter um casamento em conjunto. Sempre que estavam juntas, Jen falava sobre o quanto o seu casamento era maravilhoso. Mas o casamento de Emily não era tão feliz quanto ela desejava. Emily não conseguia parar de *sentir inveja*. Por que Jen havia conseguido viver seu sonho? Emily começou a dar desculpas para não se encontrar com Jen. Tudo aquilo parecia injusto para ela.

Dan só queria ser aceito. Ele queria muito fazer parte de um grupo legal de atletas no colégio que parecia ser o centro das atenções onde quer que eles estivessem. Ele estava consciente demais sobre como eles reagiam a ele, embora não percebesse

que eles sabiam disso. Eles tinham o poder de tornar o seu dia bom ou um desastre. E o seu *temor* de nunca ser aceito o deixava nervoso e desajeitado com as pessoas à sua volta, o que fazia com que ele fizesse coisas tolas e embaraçosas. Quanto mais se concentrava na sua aceitação por eles, mais longe ela parecia.

John era o quintessencial *solitário*. Ele não confiava em ninguém. Não se abria para ninguém. Não dava a ninguém a oportunidade de tirar vantagem dele. Tinha sido ferido por vezes demais e isso não aconteceria novamente. Vivia com seu escudo o tempo todo. Era mestre em desconversar. Vivia atrás de paredes emocionais impenetráveis. Não participava de nada e andava sozinho o tempo todo, e essa era exatamente a maneira que ele queira que fosse. Não precisava de ninguém na sua vida a não ser ele mesmo.

Liz era a definição de *desesperança*. Ela havia procurado em todo lugar por vida, mas foi em vão. Tinha se comprometido com incontáveis atividades e grupos, contudo eles lhe trouxeram mais tristeza do que bênçãos. Liz não tem motivação para fazer

mais nada e precisa forçar-se a levantar da cama toda manhã para ir trabalhar. Há muito tempo ela já desistiu da sua igreja. Mais de uma vez ela disse a si mesma: “Se a vida está lá fora, eu a perdi, e estou cansada demais para continuar a procurar”.

Comendo com raiva, ele determinou acertar as contas. Rick estava desejoso de *vingança*. Ele raciocinava que nada era mais importante do que a justiça. Estava determinado a corrigir os erros, não importava que fossem grandes ou pequenos. Quando se tratava da justiça, ele achava que não se pode depender de ninguém; de algum modo, a própria pessoa devia fazê-la acontecer. E ele faria isso.

O PROBLEMA DA ADMIRAÇÃO EM AÇÃO

À primeira leitura, as histórias dessas pessoas parecem muito diferentes, mas conquanto elas difiram em certos sentidos, cada uma das lutas delas é resultado do mesmo problema básico. O centro das lutas delas não é com as pessoas,

situações ou posições de suas vidas. Não, os desapontamentos com as pessoas, as situações e as posições produzem essas emoções porque todas elas sofrem de um problema mais profundo: um problema quanto à admiração. Deixe-me capturar suas lutas com alguns princípios.

1. *Sua vida emocional é sempre uma janela para o que cativou a sua admiração*. É totalmente claro que suas emoções sempre revelam os pensamentos, motivos, desejos, anseios, esperança e sonhos do seu coração. Sendo isso verdadeiro, segue-se também que altos e baixos emocionais, as alegrias e tristezas estão relacionados e decorrem do que cativa a sua admiração. Se eu vivo uma vida moldada pela admiração pela riqueza, vou celebrar quando vier o sucesso financeiro e vou me aborrecer em face de perdas monetárias. Somente quando uma admiração maior do que a admiração pelas coisas materiais criadas cativar o meu coração é que vou ser libertado da montanha-russa emocional e vou viver com paz constante e descanso no meu coração. Isso pode ser claramente visto nas histórias acima.

2. *A amnésia quanto à admiração sempre nos leva à substituição da admiração*. Os breves relatos anteriores também demonstram o princípio da substituição, que é o tema deste capítulo. Cada pessoa de alguma maneira e em algum nível substituiu a admiração por Deus pela admiração por alguma outra coisa. O deleite e a satisfação do coração delas foram fisgados por algo que não Deus. O problema é que as pessoas não discernem esse fato porque ele raramente aparece no nível da teologia formal, confessional. Elas podem ter uma teologia de admiração que coloca Deus no centro, mas, entre os domingos, elas vivem como se ele não existisse e na expectativa de poder sentir admiração ao vivenciar algo na criação. Estão magoadas, iradas, invejosas e frustradas, não apenas porque a vida tem sido diferente do que elas desejariam, mas porque a substituição da admiração tem tornado o seu desapontamento a realidade mais profundamente desencorajadora para elas.

3. *Nós trocamos a admiração vertical pelo vício horizontal*. Estou profundamente convencido de que, muito mais frequentemente do que

pensamos, a verdadeira adoração é substituída pela obsessão. Quando meu coração está encantado pela glória impressionante e pela absoluta imutabilidade de Deus, quando estou vivendo em consciente admiração por ele, não tenho necessidade de procurar de modo vigilante pela vida dia após dia. A admiração vertical deixa o meu coração sossegado. Ela dá à minha alma descanso. Produz contentamento e satisfação.

A admiração horizontal é obsessiva e viciante porque as coisas pelas quais estou buscando não têm qualquer capacidade de me dar o que apenas Deus pode dar. Na melhor das hipóteses, a satisfação que essas coisas dão é temporária e, por ser de curta duração, preciso voltar a elas repetidas vezes. Pelo fato de ter de voltar intermináveis vezes, eu permaneço buscando por isso o tempo todo. E pelo fato de que elas realmente não satisfazem, preciso de mais e mais de qualquer coisa que me dê a satisfação que estou procurando. Pelo fato de que o mundo material criado nunca me salvará, ele jamais poderá dar um descanso duradouro ao meu coração. Como observamos,

nenhuma das pessoas nas histórias narradas tinha o coração em paz.

4. *Rapidamente substituímos a admiração por Deus pela admiração pelo eu*. A amnésia quanto à admiração vertical sempre termina por me colocar no centro. Ela realmente faz com que a vida seja toda em torno de mim. A admiração por Deus significa que vivo sabendo que há uma história maior que a minha história pessoal. A admiração por Deus me faz saber que há um reino maior do que meu pequeno reino individual. A admiração por Deus me faz entender que Deus tem um plano maior e melhor que qualquer plano que tenha para mim. A admiração por Deus me torna humilde. Ela me coloca no meu lugar. Ela me faz lembrar que sou pequeno, que, desde que sou uma criatura Daquele que é muito maior, não posso ser o centro de tudo.

Quando me esqueço Daquele que é impressionante e glorioso que fez e sustenta tudo pelo poder absoluto da sua vontade magnificente, sempre colocarei a mim mesmo no centro. Isso significa que nenhuma história será mais

importante para mim do que a minha história. Não desejarei saber nada além de como estou me sentindo. Não terei nenhuma preocupação maior do que minha satisfação e meu conforto. Pedirei que a vida me sirva, que se submeta aos meus interesses e me dê o que peço. Esse ponto de vista me garantirá uma vida de imenso desapontamento. E não apenas isso, essa será também um maneira insana de viver. Não sou o centro de todas as coisas. O mundo não vai satisfazer às minhas exigências. Deus não irá oferecer seu magnífico trono para mim. A admiração pelo eu e a adoração do eu estão na base de toda maneira autodestrutiva de viver.

5. *Apenas a graça pode nos devolver a admiração por Deus*. A dinâmica da substituição da admiração, de que a admiração por Deus é rapidamente substituída pela admiração pelo eu, só pode levar para um lugar: a cruz do nosso Senhor Jesus Cristo. Veja, nosso problema não é que vivemos num mundo de coisas que inspiram admiração. Não, nosso problema é mais fundamentalmente interior e pessoal. O pecado nos leva a querer para nós o que pertence somente a

Deus. O pecado nos leva a buscar a posição que pertence unicamente a ele. O pecado nos faz por demais empenhados na consecução dos nossos planos, a trabalhar duro para estabelecer nossa própria soberania. O pecado nos leva a querer escrever nossas próprias regras e a seguir o nosso próprio caminho. O pecado nos faz nos concentrarmos obsessivamente em como nos sentimos, como nos sentimos sobre como nos sentimos e como nos sentimos sobre o que precisamos fazer para alterar a maneira como nos sentimos. O pecado nos torna amnésicos em relação a Deus e, porque estamos assim, tornamo-nos desesperados, focados em nós mesmos, infelizes, exigentes e viciados, frustrados no mundo criado.

Não é apenas que perdemos nossa mente espiritual na Queda. Não, perdemos também boa parcela da nossa humanidade. Nenhum ser humano foi projetado para viver dessa maneira. É um modo de vida irracional e autodestrutivo. De fato, a Bíblia chama a pessoa que vive dessa maneira de insensata (veja Salmo 14). O problema é que todos

os pecadores substituem Deus por alguma coisa. Isso é tão natural e intuitivo para nós quanto respirar. Colocar a nós mesmos no centro da nossa admiração é o DNA do pecado.

Esse padrão humano de substituir a admiração por Deus pela admiração pelo eu lembra-nos de como a admiração incorreta distorceu nosso coração e nosso mundo. A AI está no centro de todas as escolhas desastrosas, disfunção familiar, violência, vingança, idolatria, inveja, ganância, imoralidade, insensatez, materialismo, fome por poder, descontentamento e egolatria no nosso mundo. A AI realmente é a praga hereditária e comunicável que corrói o coração de cada pessoa que nasce neste mundo. Ninguém escapou nem descobriu uma maneira de imunizar-se. Nosso próprio autoengrandecimento louco resulta dessa troca fundamental de admiração. Quando nos colocamos no centro da história, não apenas nos tornamos rebeldes contra Deus como também nos tornamos um perigo para nós e para os outros. E, uma vez que somos nosso maior problema, somos impotentes para nos ajudar.

Avançando um pouco mais: se nosso problema é essa tendência universal à substituição da admiração, então é o auge do absurdo teológico pensar que a lei pode nos libertar. Que conjunto de regras pode destruir nossa escravidão a nós mesmos ou a nossa tendência de colocar a criação no lugar em que apenas o Criador deve estar? Que conjunto de leis pode fazer voltar nossa capacidade de nos maravilharmos, de ficarmos encantados, de adorar e de admirar? A lei pode nos revelar o quanto colocamos nós mesmos no centro da história, mas não tem poder para colocar Deus novamente no seu lugar de direito no nosso coração. Somos confrontados com a total insensatez de repetidamente esperar da lei o que apenas a graça pode realizar.

Nenhuma solução humana pode consertar nossos instintos para a substituição e nosso estilo de vida de substituição. Nenhum conjunto de regras nos libertará. Nenhuma percepção política ou social nos libertará. Encontramos o inimigo, e ele é nós mesmos e, por isso, não temos poder para vencê-lo. *Nós nos esqueceremos* de Deus e o substituiremos

por qualquer outra coisa. *Colocaremos* a nós mesmos no centro. E, assim, *viveremos* vidas forçadas e insatisfeitas, egoístas e imorais no sentido mais profundo dessas palavras. E *seremos* um perigo para nós mesmos e para os outros, pois apenas quando Deus está no seu lugar de direito é que colocaremos tanto nós quanto os outros no lugar correto no nosso coração.

Essa é a razão pela qual Jesus teve de vir. A lei não era suficiente. A teologia revelada nas Escrituras não era suficiente. Reis, juízes e profetas não foram suficientes. Necessitávamos de um modo no qual Deus pudesse nos perdoar do fato de termos roubado a admiração e um modo pelo qual ele nos libertasse da nossa escravidão a nós mesmos. E esse modo deveria ser exercido sem comprometer a santa posição e a justiça de Deus. Esse modo foi o Senhor Jesus Cristo. Ele veio e viveu perfeitamente a fim de que pudesse ir à cruz como o Cordeiro imaculado. Ele morreu voluntariamente satisfazendo a justa exigência de Deus. Ele ressuscitou, vencendo o poder do pecado e da morte sobre nós. E, em parte, a razão para que

Cristo realizasse tudo isso foi nos devolver a admiração, para que vivêssemos para ele outra vez e celebrássemos sua maravilhosa glória, não apenas hoje, mas por toda a eternidade.

Assim, temos apenas um lugar de esperança, uma rocha sólida em que nos ancorar e essa rocha é Jesus Cristo. Apenas quando reconhecermos que temos um coração volúvel em questões de admiração é que começaremos a procurar e a nos agarrar na graça de Jesus que perdoa, transforma, resgata e liberta. No grau em que negamos as perambulações quanto à admiração do nosso coração, nesse mesmo grau desvalorizamos a graça que é nossa única esperança na vida e na morte.

Quando aceitarmos humildemente a péssima notícia de que substituímos a nossa admiração é que então buscaremos e celebraremos a boa-nova da graça de Deus. Por causa da obra de Cristo, essa graça é nossa para nos apropriarmos dela.

5
AMNÉSIA

Não há uma só folhinha de grama nem uma só cor neste mundo cujo propósito não seja fazer o homem feliz.

JOÃO CALVINO[4]

É a pior forma de cegueira. A habilidade física de ver desprovida da habilidade espiritual de realmente ver o que se está vendo. É a capacidade de olhar as maravilhas, coisas projetadas especificamente para comover a pessoa e deixá-la sem fôlego por causa da admiração, mas não ser mais comovida por elas. É a triste condição de bocejar diante da glória.

Lembro-me de ter levado meu filho mais novo a uma das galerias de artes nacionais em Washington, D.C. Eu estava bastante ansioso

enquanto nos aproximávamos do que iríamos ver. Ele estava completamente indiferente. Mas eu pensava que, uma vez lá dentro, ele teria sua mente maravilhada e me agradeceria pelo que havia feito a ele naquele dia. No entanto, a mente dele não foi impressionada. Vi coisas de beleza tão admirável que cheguei perto das lágrimas. Ele bocejou, resmungou e se queixou enquanto íamos de uma coleção de quadros para outra. A cada nova coleção, eu ficava encantado, mas a cada movimento em direção a um novo espaço de arte, ele me implorava para ir embora. Estava rodeado por glória, mas nada viu dela. Encontrava-se entre maravilhas, mas sentia-se morrendo de tédio. Seus olhos funcionavam perfeitamente, mas seu coração estava completamente cego. Ele via tudo, mas não via nada.

Infelizmente, demais de nós vivemos dessa maneira todos os dias, embora Deus tenha projetado o mundo em que vivemos para que fosse um “gloriascópio”. O que esse termo significa? Assim como um telescópio aponta para as estrelas e as aumenta para vermos sua glória resplandecente,

do mesmo modo a terra concentra nossos olhos em Deus expandindo sua glória para produzir maravilhamento em nós. Cada cenário, som, cor, textura, gosto e sensação bela e maravilhosa deste mundo criado tem um propósito "gloriascópico" embutido nele. Cada coisa marcante e poderosa, animada ou inanimada, é projetada para ser "gloriascópica". Nenhuma beleza criada é um fim em si. Nenhuma maravilha física existe isoladamente. Nada que é apenas é. Tudo existe para um grande propósito vertical.

As glórias do mundo físico não refletem a glória de Deus por acaso. Não; Deus projetou de modo específico e cuidadoso o mundo físico para refleti-lo, isto é, ser o "gloriascópio" de que nossos olhos deficientes necessitam tão desesperadamente. Assim como o técnico ajusta as lentes do telescópio para focalizar e aumentar ao máximo possível a imagem, Deus também moldou seu mundo de maneira a revelar a sua glória. Deus criou cada peixe, pedra, flor, pássaro, nuvem, árvore, macaco e folha para ser "gloriascópico" porque nosso amado Criador sabe o quanto somos

fundamentalmente cegos.

Observe o que essas passagens afirmam a respeito do modo que Deus projetou o mundo criado para que funcionasse:

> Os céus proclamam a glória de Deus,
> e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.
> Um dia discursa a outro dia,
> e uma noite revela conhecimento a outra noite.
> Não há linguagem, nem há palavras,
> e deles não se ouve nenhum som;
> no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz,
> e as suas palavras, até aos confins do mundo. (Sl 19.1-4)

> Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos;
> toda a terra está cheia da sua glória. (Is 6.3)

[…] o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. (Rm 1.19-20)

Podemos ser também incrivelmente esquecidos. Aprendemos coisas que rapidamente tornam-se memórias distantes que têm pouco efeito no que pensamos sobre nós mesmos e sobre como vivemos a nossa vida. Pessoas fazem coisas maravilhosas por nós, mas nos esquecemos da bondade delas tão rapidamente que não temos tempo nem para enviar um *e-mail* com um simples "obrigado". Aprendemos coisas a respeito da nossa herança familiar, coisas que explicam quem somos e porque fazemos o que fazemos, mas rapidamente isso cai no esquecimento e fazemos as mesmas perguntas já respondidas anteriormente. Esquecemos velhos amigos. Acontecimentos do passado esmaecem na memória. As preocupações sobre o presente dominam tão vigorosamente a nossa mente que nos resta pouca energia mental para lembrar o que vem depois. Na verdade, muitos se esqueceram totalmente da incrível história que nos dá a identidade que define não somente a nós, mas a tudo na vida. Assim, vivemos uma vida errante, desarticulada ou lutamos para ser os autores da nossa história. Tentamos fazer nossa narrativa pessoal seguir na direção que gostaríamos que ela

seguisse. Ao agir dessa maneira, tentamos realizar o que não podemos fazer e desejamos o que nunca teremos.

Por causa da nossa falta de memória, Deus criou o mundo material com finalidade *mnemônica* para nos ajudar diariamente a lembrar que não estamos sós, que não estamos no centro, que a vida não se refere primariamente a nós e que há uma história maior do que a breve história individual da nossa vida. As coisas do mundo físico são projetadas para nos lembrar da grandeza e da glória do Criador de todas as coisas, que colocou todas elas em ação e as mantém pelo impressionante poder da sua vontade. Esses constantes pequenos lembretes do mundo físico também não estão aí por acaso. Deus cuidadosamente os plantou na criação para nos proteger da nossa amnésia.

O pai terreno é um instrumento mnemônico dado por Deus para nos lembrar da glória do Pai Celeste. O pastor é um instrumento mnemônico para nos lembrar do cuidado de Deus para com os seus. A neve nos faz lembrar da pureza e da santidade de Deus. A tempestade é um instrumento

para nos lembrar do poder e da ira de Deus. O sol que se levanta todos os dias é um instrumento mnemônico para nos lembrar da fidelidade de Deus. Estamos literalmente rodeados por graciosos lembretes da presença, do poder, da autoridade e do caráter de Deus, pois ele projetou todas as coisas criadas para funcionarem mnemonicamente. Ele sabe o quanto rapidamente e facilmente nós nos esquecemos e o quanto é vital para nós sermos lembrados, por isso fixou lembretes em todos os lugares que vemos na sua criação.

Porém, mesmo com tudo isso, ainda tendemos a ser cegos e esquecidos. Quando a *cegueira* e a *amnésia* se juntam, o resultado não é bom, mas é exatamente isso o que o pecado faz conosco. Ele cega os nossos olhos e insensibiliza o nosso coração. Todos nós temos a capacidade corrupta de olhar o mundo ao redor de nós e não perceber Deus. Desfrutamos das glórias da criação; contudo, ao mesmo tempo, deixamos de nos lembrar do Criador. Deus fez a terra para inflamar e estimular a admiração em nós. Como nos deparamos com o mundo físico todos os dias, deveríamos ser

impressionados pela glória de Deus em cada um de seus indicadores. Porém, não somos.

Na verdade, muitos entre nós estamos totalmente entediados e sem inspiração. Temos todas as razões para ser impressionados pela glória de Deus, para viver uma vida moldada pela admiração a ele. No entanto, basicamente, tendemos a viver como *cegos amnésicos* e a maioria de nós nem mesmo sabe disso. Pensamos que vemos muito bem e que nos lembramos do que é importante, mas não é assim. Em nossa cegueira e amnésia, perdemos nossa admiração vertical, e com isso nossa capacidade de admiração é raptada por outras coisas. Quero examinar com você os sintomas do nosso modo de viver amnésico e a seguir considerar de que tipo de ajuda precisamos e onde podemos encontrá-la.

NOSSA CEGUEIRA AMNÉSICA

Então, quais são os sintomas da nossa cegueira amnésica? Esta é uma lista não exaustiva de sugestões.

1. *Egocentrismo*. Isso é algo sobre o que já escrevi muito. Você o vê na irritabilidade do bebê, na rebeldia de uma criança, na defesa dos direitos de um adolescente, nas exigências de uma jovem noiva e no queixume de um idoso. Se não está vivendo em admiração por Deus, você se encontra sem nenhum programa mais importante pelo qual viver senão você mesmo. Isso realmente o reduz aos seus desejos, suas necessidades e seus sentimentos. Realmente você se torna obcecado pela sua própria felicidade. De fato, vê as outras pessoas como entraves no seu caminho. A disfunção falseará cada aspecto da sua vida porque você está num lugar no qual não foi criado para estar: o centro de tudo. *Quando você tende a irar-se porque a vida não tem caminhado de acordo com seus planos?*

2. *Exigir direitos*. Se a vida deixou de ser sobre Deus e, portanto, tornou-se toda sobre você mesmo, então você tenderá a viver um estilo de vida dirigido pela linguagem do “Eu mereço _____” ou “Eu tenho direito a _____”. Viver em admiração por Deus significa que você é motivado

pela vontade e pela honra dele. Quando essa admiração é perdida, você vive à procura do que considera ser necessário, merece ou é seu por direito. Isso funciona assim: uma vez convencido de ter direito a algo, você pensará que é direito seu exigir isso, e julgará o amor de Deus ou das pessoas na sua vida pela disposição delas em conceder aquilo a você. Assim, grande parte da nossa ira em relação aos outros e do nosso desapontamento com Deus resulta de uma mentalidade sem admiração, o que produz uma maneira de viver em busca dos próprios direitos. *Em que situações você tende a apresentar um estilo de vida baseado no "eu mereço"?*

3. *Descontentamento*. Se a amnésia coloca você no centro do seu mundo, convencendo-o de que tem direito a coisas que de fato não são suas por direito, você sempre lutará com o descontentamento. As pessoas na sua vida não estão aí pelo simples propósito de fazê-lo contente e feliz. O mundo à sua volta não foi projetado para atender às suas exigências. A vida simplesmente não funciona de acordo com seus planos pessoais.

As coisas não param ou começam com base nos nossos caprichos ou desejos. O contentamento verdadeiro e duradouro é sempre resultado de se viver por algo maior do que nós mesmos. O contentamento vigoroso que pode superar as tormentas das dificuldades e da pobreza está sempre enraizado na adoração. Quando o deleite mais motivador na minha vida é o deleite em Deus, serei contente mesmo em circunstâncias que tenderiam a fazer-me queixoso e resmungão. Tendemos a ser por demais descontentes na maioria das vezes não porque temos um problema de necessidade, mas porque temos um problema quanto à admiração. *Seja honesto agora: você vive um estilo de vida de contentamento?*

4. *Disfunção relacional*. Vivenciamos maldade, crítica, mágoa, ira, desapontamento, vingança e amargura em vários níveis nos relacionamentos na nossa vida e boa parte dessa experiência está ligada à nossa amnésia quanto à admiração e é produzida por ela. Pelo fato de não ligarmos funcionalmente nossa vida, significado, esperanças, alegria, identidade e satisfações à admirável glória de Deus,

esperamos que outras pessoas façam por nós o que elas não têm nenhuma habilidade para fazer. Queremos que nossos filhos nos deem identidade e pedimos que nosso cônjuge seja nosso salvador pessoal. Esperamos que nossos amigos nos façam nos sentir bem a respeito de nós mesmos e nosso chefe nos dê uma razão para nos levantar pela manhã. Porque nosso coração não está cheio de admiração por Deus, colocamos pessoas onde Deus deveria estar; e porque colocamos pessoas num espaço que não foram projetadas para preencher, elas sempre nos desapontam. Assim, esperamos e exigimos, nos magoamos e ficamos desapontados. Ficamos irados e revidamos, e entramos num ciclo aparentemente interminável de expectativa irreal e desapontamento relacional. Apenas quando Deus estiver no seu lugar de direito no nosso coração é que colocaremos as pessoas próximas a nós no lugar correto na nossa vida. *De que maneiras você tem pedido coisas das pessoas que elas nunca serão capazes de oferecer?*

5. *Controle*. Uma das mais impressionantes e gloriosas afirmações da Bíblia a respeito de Deus é

que ele governa sobre todas as coisas. Atos 17.24-28 até mesmo diz que ele determina a exata localização em que cada um de nós viverá e a exata extensão da nossa vida. Prepare-se para o vem a seguir. Deus faz isso com cada pessoa viva, com cada pessoa que já viveu e com cada pessoa que ainda viverá. Dizer que Deus é soberano significa que nenhuma situação, condição e relacionamento em que você e eu nos encontrarmos está fora do seu governo sábio e cuidadoso. Ele estava governando antes da origem deste mundo e ele governará depois deste mundo que conhecemos. Eu e você fomos criados para ficarmos perplexos, surpreendidos e emudecidos em maravilhosa adoração diante da sua imutável e eterna soberania sobre todas as coisas que existem.

Porém, a amnésia horizontal funcional não permite que você descanse no controle de Deus e o faz querer tomar o controle. Você tenderá a querer muito poder e a ser confiante demais na sua própria sabedoria. Não descansando no fato de que a vontade de Deus será feita, você tentará exercer sua própria vontade sobre as pessoas, os lugares e as

coisas. Ao tentar controlar o que tem pouco poder para controlar, você vivenciará frustração por causa da sua falta de controle e será intimidado pelas pessoas que tentam controlá-lo. Veja, a sua luta com o controle não é primariamente porque você tem um problema de controle, mas porque você tem um problema quanto à admiração. *Em que situações você tem medo da sua falta de controle ou tenta controlar coisas que não consegue realmente controlar?*

6. *Temor*. Como mencionado anteriormente, a única coisa que tem o poder de vencer o temor é o temor. Somente quando o temor maior de Deus governar o seu coração é que você será libertado de todos os pequenos temores na vida, que paulatinamente vão destruindo o seu coração. Quando você viver em admiração reverente pela magnitude do poder e da autoridade de Deus e em assombro pelo exercício do seu poder para a glória dele *e* para o seu bem, então você poderá estar livre de todas as ansiedades que o intimidam e roubam a sua alegria.

Acredito que somos muito mais motivados pelo

temor, pela preocupação, pelo terror e pela ansiedade do que percebemos. As decisões que tomamos e as ações que praticamos são motivadas mais frequentemente para fugir dos nossos temores do que pela coragem da fé. A coragem não resulta da confiança em si mesmo, em outras pessoas ou nas circunstâncias. Todas essas coisas nos fazem errar. A coragem resulta de se estar tomado de grande admiração pela majestade de Deus, aquele temor cheio de adoração que captura seu coração quando confrontado com a grandeza santa dele. Porque você está tomado de grande admiração por quem Deus é e porque você sabe que o Admirável está em você, com você e por você, então você não viverá com temor das pessoas, das condições ou das situações. *Em que situações você vê o temor definindo a maneira como você reage às pessoas e às situações na sua vida?*

7. *Ira*. Quando comecei a aconselhar regularmente, a única coisa que me surpreendeu foi o grande número de pessoas aconselhadas por mim que estavam iradas com Deus. Elas não sabiam a razão de estarem iradas com Deus nem era essa a

razão de terem procurado ajuda, mas quando começavam a falar sobre Deus, descreviam um "Deus" que eu não conhecia. Elas descreviam um deus que era diferente do Deus da Bíblia. O deus da descrição delas era distante, insensível, caprichoso, não confiável, crítico e irado. O deus delas não tinha amor nem misericórdia nem graça.

No início, pensei que meus aconselhados tinham um problema teológico. Eu achava que eles não tinham sido ensinados corretamente. No entanto, enquanto ouvia mais cuidadosamente, percebi que o problema de ira deles não era primariamente um problema teológico, mas um problema quanto à admiração. Essas eram pessoas que tinham perdido sua admiração; então, colocaram-se no centro do seu pequeno mundo individual e por isso estavam furiosas porque Deus não tinha ido até elas. Estavam furiosas porque em algumas áreas a vida estava sendo difícil. Estavam furiosas porque as pessoas que as cercavam não eram perfeitas. Estavam furiosas porque o corpo delas nem sempre funcionava e porque o mundo ao redor delas não funcionava muito bem. O conceito

que tinham da bondade de Deus era diretamente relacionado à própria experiência de felicidade delas. Elas não entendiam Deus como o Senhor da impressionante glória; em sua teologia funcional, tinham reduzido Deus a um serviçal divino. O trabalho dele seria assegurar que todos os dias delas fossem dias bons. Deus era o garçom divino servindo-lhes a boa vida numa travessa celestial.

Esta é a realidade: a maioria das pessoas que está com raiva de Deus se sente dessa maneira porque ele é Deus. Elas não estão iradas porque ele não cumpriu o que prometeu. Elas estão iradas porque ele não lhes deu o que desejavam, esperavam ou exigiam. Quando a admiração pelo eu toma o lugar da admiração por Deus, ele deixa de ser nosso Senhor e é reduzido a um empregado aprendiz. *O que na sua vida faz com que você lute com a raiva contra Deus?*

8. *Inveja*. Pense comigo por um momento. Qual é a causa da inveja? A inveja não é um problema de necessidade nem um problema de desigualdade nem, certamente, um problema de parcialidade de Deus. A inveja é um problema quanto à admiração.

Quando estou admirado pela grandeza de Deus, impressionado pela sua santa justiça e sua misericórdia e surpreendido pela convicção de que os caminhos do Senhor são retos e verdadeiros, consigo viver uma vida de gratidão e contentamento. Porém, quando minha capacidade para a admiração se reduz ao tamanho dos meus desejos ou ao tamanho das glórias do mundo criado, torno-me um marcador de pontos. Sempre vou comparar o que eu sou, tenho e vivencio com o que meu vizinho é, tem ou vivencia. Vou lutar com as bênçãos de que outros desfrutam. Vou lutar para ser satisfeito e serei importunado pela questão da razão pela qual outros desfrutam do que eu nunca tive. *A inveja é uma luta regular no seu coração?*

9. *Obsessão*. Admiração e descanso estão fundamentalmente relacionados. Vivo com a convicção de que Deus governa sobre todas as coisas para o bem dos seus filhos, de que ele fez uma promessa pactual de suprir cada uma das nossas necessidades e de que ele é a definição última de tudo o que é bom, justo, sábio e verdadeiro. Enquanto faço isso, não carrego o

mundo nas costas. Deus me chama para trabalhar, mas ele prometeu prover minhas necessidades. Deus chamou-me para educar meus filhos com sabedoria, mas apenas ele pode construir o caráter do coração deles e, até mesmo, torná-los cristão. Deus chamou-me para ser um bom mordomo do que ele me dá, mas ele controla todas as forças externas com as quais tenho de interagir para fazer isso. Talvez a obsessão surja mais da autoglorificação do que nós pensamos. Quando a grandeza de Deus não está diante dos nossos olhos e enchendo o nosso coração, viveremos como se tudo dependesse de nós, sempre trabalhando demais e tentando mais arduamente. A admiração nos permite desfrutar descansos sabáticos. *Sua agenda está muito cheia ou você está simplesmente trabalhando demais e duro demais?*

10. *Exaustão*. Viver com a admiração atrofiada é um modo de vida exaustivo. Todas as coisas que consideramos nesta lista de sintomas de amnésia quanto à admiração levarão você à exaustão e a querer sair desse ciclo interminavelmente enfadonho. Encontrei e continuo encontrando

muitos cristãos exaustos; enquanto ouvia suas histórias, conclui que eles não tinham em primeiro lugar um problema de planejamento de atividades ou de trabalho, o que eles tinham era um problema quanto à admiração. Dizendo de outro modo: eles têm um problema quanto à glória e à graça. Se você perder de vista a glória incalculável de Deus, em vez de confiar no Rei você viverá como um rei, sobrecarregando seus ombros com os fardos reais. Se perder de vista a maravilhosa graça de Deus, tentará produzir pelo esforço humano o que vem somente por meio da graça divina. Você trabalhará muito porque sempre vai sentir que precisa trabalhar mais ou fazer melhor, exaurindo-se nesse processo. *Seja honesto: sua maneira de pensar e de viver a vida tem exaurido você?*

11. *Dúvida*. Ironicamente, a amnésia quanto à adoração é o principal produtor de dúvida a respeito de Deus. Funciona do seguinte modo: quanto mais você perde de vista a centralidade da presença maravilhosa e da grandeza de Deus, mais você irá concentrar-se em si mesmo. Quanto mais você se concentra em si mesmo, mais ficará

concentrado nos seus anseios, necessidades, sonhos, desejos, esperanças, objetivos, expectativas e sentimentos. Quanto mais você se concentra nessas coisas, mais define o amor de Deus pela disposição dele em concedê-las a você. E enquanto Deus permanece concedendo a você o que ele prometeu, mas não os seus desejos, você começará a duvidar da bondade e do amor dele. Esse ciclo devasta a sua vida espiritual porque, ao duvidar do amor de Deus, você para de confiar nele e, assim, para de buscar por sua ajuda. *Em que situações há evidências de dúvida a respeito de Deus na sua vida?*

12. *Frieza espiritual*. Aconselhei uma pessoa que me disse claramente "Não consigo mais ir à igreja para cantar 'Grande é tua fidelidade' porque, sinceramente Paul, simplesmente não acredito mais nisso". Ela tinha deixado de se reunir com seu pequeno grupo. Tinha parado de ir aos cultos dominicais. Parou de ler a Bíblia. Estava espiritualmente fria e amargurada. Enquanto isso, Deus continuava a fazer, pela sua graça gloriosa, tudo o que tinha prometido fazer nela e por ela. Ele

não tinha se esquecido do seu plano sábio e santo para se tornar o servo que ela estava convencida de que necessitava. Parece-me ser óbvio demais para ter de dizer isto, mas há uma relação direta entre admiração e adoração. Como já afirmei antes, rapidamente preenchemos o vazio da admiração por Deus pela admiração pelo eu, e quando fazemos isso, a adoração sincera morre. *Você encontra alegria na adoração diária a Deus? Se não, por quê?*

A AMNÉSIA QUANTO À ADMIRAÇÃO É EQUIVALENTE À ANOREXIA ESPIRITUAL

Bem, aqui está a conclusão final. Quando está cego para a impressionante e expansiva glória de Deus e não se lembra da sua infinita grandeza, você vive com um coração atrofiado. Em vez da sua visão de vida continuar se expandindo até às dimensões incompreensíveis da grandeza de Deus, sua perspectiva sobre a vida se reduz às dimensões das esperanças e sonhos pessoais ou às dimensões do que o mundo físico à sua volta tem para

oferecer. Você se alimentará pouco da verdadeira e satisfatória refeição da glória de Deus e tentará se alimentar do bocado não nutritivo das glórias temporárias da criação. Porque você não tem uma nutrição espiritual adequada, terá constantemente fome, seus músculos espirituais vão se atrofiar e você será incapaz de viver como Deus planejou.

Gostaria de dar a você um conjunto de orientações para corrigir tudo isso, mas não acho que seja assim tão simples. Teríamos de iniciar pela confissão de que possuímos um coração frio, volúvel e frequentemente egoísta. Devemos iniciar admitindo que embora Deus tenha feito o mundo físico ao nosso redor para ser "gloriascópico" e mnemônico, frequentemente vemos e lembramos pouco daquilo para o que o mundo aponta. Estamos tão obcecados pelos nossos desejos, planos, programações e realizações que nos sobra pouco tempo para meditar a respeito da admirável glória dada a nós para contemplação e lembrança. Perdemos nossa admiração, por isso limitamos nossa alma às dimensões das esperanças e dos sonhos ligados à terra. Por isso, rapidamente

demais caímos em desapontamento, raiva e inveja.

Talvez não seja necessário instituir outro programa de reforma para nós. Nem estabelecer um novo conjunto de comprometimentos que seja mais sobre penitência do que sobre arrependimento. Talvez o que precisamos fazer é cair de joelhos diante do Grande Médico em humildade, quebrantamento e aflição e confessar a amnésia quanto à admiração que está devorando nosso coração como um câncer espiritual. Hoje, implore por olhos que vejam e coração que se lembre. Hoje, lamente a facilidade que você tem para se esquecer de Deus. Confesse sua anorexia espiritual e clame por um coração transformado. Quando você e eu começarmos a confessar que nós somos o problema, não correremos mais para nenhum outro lugar a não ser para os braços da graça de Deus.

Como já escrevi diversas vezes, você pode fugir de uma situação, você pode fugir de um relacionamento e você pode fugir de um ambiente, mas você não pode fugir de si mesmo. Quando confessa que o seu problema é interior e não exterior, você tem apenas uma rocha na qual se

firmar, e essa rocha é Jesus Cristo. Você não terá mais de viver em vergonha espiritual. Jesus não veio, viveu, morreu e ressuscitou para envergonhar você. Não; ele fez todas essas coisas para redimir você. Seu reconhecimento da amnésia quanto à admiração é uma confissão da sua contínua necessidade do seu amado Redentor. Por mais amnésico quanto à admiração que você possa ser, corra para ele e veja o que ele fará por meio da sua graça incomparável e eficaz.

6
TRANSGRESSÃO

Se cada momento é sagrado e se na maior parte do tempo em que está respirando e não louco, você está se sentindo impressionado e tomado de admiração, então você está num constante estado de gratidão, adoração e humilhação.

BERNICE JOHNSON REAGON[5]

Ele tinha apenas 9 meses, mas sabia muito bem o que estava fazendo. Tinha começado a andar, abrindo as portas para todo um mundo novo cheio de perigos. Eu já tinha andado com ele perto das tomadas na parede e o instruído quanto aos riscos

que elas ofereciam. Disse a ele para nunca tocá-las e também para nunca colocar nada dentro delas. Eu não tinha a menor ideia sobre se ele tinha entendido.

No dia seguinte, enquanto lia o jornal, ouvi o ruído dos seus passos vindo pelo corredor. Ele espiou rapidamente pelo canto para ver se eu estava olhando, correu para a tomada e, exatamente antes que a alcançasse para tocá-la, olhou para mim novamente. Sua olhada para trás foi um momento hermenêutico. Ele me mostrou que aquele menininho sabia não apenas que estava fazendo algo que não devia, mas também que era contra mim. Ele estava agindo em violação ao que seu amado pai o tinha advertido que não fizesse. Naquele momento, estava disposto a quebrar seu relacionamento comigo a fim de experimentar algo que, por meu amor por ele, eu tinha proibido. Esse breve momento revela não apenas uma luta moral, mas algo profundamente pessoal.

As lembranças desse episódio com meu filhinho me fez recordar outro momento, radicalmente diferente em sua expressão externa,

mas muito semelhante no seu âmago. Foi um momento transicional impressionante, arrebatador, aterrorizante e desvanecedor. Nunca tinha havido uma situação semelhante. Ele foi designado para um grupo muito especial de pessoas para que nunca mais fossem os mesmos novamente. Quando se lê o relato desse momento, sente-se que as palavras não podem de fato capturar plenamente sua estrondosa majestade. Deus escolheu um homem para que chegasse mais perto dele do que nenhum outro desde o desastre no jardim do Éden. E esse homem estava prestes a receber da sua mão o que Deus nunca havia concedido a ninguém antes. Circundado pela glória de Deus, ele recebeu a Lei de Deus escrita em tábuas de pedra.

Embora a lei mosaica estabelecesse condições para o povo continuar usufruindo das bênçãos de Deus, ela não fora dada primariamente como um teste de realização, como uma lista de coisas que esse grupo especial de pessoas tinha de fazer para que fosse aceito por Deus e elas pudessem ter um relacionamento com ele. Não, Deus já as havia escolhido. Ele já havia colocado seu amor sobre

elas. Já as havia redimido do cativeiro. Já tinha prometido a elas uma terra e um futuro. A lei que Deus tinha dado a elas não era um teste para poderem receber seu amor, mas, em vez disso, uma expressão concreta do seu amor. Deus estava agraciando o povo que tinha tomado para si com sua lei. O fato de que aquelas pessoas foram escolhidas para recebê-la representa a natureza especial do relacionamento delas com Deus – um relacionamento de que outras nações não desfrutavam.

Assim, isso significa que quando elas desobedecessem, estariam fazendo algo com implicações muito mais profundas do que quebrar regulamentações morais abstratas. A desobediência era pessoal. Quebrar a lei era quebrar o relacionamento. Voltar as costas para o código moral de Deus era voltar as costas para Deus. A rebelião era mais do que transgredir limites legais, era deslealdade a Deus.

O mesmo é verdadeiro para nós. Pela graça, nós nos tornamos um povo de propriedade pessoal de Deus. Deus fez com que entrássemos em comunhão

eterna com ele, algo que nunca poderíamos alcançar pela nossa própria retidão. No nosso melhor dia de conquistas morais, caímos dramaticamente abaixo dos padrões de santidade de Deus. Somos dele unicamente por causa da sua misericórdia generosa e do seu amor incalculável. Então, desobedecer é adultério espiritual, dar a afeição que pertence a Deus a alguma coisa ou alguma pessoa. Transgredir os limites de Deus ou quebrar sua lei é, em primeiro lugar, quebrar o relacionamento com ele.

"O que a lei tem a ver com um livro sobre a admiração por Deus?", você pode estar se perguntando neste ponto. Bem, estou cada vez mais convencido pelas minhas leituras da Escritura que a transgressão não é primariamente um problema quanto à lei, mas um problema quanto à admiração, que produz um problema quanto à lei. Quando a admiração por qualquer coisa que não por Deus captura e controla o seu coração, você simplesmente não permanecerá dentro dos limites impostos por Deus. Mas quando um temor profundo e reverente de Deus cativa o seu coração,

você de maneira disposta e alegre viverá dentro dos limites que ele estabeleceu. Quando a glória de alguma obra da criação governar o seu coração, você viverá não para a glória do seu Redentor, mas para glória do que governa você. Quando o amor por alguma coisa for uma motivação dominante maior do que o amor por Deus, você voltará suas costas para ele e, enquanto faz isso, caminhará para fora dos seus limites.

A sementeira para uma vida de obediência é a admiração. Quando a admiração por algo substitui a admiração por Deus, a desobediência substituirá a obediência. Uma vida de submissão à vontade, aos planos, aos mandamentos e aos propósitos de Deus flui da adoração àquele que deu esses mandamentos. Obediência não é seguir impessoalmente um conjunto de leis arbitrárias e abstratas. Obediência é um estado de admiração por Deus no qual você permanece surpreendido pela sabedoria, pelo poder, pelo amor e pela graça de Deus, o que o torna disposto a fazer qualquer coisa que ele diga ser reto e melhor. Obedecer é algo muito mais profundo do que cumprir um dever de

má vontade. A obediência é a resposta de uma alegre disposição iniciada, estimulada e mantida por um coração cativo pela glória, pela bondade e pela graça de Deus.

Assim, uma pessoa não pode ser ameaçada, manipulada ou obrigada por meio da culpa para que obedeça. Somente a graça pode produzir essa submissão jubilosa em mim. Somente a graça pode abrir meus olhos cegos para a impressionante glória de Deus. Somente a graça pode libertar meu coração de todas as admirações substitutas que me sequestraram. Somente a graça pode me devolver a minha admiração por Deus. Somente a graça pode me transformar de um adorador do eu num adorador de Deus. Somente a graça pode me motivar a olhar fixamente a beleza do Senhor até que eu tenha desistido do meu pequeno governo de um só e me entregue à obra de algo bem maior do que eu. A lei não pode me motivar a cumprir a lei.

Assim, na nossa desobediência, não temos primariamente um problema quanto à lei, temos um problema quanto à admiração. A admiração por Deus produzirá submissão espontânea à sua

vontade e a falta da admiração por Deus me levará a ultrapassar os seus limites. Quero examinar esse tema ao discorrer sobre três passagens bem conhecidas da Escritura.

A TROCA DE ADMIRAÇÃO NO JARDIM

> Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu.
>
> Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas

de figueira e fizeram cintas para si.

Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. (Gn 3.1-13)

Embora já tenha examinado essa passagem antes, quero lembrar-nos mais uma vez o quanto foi chocante para Adão e Eva desobedecer a Deus e por que eles fizeram isso. É preciso examinar cuidadosamente as palavras nessa passagem para capturar plenamente a natureza da desobediência de Adão e Eva. Deixe-me compor o cenário para ajudá-lo a apreciar a cena miraculosa e inspiradora de admiração que eles desfrutavam diariamente no

jardim. A passagem nos diz que depois de Adão e Eva terem desobedecido a Deus e se esconderem dele, eles ouviram o som da voz “do SENHOR Deus, que andava pelo jardim pela viração do dia” (Gn 3.8). O quê? Deixe sua imaginação assimilar a realidade maravilhosa que essas palavras descrevem. Em condescendente misericórdia, Deus – que existiu desde toda a eternidade como espírito – assumiu uma forma física visível e audível para que pudesse ter comunhão regular e amorosa com as pessoas que ele tinha criado. Deus não exigiu que Adão e Eva fossem até ele, mas desceu até eles, encarnando-se de alguma maneira em que pudesse relacionar-se fisicamente com eles.

Esse é o Senhor dos senhores, o Soberano eterno, o Criador de tudo o que existe convidando os seres humanos à comunhão com ele e fazendo coisas miraculosas para tornar essa comunhão possível. Poderia algo mais inspirador à admiração acontecer na vida de Adão e Eva? Eles poderiam vivenciar algo mais glorioso do que isso? Como eles não estariam admirados pela comunhão diária com Deus? Acaso isso não os deixaria em êxtase e

maravilhados? No momento em que se começa a entender a miraculosa comunhão pessoal que Adão e Eva desfrutavam pela graça de Deus, entende-se também que a desobediência deles foi muito mais que uma quebra técnica de leis abstratas; a desobediência deles foi fundamentalmente pessoal.

E então, o que a serpente tentou fazer com que Eva aceitasse? A serpente tentou convencê-la do poder construtivo da desobediência. É isso o que a tentação sempre faz. Ela afirma que, se você sair dos limites colocados por Deus, coisas boas acontecerão na sua vida. A serpente está argumentando em favor do poder construtivo de algo que na verdade é destrutivo porque ela está trabalhando para criar uma mudança da admiração em Eva. Ela está tentando deixar a imaginação de Eva correr livre, para considerar como seria não ter de viver mais num relacionamento subserviente a Deus. A serpente usou esse artifício para que o coração de Eva fosse motivado mais pela glória da visão apresentada por ela aos olhos da mulher do que pela admiração que Eva tinha pela glória de Deus e pela sua posição especial como objeto do

amor dele. Quando essa admiração substituiu a admiração por Deus, Eva ultrapassou os limites de Deus e comeu o que lhe fora proibido. Eva não tinha primariamente um problema com a lei, ela tinha um problema quanto à admiração, que produziu um problema com a lei.

Mas há algo mais a observar que reforça o que já dissemos. A passagem registra que Eva viu que a árvore era "desejável para dar entendimento" (Gn 3.6). Vamos nos aprofundar na frase "desejável para dar entendimento". Eva desfrutava de comunhão íntima, pessoal, amorosa e diária com aquele que é Sabedoria. Ela estava em comunhão com a fonte mais impressionante de sabedoria que já existiu ou que existirá. Ela não precisava de sabedoria. O jardim não era um lugar de falta de sabedoria. Então, o que Eva estava procurando? Que tipo de visão de sabedoria cativou sua admiração? A serpente estava tentando fazer com que Eva adotasse uma sabedoria *autônoma*, isto é, sabedoria que já não dependeria de Deus como sua fonte. Em lugar de a admiração por Deus produzir nela uma submissão à sábia vontade dele, a

admiração pela sabedoria independente produziu nela rebeldia contra a vontade de Deus.

No Jardim, naquele dia, uma troca gigantesca e destrutiva aconteceu – não uma mudança primariamente da obediência para a desobediência, mas da admiração por Deus pela admiração pelo eu. Foi um tipo de tentação nos moldes “olhe o que você pode ser” que engrandeceu Eva e fez Deus parecer pequeno. Uma vez que a admiração por Deus foi perdida, a perda de um coração obediente era iminente.

ADULTÉRIO ESPIRITUAL

> […] dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o SENHOR Deus; e passaste a ser minha. Então, te lavei com água, e te enxuguei do teu sangue, e te ungi com óleo. Também te vesti de roupas bordadas, e te calcei com couro da melhor qualidade, e te cingi de linho fino, e te cobri de seda. Também te adornei com enfeites e te pus braceletes nas mãos e colar à roda do teu pescoço. Coloquei-te um pendente no nariz, arrecadas nas orelhas e linda coroa na cabeça. Assim, foste ornada de

ouro e prata; o teu vestido era de linho fino, de seda e de bordados; nutriste-te de flor de farinha, de mel e azeite; eras formosa em extremo e chegaste a ser rainha. Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da minha glória que eu pusera em ti, diz o SENHOR Deus.

Mas confiaste na tua formosura e te entregaste à lascívia, graças à tua fama; e te ofereceste a todo o que passava, para seres dele. Tomaste dos teus vestidos e fizeste lugares altos adornados de diversas cores, nos quais te prostituíste; tais coisas nunca se deram e jamais se darão. Tomaste as tuas joias de enfeite, que eu te dei do meu ouro e da minha prata, fizeste estátuas de homens e te prostituíste com elas. Tomaste os teus vestidos bordados e as cobriste; o meu óleo e o meu perfume puseste diante delas. […]

Depois de toda a tua maldade (Ai, ai de ti! – diz o SENHOR Deus), edificaste prostíbulo de culto e fizeste elevados altares por todas as praças. A cada canto do caminho, edificaste o teu altar, e profanaste a tua formosura, e abriste as pernas a todo que passava, e multiplicaste as tuas prostituições. Também te

> prostituíste com os filhos do Egito, teus vizinhos de grandes membros, e multiplicaste a tua prostituição, para me provocares à ira. Por isso, estendi a mão contra ti e diminuí a tua porção; e te entreguei à vontade das que te aborrecem, as filhas dos filisteus, as quais se envergonhavam do teu caminho depravado. Também te prostituíste com os filhos da Assíria, porquanto eras insaciável; e, prostituindo-te com eles, nem ainda assim te fartaste; antes, multiplicaste as tuas prostituições na terra de Canaã até a Caldeia e ainda com isso não te fartaste. […]
>
> A todas as meretrizes se dá a paga, mas tu dás presentes a todos os teus amantes; e o fazes para que venham a ti de todas as partes adulterar contigo. Contigo, nas tuas prostituições, sucede o contrário do que se dá com outras mulheres, pois não te procuram para prostituição, porque, dando tu a paga e a ti não sendo dada, fazes o contrário. (Ez 16.8b-18, 23-29, 33-34)

A linguagem é chocante, mas a acusação é mais chocante ainda. Não se pode ler Ezequiel 16 e pensar que a quebra da lei de Deus é uma ofensa impessoal contra uma legislação abstrata. Ezequiel

16 torna muito claro que Deus definitivamente não vê a sua desobediência desse modo. Para o Senhor, ela é fundamentalmente pessoal. Nesse caso, o insulto não é primariamente à lei, mas ao relacionamento.

A passagem descreve um casamento em que a noiva não desonrou apenas os votos do seu casamento, mas estava procurando amantes pelas ruas. Ela não somente procura amantes pelas ruas, mas não quer receber deles a paga pela prostituição. Em vez disso, num tipo de prostituição ao inverso, ela paga a eles para serem seus amantes. A noiva nesse caso (o povo de Israel) estava tão ansiosa para encontrar amantes em qualquer lugar que ia às ruas e pagava por eles.

É realmente verdadeiro que a desobediência sempre é, em primeiro lugar, a quebra do relacionamento de aliança com Deus, antes que a quebra da lei de Deus. A deslealdade de uma pessoa ao seu relacionamento com Deus sempre a leva a algum tipo desobediência. Porém, há mais. O amor verdadeiro é um estado de admiração. Você está encantado pela outra pessoa, encantado pelo

que ela fez na sua vida e encantado pelo fato de que ela escolheu viver com uma pessoa como você.

Caso seja casado, talvez você se lembre dos dias que antecederam ao seu casamento, quando você estava um tanto admirado de que fosse se casar. Talvez você se lembre dos primeiros dias do seu casamento quando você acordava e era novamente tomado pela admiração por estar casado. E talvez você consiga relatar a triste perda progressiva dessa admiração e gratidão que frequentemente se segue ao casamento. Aos poucos você começa a considerar seu cônjuge algo garantido. Aos poucos você se esquece da bênção do seu relacionamento. Aos poucos você se torna enfadado com o ciclo cotidiano repetitivo que se estabelece em todo casamento. Nesse ponto, seus olhos e seus ouvidos começam a vaguear. Nesse momento, você fantasia a respeito de como seria ser solteiro ou estar com outra pessoa qualquer. Na multidão de pessoas que você vê todos os dias, potenciais companheiros substitutos chamam a sua atenção, impressionam você e o levam a ansiar por algo diferente do que você possui.

Quando você chega a essa situação e o adultério cativou sua mente e pode rapidamente controlar seu corpo, você já não tem um problema em relação à lei, mas tem um problema em relação à admiração matrimonial. A gratidão e a celebração foram substituídas por insatisfação e reclamação. Você está perto de ultrapassar os limites do seu casamento porque perdeu a admiração que sentia.

Assim acontece com cada ato de desobediência. É a quebra de uma aliança matrimonial com Deus que foi conquistada, assinada, selada e paga pela graça dele. Você perdeu a admiração e, porque a perdeu, é capaz de fazer coisas que pensava que nunca faria. Seu coração é capaz de vaguear porque que a admiração por Deus não mais o mantém cativo. Você ainda se encontra a procura de admiração porque essa busca foi projetada para fazer parte de você, mas você está a procura da admiração horizontal e não da vertical. Quase todos os amantes farão isso a quase qualquer preço. Você quebrará a lei de Deus em todos os aspectos, não porque você está a procura de leis para quebrar, mas porque você é um admirador amnésico

procurando pela admiração, fixado em coisas que não o satisfazem e pulando as cercas que Deus colocou para obter o que pensa que lhe dará de volta aquela sensação de admiração que você perdeu.

COMO OS DEZ MANDAMENTOS FUNCIONAM

> Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.
>
> Não terás outros deuses diante de mim.
>
> Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.
>
> Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou.

Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá.

Não matarás.

Não adulterarás.

Não furtarás.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo. (Êx 20.1-17)

Não há como fugir da ordem essencial dos

mandamentos de Deus. Os quatro primeiros mandamentos estão relacionados com uma coisa e apenas uma: a adoração a Deus. Eles representam um chamado irrevogável para viver uma vida real, viva, comprometida, diária, de coração fascinado por Deus e moldada pela admiração por Deus. Por quê? Porque apenas quando a admiração por Deus governar o meu coração é que eu vou encaixar tudo mais na minha vida no seu devido lugar. A obediência alegre e perseverante sempre cresce apenas no solo da adoração. Veja, pelo fato de a adoração não ser algo apenas ocasional na minha vida, mas a base do que eu sou, bem como pelo fato de a adoração ser meu estilo de vida em todos os momentos diariamente, se o meu coração não se dedicar à adoração a Deus, ele se entregará a adoração de qualquer outra coisa. O que quer que cative a admiração do meu coração também estabelecerá a pauta das coisas que desejo, penso, escolho, digo e faço. A vida moral de cada ser humano é dirigida e moldada pela admiração, quer seja pela admiração por Deus, quer seja pela admiração por algo na criação de Deus.

Porém, há algo mais para ser dito. O Quarto Mandamento é particularmente interessante para a nossa discussão. O mandamento de reservar o sábado para o "SENHOR, teu Deus", é em si mesmo um dom da graça. Não somente porque os Dez Mandamentos estão enraizados na admiração por Deus, mas porque nesses mandamentos está embutida a recarga regular e ordenada por Deus da nossa admiração. Deus sabe que muito rapidamente nós nos tornamos amnésicos quanto à admiração. Deus sabe que a vida neste mundo caído é uma guerra diária pela admiração. Deus sabe que muito rapidamente substituímos a admiração pelo Criador pela admiração por qualquer coisa na criação. Deus sabe que a admiração por Deus guerreia constantemente com a admiração pelo eu. Como Criador, que projetou cada aspecto da nossa pessoalidade, ele sabe que nossa obediência é estimulada pela admiração adoradora. Então, ele ordenou que um dia em sete fosse reservado para descanso dos nossos labores e reflexão pessoal e comunitária a respeito dele.

Pode-se argumentar que cada elemento da

adoração comunitária do povo de Deus foi pensado para devolver a admiração às pessoas. Precisamos de um momento para nos redirecionar à grandeza da sua glória e graça. Necessitamos ver sua impressionante sabedoria e poder outra vez. Precisamos refletir demoradamente na sua paciência e fidelidade mais uma vez. Precisamos, mais uma vez, ser impressionados pela perfeição da sua santidade e pela retidão dos seus juízos. Precisamos ser encorajados pela impressionante verdade da sua presença constante novamente. Precisamos ser relembrados de descansar na sua maravilhosa soberania outra vez. E precisamos ser surpreendidos pela realidade de que pela graça ele é todas essas coisas para nós. Ele derramou sua admirável glória sobre nós. Veja, a admiração não apenas traz à lembrança quem Deus é, ela redefine para você quem você é enquanto criação de Deus e como filho comprado pelo seu sangue.

Infelizmente, não se passa um dia sequer sem que nos tornemos transgressores de algum modo. Deliberadamente ultrapassamos os limites da sabedoria e da santidade de Deus repetidas vezes.

Conhecemos a lei. Teologicamente, sabemos que ela é sábia e para o nosso bem. Não a transgredimos porque somos ignorantes. Pense comigo. Se você está com raiva de alguém e tão próximo dele que até sente sua respiração diz seriamente coisas que você não deveria dizer, você não está fazendo isso porque ignora o fato de que é errado. Não; você está fazendo isso porque nesse momento não está se importando com o fato de ser errado. Nesse momento, você é o senhor soberano da sua vida, ditando suas próprias regras. Você quer algo e nada irá impedi-lo de conseguir. Você não tem um problema com a lei, você tem um problema quanto à admiração, que o leva a um problema com a lei. Deus não está nos seus pensamentos nesse momento, isso para não dizer que ele não está governando o seu coração. Essa é a luta real para todos nós na sala, na cozinha, no apartamento, na loja, no escritório e no carro todos os dias da vida. Entre o “já” e o “ainda não”, nosso problema é a amnésia quanto à admiração, que resulta numa troca de admiração.

Então, precisamos de constantes lembretes da

impressionante glória de Deus. Felizmente, Deus embutiu esses lembretes na sua criação. O problema é que muito facilmente nos tornamos cegos. Olhamos, mas não vemos e, porque não vemos, não adoramos e, porque não adoramos, deixamos de obedecer. Assim, na sua magnífica graça, Deus entalhou na sua lei um dia para que paremos, vejamos, ouçamos, consideremos e adoremos mais uma vez. Ele nos convida a lembrar da admiração que nos traz a convicção, a fé viva, a esperança do evangelho e a transformação de vida e coração. Ele nos conclama a irmos juntos à sua presença repetidas vezes porque ele sabe bem o quanto o nosso coração pode ser errante e volúvel. Ele sabe que nunca viveremos como ele ordenou se não permanecermos admirados por quem ele é.

LEI IMPOTENTE

Então, em que condição isso nos deixa? Isso nos deixa sem esperança, sem desculpa, sem ajuda a não ser a graça do Senhor Jesus Cristo. Se a nossa desobediência fosse somente um problema de lei, então talvez a lei pudesse resgatar-nos. Porém,

visto que nossa ilegalidade vive no nível muito mais profundo do coração – nossa propensão a viver para nós mesmos, escrever nossas próprias leis e ultrapassar os limites de Deus –, a lei nunca consertará nossa transgressão. E deixe-me acrescentar que o esforço humano nunca consertará a imoralidade humana. Visto que eu sou meu maior problema e que o maior perigo para mim sou eu mesmo, visto que eu nunca serei capaz de escapar de mim mesmo, não tenho a mínima capacidade, qualquer que seja, de consertar o que está quebrado. Preciso de ajuda. Preciso de um Redentor.

Em Romanos 8.3, o apóstolo Paulo diz isso do seguinte modo: “o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado”. Ambos os elementos estão aqui: a fraqueza da lei e a fraqueza da carne (natureza pecaminosa). Sou fraco demais em todos os sentidos para ajudar-me e a lei não tem poder para me resgatar. A lei é capaz de expor o

meu pecado e guiar-me quanto a como Deus quer que eu viva, mas ela não tem qualquer poder para me resgatar do meu pecado.

Quando você admite que não tem um problema moral de orientação comportamental, mas, muito mais fundamentalmente, um problema de localização da admiração do coração, verá que precisa de mais do que um sistema de reforma; precisa de um Redentor. Não devemos reduzir o cristianismo a um sistema de teologia e regras. Teologia e regras nunca remirão você. Elas nunca foram dadas por Deus para serem um fim em si mesmas. Elas são um meio para um fim. O propósito delas é levá-lo a ver a profundidade da sua necessidade e a suficiência da obra de Cristo para fazê-lo correr desesperadamente para ele em fé, colocar sua esperança na graça dele e ter seu coração cheio de admiração por ele.

A transgressão é um problema quanto à admiração antes de ser um problema quanto à lei, e é por isso que precisamos de um Redentor. Felizmente, o Redentor veio e sua obra por nós está concluída. Volte-se para ele e você encontrará a

graça de que precisa para ver a realidade do seu problema quanto à admiração e a esperança que apenas Cristo pode dar.

7
RECLAMAÇÃO

Sustento que o agradecimento é a mais elevada forma de pensamento; e que a gratidão é a felicidade duplicada pela admiração.

G. K. CHESTERTON[6]

Estou prestes a ferir seus sentimentos. Se exatamente agora você está reclamando de alguma coisa, você não está reclamando porque tem um

problema de falta de recursos,
problema de localização,
problema de situação,
problema com pessoas,
problema com o sofrimento,
problema com a justiça,
problema de saúde,

problema com a igreja,
problema no seu casamento,
problema no trabalho,
problema com pai ou mãe,
problema com as dificuldades da vida,
problema com o vizinho ou
problema com o mundo caído.

Certamente você pode estar lidando com dificuldades em uma ou mais dessas áreas, mas elas não são a causa da sua lamentação. Sua tendência a reclamar está enraizada num nível bem mais profundo. Bom, aqui está a conclusão final: não reclamamos porque temos um conjunto de problemas da vida, mas porque temos um problema quanto à admiração. Nosso problema não é exatamente com o que lidamos, mas é muito mais fundamentalmente como a visão que temos de Deus molda o modo como encaramos e tratamos o nosso problema. Tendemos a pensar que a reclamação é uma coisa simples, mas talvez ela seja bem séria do que pensamos. Permita-me usar uma história bíblica bem conhecida para ilustrar isso.

RIO DA RECLAMAÇÃO

Leia cuidadosamente o relato a seguir:

Então, partimos de Horebe e caminhamos por todo aquele grande e terrível deserto que vistes, pelo caminho da região montanhosa dos amorreus, como o SENHOR, nosso Deus, nos ordenara; e chegamos a Cades-Barneia. Então, eu vos disse: tendes chegado à região montanhosa dos amorreus, que o SENHOR, nosso Deus, nos dá. Eis que o SENHOR, teu Deus, te colocou esta terra diante de ti. Sobe, possui-a, como te falou o SENHOR, Deus de teus pais: Não temas e não te assustes. Então, todos vós vos chegastes a mim e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a terra e nos digam por que caminho devemos subir e a que cidades devemos ir. Isto me pareceu bem; de maneira que tomei, dentre vós, doze homens, de cada tribo um homem. E foram-se, e subiram à região montanhosa, e, espiando a terra, vieram até o vale de Escol, e tomaram do fruto da terra nas mãos, e no-lo trouxeram, e nos informaram, dizendo: É terra boa que nos dá o SENHOR, nosso Deus.

Porém vós não quisestes subir, mas fostes rebeldes à ordem do SENHOR, vosso Deus. Murmurastes nas vossas tendas e dissestes: Tem o SENHOR contra nós ódio; por isso, nos tirou da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus e destruir-nos. Para onde subiremos? Nossos irmãos fizeram com que se derretesse o nosso coração, dizendo: Maior e mais alto do que nós é este povo; as cidades são grandes e fortificadas até aos céus. Também vimos ali os filhos dos anaquins. Então, eu vos disse: não vos espanteis, nem os temais. O SENHOR, vosso Deus, que vai adiante de vós, ele pelejará por vós, segundo tudo o que fez conosco, diante de vossos olhos, no Egito, como também no deserto, onde vistes que o SENHOR, vosso Deus, nele vos levou, como um homem leva a seu filho, por todo o caminho pelo qual andastes, até chegardes a este lugar. Mas nem por isso crestes no SENHOR, vosso Deus, que foi adiante de vós por todo o caminho, para vos procurar o lugar onde deveríeis acampar; de noite, no fogo, para vos mostrar o caminho por onde havíeis de andar, e, de dia, na nuvem.

Tendo, pois, ouvido o SENHOR as vossas

> palavras, indignou-se e jurou, dizendo: Certamente, nenhum dos homens desta maligna geração verá a boa terra que jurei dar a vossos pais, salvo Calebe, filho de Jefoné; ele a verá, e a terra que pisou darei a ele e a seus filhos, porquanto perseverou em seguir ao SENHOR. (Dt 1.19-36)

Para que você possa entender plenamente a história e o significado da reclamação de Israel, preciso montar o cenário para você. Os filhos de Israel eram os filhos escolhidos do Supremo Deus, o Criador do universo, o soberano arquiteto de todas as coisas, o Redentor que os livrou do Egito e sustentou-os por quarenta anos no deserto. Ele tinha feito uma aliança de amor com eles e tinha não apenas prometido que eles seriam seu povo como também que daria a eles uma terra. Como Todo-Poderoso e em defesa do seu povo, ele os defenderia de todas as nações que permanecessem no caminho de Israel na posse do que era deles pela vontade de Deus.

Naquele momento, a única coisa que separava os israelitas da posse definitiva do que Deus lhes tinha prometido era o rio Jordão. Esse rio deveria

ser a porta de entrada para a vitória deles; em vez disso, suas margens tornaram-se o palco da murmuração deles.

Eles tinham enviado espias à terra para observá-la e coletarem alguns dos ricos frutos daquela região, mas eles coletaram algo mais – um grande pavor. Eles voltaram relatando que o povo que vivia na terra não somente era mais alto do que os israelitas como também vivia em grandes cidades fortificadas. Naquele momento, com temor derretendo seus corações, os filhos de Israel recusaram-se a deixar suas tendas e tomar posse do que Deus lhes tinha dado. Em vez disso, eles se assentaram nas tendas reclamando do Senhor, dizendo: “tem o SENHOR contra nós ódio; por isso, nos tirou da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus e destruir-nos” (Dt 1.27). Essa afirmação revela o problema. Os israelitas não tinham um problema com a altura do inimigo. O problema que eles tinham não era exatamente com as cidades fortificadas. Eles não tinham um problema porque estavam “cansados depois de quarenta anos e não queriam lutar pela terra

prometida por Deus”. Não, na base da murmuração deles estava um problema quanto à admiração.

Evidentemente, o que eles estavam enfrentando era muito maior que a habilidade natural deles. Evidentemente, eles teriam de estar dispostos a se envolver em batalhas. Evidentemente, a tomada de posse da terra seria difícil. A vida neste mundo caído é dura. Deus coloca na minha vida dificuldades que eu nunca escolheria enfrentar. No entanto, as palavras de Israel demonstravam que sua queixa não era exatamente contra as circunstâncias, mas contra Deus. Se louvor é celebrar a impressionante glória de Deus, então a reclamação é antilouvor. Não apenas a reclamação deixa de reconhecer a grandeza de Deus, ela questiona seu poder e caráter. Se você crê que Deus é o Criador e o controlador de tudo que há, então é impossível reclamar das circunstâncias sem reclamar de Deus. Reclamação é a falta de admiração verbalizada.

A falta de admiração, que me leva a questionar o poder e o caráter de Deus, faz-me tomar minha vida nas minhas próprias mãos e, porque tomei

minha vida nas minhas próprias mãos, rebelo-me contra o que Deus me chama para fazer. Isso foi o que aconteceu às margens do rio Jordão. Muito além de uma simples murmuração por causa das circunstâncias difíceis, a reclamação de Israel era profundamente teológica e moralmente rebelde. Simplesmente você não pode entender essa história e continuar pensando que, para o cristão, a reclamação é algo simples. Essa passagem é clara em mostrar que definitivamente Deus não vê a reclamação como algo simples. Ele foi rápido em sua crítica e juízo. Pelo fato de os filhos de Israel terem questionado o Senhor, eles não poderiam ver a terra da promessa. Isso era algo trágico. Vamos desenvolver um pouco mais o problema quanto à admiração nessa narrativa.

CINCO PERGUNTAS QUE TIRAM OU SELAM A SUA ESPERANÇA

Está totalmente claro que a visão que você tem de Deus inevitavelmente moldará sua perspectiva das circunstâncias. Desse modo, sua teologia é como uma lente através da qual você examina a sua

vida. Isso significa que você nunca aborda as circunstâncias de alguma feliz posição de neutralidade. Você e eu sempre avaliamos nossa situação da posição estratégica da admiração ou da falta de admiração. De algum modo, nós, como os filhos de Israel, sempre fazemos cinco perguntas profundamente teológicas e as respondemos, e o modo como respondemos a essas perguntas nos empurrará à esperança ou ao pânico.

E é importante dizer que você responde a essas perguntas de alguma maneira todos os dias. Todos os dias, você e eu teologizamos sobre a nossa vida. Nesse sentido, nossa teologia funcional, do dia a dia, pode influenciar mais fundamentalmente a nossa vida diária do que nossa teologia formal. A teologia inconsciente que adotamos pode se diferenciar significativamente da teologia que afirmamos crer quando assumimos conscientemente compromissos teológicos. O Deus nas nossas confissões formais pode ser muito diferente do Deus no qual pensamos todos os dias, mesmo naqueles momentos em que não estamos conscientes que estamos pensando sobre ele. Você

faz essas perguntas teológicas profundamente significativas e as responde todos os dias, seja você um pastor, um programador de computação, um auxiliar de escritório, um estudante ou um bombeiro. E você faz isso num estado de admiração vertical ou de amnésia quanto à admiração.

1. *Deus é bom?* Pode ter certeza de que a bondade de Deus deixará você confuso. Veja, o que parece bom da perspectiva perfeita da eternidade-destino de Deus nem sempre parece bom do nosso nível terreno. É difícil aceitar que Deus sabe mais do que nós. É difícil admitir que Deus pode usar as dificuldades para o bem na nossa vida. Quando se pensa no que é bom, é difícil para nós nos manter no programa de Deus. E, novamente, o tema da admiração está no centro dessa questão. Se eu vivo no centro da capacidade de sentir admiração que me foi dada por Deus – isto é, se a admiração pelo eu substituiu a admiração por Deus –, então, invariavelmente concluirei que Deus não é sempre bom, ao que se seguirá uma torrente de reclamações.

Se eu estou no centro, vou definir *bom* como o

que é confortável, previsível, agradável, natural e fácil. A vida boa será a vida fácil porque a admiração pelo eu substituiu a admiração por Deus como o principal motivador da minha vida. Assim, quando a dificuldade surgir no meu caminho, minha resposta teológica negligente será perguntar a Deus a razão de ele ter feito isso e questionar sua bondade.

Nos meus primeiros dias no ministério, fiquei surpreso com a quantidade de pessoas aconselhadas por mim que estavam com raiva de Deus. Eu estava impressionado com a quantidade de pessoas que não mais assumiam que Deus é bom.

Porém, há algo de mortal nesse processo. Como já mencionei anteriormente neste livro e em outros lugares, se você se permite questionar a bondade de Deus, deixará de seguir seus mandamentos e de correr para ele em busca de ajuda, pois você não mais acredita em quem não mais tem confiança, não o segue nem busca sua ajuda. No entanto, Deus é *bom*. Sua bondade é a pedra fundamental das suas impressionantes perfeições. Ele nunca pensa, deseja, diz ou faz o que é mal. Ele é a definição de

tudo que é bom, reto e verdadeiro. Tudo que ele faz é bom em todos os sentidos. Sua bondade é tão radiante e gloriosa que deveria nos deixar sem fôlego, calados e admirados. E se estivermos admirados pela sua bondade, não entraremos em pânico nas tribulações e não nos recusaremos a fazer as coisas difíceis que ele nos chamar para realizar.

Gostaria de poder dizer que nunca levei Deus ao tribunal dos meus julgamentos ou questionei sua bondade, mas eu já fiz isso. Por três anos hospedei meu velho pai cujo pecado havia devastado nossa família. Esperava ser um agente da sua confissão e arrependimento, mas isso nunca aconteceu. Um dia, ele caiu da escada da minha casa, entrou em coma e morreu. Na minha visão, não havia nada de bom nessa história. O fato de tê-lo hospedado me parecia ter sido um desperdício colossal. No elevador do hospital, toda a raiva acumulada foi irrompendo em mim. Fiquei feliz por estar sozinho. A maneira como questionei rancorosamente a Deus me assustou. Foi humilhante porque, mesmo que por um momento, me permiti pensar que eu sabia

mais do que Deus, que o meu “bom” era melhor do que o bom que ele tinha desejado para mim. E quanto a você? A admiração pela bondade de Deus interpreta a vida para você? Ou as dificuldades da vida fazem você questionar a bondade dele?

2. *Deus fará o que prometeu*? Poucas perguntas nesta vida são mais importantes do que essa. Visto que todos nós somos pequenos e fracos, que nunca saberemos realmente o que vem depois e que Deus nos chama a fazer coisas difíceis e sacrificiais, precisamos saber que suas promessas são confiáveis. Ele sempre estará conosco? Ele nos dará tudo de que necessitamos? Ele nos perdoará todos os pecados? Seu amor durará para sempre? Ele manterá a obra da sua graça até que ela seja completada? Ele proverá o guia e a proteção de que necessitamos? Ele vai fazer tudo isso?

As promessas de Deus são intencionadas para nos comover e nos motivar. Elas são intencionadas para instilar esperança. Elas são intencionadas para nos dar coragem. Elas são intencionadas para derrotar os sentimentos de solidão, de incapacidade e de temor. Elas são intencionadas para nos dar paz

quando as coisas à nossa volta estão caóticas e confusas. As promessas de Deus são intencionadas para impressionar sua mente e sossegar seu coração. Elas são seus dons da graça para você. No fundo do seu coração, você sabe que nunca mereceu as bênçãos que ele derramou sobre você. Suas promessas são intencionadas para levá-lo à admiração por ele e a maravilhar-se pela glória da sua graça. Suas promessas são intencionadas para que sejam o modo pelo qual você interpreta a sua vida e dá sentido a ela.

Estou impressionado com o número de cristãos com os quais me encontro que estão em algum estado de paralisia espiritual porque não mais creem nas promessas de Deus. Pelo fato de não mais crerem nas promessas de Deus, eles não têm mais razões para continuar fazendo as coisas radicais que Deus chama cada um dos seus filhos para fazer. Quando a dúvida substitui a admiração, rapidamente você desistirá de todas as demais disciplinas do evangelho na vida cristã. Seu problema não é que a vida é difícil. Seu problema é que você perdeu sua admiração pelo Deus das

promessas, as quais antes motivavam a maneira como você lidava com a vida. Você se mantém com esperança e coragem nas admiráveis promessas de Deus? Ou você caminha na areia movediça de questionar a confiabilidade delas?

3. *Deus está no controle?* Esse é um lugar fundamentalmente importante para você apoiar a sua admiração. Em certos sentidos, todas as perguntas dependem desta. Não faria nenhuma diferença positiva na vida se Deus não governasse as situações que resistem à sua bondade. As promessas de Deus são tão confiáveis quanto a extensão do seu controle. Ele só pode garantir que fará alguma coisa nas situações em que ele controla totalmente. Que bem executará seu poder absoluto se ele não tem autoridade para exercê-lo? Não trará nenhum consolo para nós saber que Deus está no controle se ele não governa sobre todas as circunstâncias em que seu cuidado seja essencial. Sim, todo consolo das perfeições admiráveis de Deus dependem do seu controle soberano sobre cada situação, condição e pessoa.

Porém, aqui está o problema: superficialmente,

seu mundo não parece estar sob um controle cuidadoso e sábio. Na verdade, algumas vezes ele parece totalmente fora de controle. Isso nos leva de volta exatamente ao mesmo ponto em que estivemos com cada uma dessas perguntas. Você deixará a sua interpretação das circunstâncias dizer quem Deus é ou deixará a impressionante revelação do próprio Deus interpretar as circunstâncias para você? Veja, as pessoas que vivem em temor, que se debatem com muitas perguntas do tipo “e se” e as que têm dificuldade para desligar a mente quando vão para a cama dormir não têm um problema quanto às circunstâncias; elas têm um problema quanto à admiração. Você e eu descansaremos apenas em situações sobre as quais não temos controle se a nossa admiração for por aquele que controla tudo para a sua glória e para o nosso bem.

Pessoas que procuram estar no controle não têm primariamente um problema de poder; elas têm um problema quanto à admiração, que produz fome de poder. A ausência da admiração pela soberania de Deus leva-as a tentar estabelecer a paz e a segurança pessoal por meio do controle pessoal. E

quanto a você? A admiração pela infinita soberania de Deus tem libertado você tanto do temor quanto da necessidade de estar no controle?

4. *Deus tem o poder necessário?* Como você calcula o poder de Deus? Como podem pobres mentes limitadas calcular o que não tem limites? As Escrituras nos dizem que Deus vem até nós com o mesmo poder que ressuscitou Cristo de entre os mortos. Essa é a definição de poder supremo. O que no universo seria mais poderoso que a habilidade de fazer um morto voltar à vida por meio da palavra? Que definição seria melhor para poder supremo do que a capacidade de fazer com que uma pessoa morta ressuscite e ande? Não há uma situação em que o ser humano esteja mais impotente do que na morte.

Se você já vivenciou a morte de um ser amado, sabe o que é isso. Permaneci próximo à cama da minha mãe quando ela morreu; desejei que ela conversasse comigo mais uma vez, desejei ouvi-la dizer “eu te amo” pela última vez, desejei que ela apertasse minha mão e dissesse que tudo ficaria bem. Desejei com tudo que havia em mim por

mais, porém ela havia partido e eu era impotente para fazer qualquer coisa em relação a isso.

O poder de Deus é tão grande que ele governa a vida e a morte. E aqui está por que isso importa: você só terá paz diante das suas fraquezas, falhas, debilidades e inabilidades quando estiver tomado de admiração pelo poder impressionante de Deus. Você se disporá a fazer coisas que não tem a habilidade natural para realizar somente quando reconhecer que o poder impressionante de Deus está com você. A admiração pelo poder de Deus produz coragem diante das fraquezas. A admiração pelo poder de Deus capacita você a admitir seus limites e, mesmo assim, viver com coragem e esperança. Timidez, temor, negação, dissimulação, desculpas e evasão não são primariamente problemas de fraqueza, mas problemas quanto à admiração. Eu avanço para o que é maior do que eu porque sei que Aquele que está comigo é muito maior do que aquilo que enfrento. E quanto a você? Quanto do que você tem feito é produzido pelo medo e não pela fé? Com qual frequência você é paralisado pela sua fraqueza? A admiração pelo

poder de Deus leva-o a viver uma vida que se move para frente e com coragem?

5. *Deus se importa comigo?* Talvez essa seja a pergunta com a qual estamos mais familiarizados. É a pergunta que o adolescente intimidado na escola faz. É a pergunta feita pela esposa que está vendo seu casamento desmoronar. É a pergunta feita por pais exaustos ao fim de um dia muito difícil com seus filhos. É a pergunta feita pela solteira solitária. O homem que acabou de perder seu emprego faz essa pergunta. É o que pergunta a pessoa que infelizmente deixou a igreja e perdeu o seu caminho. É o que pergunta a pessoa que está sofrendo com as debilidades da velhice. É o que pergunta a pessoa que está lutando há muito tempo com uma enfermidade. É o que você pergunta enquanto vê a cultura a sua volta se desumanizando e piorando.

O cuidado de Deus *é* fundamental. Ele me faz saber que tudo que ele é, ele é para mim. Seu cuidado significa que ele será bom *para mim*. Seu cuidado significa que ele fará o que prometeu *para mim*. Seu cuidado significa que ele exercerá seu

controle *por mim*. Seu cuidado significa que ele liberará seu poder admirável *por mim*. A admiração pelo seu cuidado me permite abraçar a esperança que encontro em todas as suas outras perfeições. A Bíblia nunca debate o cuidado de Deus, ela o assume e o declara. Ela confronta você com a natureza generosa da sua misericórdia, do seu amor, da sua paciência, longanimidade, graça, ternura e fidelidade. Ele é o supremo Pai amoroso. Ele é o Amigo totalmente fiel. Ele é aquele mais chegado que um irmão. Ele é o único que nunca o deixa, não importa o que aconteça. Ele é o único que nunca envia você sem ir junto. Ele é nosso protetor, guia, defensor, mestre, salvador e médico. Ele nunca zomba das suas fraquezas, mas o fortalece. Ele nunca usa o seu pecado contra você, mas dá a você o perdão. Ele não tem favoritos. Nunca quer desistir de você. Nunca fica tão exausto que gostaria de poder livrar-se de você. Ele nunca se diverte à sua custa. Nunca é desleal. Seu cuidado é tão admirável e tão completo que nada na sua experiência de vida é de alguma maneira comparável a ele. Ele cuida!

E quanto a você? Tem atravessado tempos de desapontamento e reclamação porque se permitiu questionar o cuidado de Deus? O nível da nossa esperança está diretamente relacionado com o nível da nossa admiração pelo cuidado de Deus.

Assim, cada palavra dita em reclamação, cada murmúrio de queixa é profundamente teológico. Nosso problema não é que a "boa vida" nos ignorou, que as pessoas têm falhando conosco, ou que a vida tem sido difícil. Todas essas coisas acontecem conosco porque vivemos num mundo caído. E se nosso contentamento depende de que a vida seja fácil, confortável e agradável, não teremos nenhum contentamento neste lado da eternidade. Nós reclamamos muito não porque tenhamos problemas horizontais, mas porque temos um problema vertical. Somente quando a admiração por Deus governar o nosso coração é que seremos capazes de ter alegria mesmo quando as pessoas nos despontarem e a vida se mostrar difícil. Admiração significa que nosso coração será mais pleno com a sensação da bênção do que com a sensação do que está faltando. Você será

surpreendido diariamente pelo que lhe foi dado, em vez de ficar constantemente perturbado com o que você pensa que necessita. Admiração produz gratidão, a gratidão instila alegria e o fruto da alegria é o contentamento.

Há uma boa possibilidade de amanhã haver reclamações nos seus lábios e, quando isso acontecer, clame pela ajuda do seu Salvador. Somente ele pode abrir seus olhos para a sua glória. Somente a graça dele pode satisfazer seu coração. E enquanto você clama, lembre-se de que ele é tão rico em graça que nunca se fará surdo aos seus clamores.

8
MATERIALISMO

Visão é a arte de ver coisas invisíveis.
JONATHAN SWIFT[7]

O tênis da moda
O carro esportivo mais cobiçado
O filé-mignon de qualidade superior
As férias exóticas
A reforma caríssima da cozinha
A mansão numa região nobre
O relógio valioso
O vestido maravilhoso
O nariz novo
O corpo sarado
As antiguidades cuidadosamente colecionadas
A próxima tatuagem
O gramado muito bem cuidado
A TV plana de 60 polegadas

A festa de casamento extravagante

O jardim encantador

O aparelho de jantar de porcelana fina raramente usado

Então, o que as coisas nessa lista têm em comum? E o que elas têm a ver, afinal de contas, com o tema deste livro? Essa é uma lista aparentemente ao acaso de coisas materiais. Nenhuma delas é inerentemente má, mas juntas podem representar um enorme problema que muitos de nós temos com o mundo material. Não estou sugerindo que você rejeite todas as belas coisas materiais na sua vida. Não estou sugerindo que seja mau possuir esses tipos de coisas ou desfrutar delas. O que estou sugerindo é que o materialismo cotidiano está cativando nosso coração e devorando o tempo, a energia e os recursos da nossa vida. Para muitos de nós, alguma coisa está fundamentalmente errada no nosso relacionamento com o mundo das coisas materiais com as quais entramos em contato todos os dias.

Estou profundamente convencido de que o problema não está nas coisas que nos atraem, nos

deixam viciados e devoram nossa vida. Em vez disso, nosso problema é o que atribuímos a elas, o que nos torna incapazes de controlar nossos desejos por elas ou nossa aparente falta de saciedade por adquiri-las e desfrutar delas.

A PROCURA PELA VIDA

Por que continuamos a comprar mais coisas materiais quando claramente já temos o suficiente?

Por que tão frequentemente invejamos o que outras pessoas possuem?

Por que comemos mais que o necessário para ser saudáveis?

Por que tendemos a morar numa casa maior do que nossa família realmente precisa?

Por que somos tão obcecados pela nossa aparência e por ter uma boa forma física?

Por que empregamos tecnologias medicinais modernas para retardar o envelhecimento?

Por que muitos vivem endividados?

Por que olhamos para o nosso guarda-roupas abarrotado e dizemos a nós mesmos que não temos

o que vestir?

Por que comemos fora com tanta frequência?

Por que investimos tanto tempo e dinheiro nas nossas férias?

Por que o sexo ilícito seduz tantos de nós?

Por quê? Estou profundamente convencido de que o materialismo não é primariamente um problema com relação a “coisas”, mas um problema quanto à admiração. Não podemos controlar nossa ganância por coisas porque nossa capacidade admirativa foi sequestrada. Achamos que é quase impossível estar contentes porque a admiração vertical que produz esse contentamento não está funcionado no nosso coração da maneira que Deus planejou. Somente quando a admiração por Deus estiver no seu lugar de direito no nosso coração é que as coisas materiais à nossa volta serão colocadas nos seus lugares corretos na nossa vida.

Vamos examinar a dinâmica espiritual que está na base da nossa luta com as coisas materiais.

1. *Todas as pessoas estão procurando por vida*.

Isso está embutido no nosso interior. Pelo fato de Deus ter nos criado como seres espirituais para nos relacionar com ele, em certo sentido estamos todos numa busca frenética, pessoal e formadora pela vida que modele a nossa história. Estamos à procura de contentamento, satisfação, alegria, esperança, coragem, significado e propósito, uma razão para nos levantar pela manhã, paz no coração, confiança de estar no caminho certo e fazendo a coisa certa, completude, segurança, sensação de bem-estar interior, liberdade do medo e do temor e identidade. Estamos procurando por vida e há somente dois lugares em que buscar. Você pode olhar para o Criador em busca de vida ou você pode procurar vida nas coisas criadas por ele. Porém, uma coisa é certa: você está à procura de vida.

2. *Você admirará o que pensa que é a fonte da sua vida*. Sua busca por vida está no centro do seu mundo admirativo. Você e eu tendemos a ser cativados por qualquer coisa que pensamos que nos tornará tomados pela admiração, tendemos a ser controlados por isso e a admirar isso. A moça que

está para se casar está tomada de admiração pelo seu noivo porque acha que ele dará a ela vida, uma vida que ela ainda não conheceu. O rapaz que acabou de ser contratado está tomado de admiração pelo seu novo emprego porque acredita que ele será o componente mais importante da “boa vida” pela qual ele sempre ansiou. O casal está vibrando de emoção enquanto gira a chave da casa nova porque pensa que nela encontrará vida e construirá vida nela. O atleta mal pode acreditar que acabou de assinar o seu primeiro contrato profissional; isso era tudo o que ele sempre quis da vida. O rico empresário ganhou bastante peso nos últimos anos correndo atrás do seu grande sucesso e desfrutando dele. O recém-convertido Hare Krishna está tão empolgado porque finalmente encontrou a chave para a vida. O homem maduro está deprimido e amargurado porque pensa que a vida o ignorou. O adolescente cruzará alguns limites que foram impostos a ele na sua busca ansiosa e imatura pela vida. A mulher divorciada não consegue lidar com o fato de que a infidelidade de outra pessoa tenha roubando a sua vida. Um casal pedirá um aumento de alguns milhares de dólares no limite no seu

cartão de crédito em mais uma tentativa de comprar vida. Milhares de pessoas diariamente observam do outro lado do muro da casa de outra pessoa e invejam a existência dela porque pensam que ela encontrou vida. Não importa quem você seja nem onde você está, seu gênero ou idade, se afirma a si mesmo que tem vida ou se está numa jornada para encontrá-la, sua tendência é estar tomado de admiração pelo que você pensa que dará vida a você. Deus nos fez para procurar por vida.

3. *Coisas materiais são um lugar lamentável para buscar vida*. Esse erro que todos cometemos é a perda constante e diária da nossa admiração. Esse erro trágico é o tema mais abrangente de cada palavra neste livro. É por isso que tendemos a ser tão espiritualmente vazios, tão consistentemente insatisfeitos e tão direcionados a preencher nossa vida com tantas coisas. É por isso que tendemos a ser tão ansiosos e deprimidos. É a razão da nossa tendência a ser mais orgulhosos do que agradecidos. É o motivo de muitos de nós sermos infelizes. É a razão pela qual tendemos a esperar pela próxima grande novidade. Cometemos o grave

erro de procurar horizontalmente o que pode ser encontrado apenas verticalmente. Coisas materiais cativam nossa admiração e, ao fazer isso, dominam a nossa vida porque pensamos incorretamente que elas podem nos conceder algo que elas nunca nos darão – vida. Eu me pego dizendo às pessoas: “A terra nunca poderá salvar você”. Sabemos disso teologicamente, mas parece que isso se perde na busca pela vida de cada dia. E porque nos esquecemos, repetimos a nós mesmos: “Se apenas eu tivesse _____, então minha vida seria _____”. Sendo assim, vamos considerar o propósito de Deus para as coisas materiais.

4. *As coisas materiais são para o seu sustento*. Você e eu literalmente não podemos viver sem o mundo material que nos envolve. A flora e a fauna à nossa volta nos dão nutrição e saúde. A água ao nosso redor nos mantém hidratados. Não poderíamos viver se não existisse ar para respirarmos. As coisas materiais nos dão refúgio e calor. Coisas materiais nos protegem e nos transportam. As coisas materiais nos dão cobertura para nosso corpo e sombra para nossos olhos. As

coisas materiais nos defendem de doenças e ajudam a curar as que nos afligem.

O relacionamento correto com o mundo físico não consiste em odiá-lo, separando-nos dele tanto quanto for possível. Não, você deve celebrar o modo como Deus, em sua infinita sabedoria e amor, construiu um mundo material que o sustenta. Você e eu deveríamos estar maravilhados com a graça demonstrada no fato de que o mundo criado por Deus nos sustenta mesmo nos momentos em que nós o ignoramos, estamos com raiva dele ou nos rebelamos contra a sua vontade para nós. Deveríamos nos maravilhar pelo fato de que não merecemos o direito de ter o mundo nos sustentando. Esse é um bom dom de Deus para todos nós. O mundo material não é projetado apenas para dar glória a Deus; ele também está cuidadosamente projetado para nos prover do que necessitamos materialmente.

5. *As coisas materiais são para nos dar prazer*. A fé bíblica não amaldiçoa o mundo material nem é contrária ao prazer. Deus criou um mundo gloriosamente belo e aprazível. Considere a

multifacetada visão de um pôr do sol. Pense na linda cobertura de pele de uma zebra. Ouça os sons melodiosos dos pássaros. Considere a vasta gama de cores, texturas e gostos dos alimentos que você come. Imagine-se diante de uma obra de arte ou ouvindo uma famosa peça musical. Pense na beleza dos veios da madeira ou das faixas irregulares numa pedra de mármore. Lembre-se do prazer de um beijo ou a suculência de um pedaço de fruta madura.

Deus projetou seu mundo para nos dar prazer todos os dias numa variedade de maneiras. E Deus cuidadosamente construiu meios de acesso ao prazer no nosso ser físico e emocional. Seus olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos, mente e todas as emoções capacitam você a captar os prazeres que Deus incorporou ao mundo físico à sua volta e desfrutar deles. Por exemplo, Deus não decidiu que você seria materialmente alimentado por uma pílula cinza sem sabor. Ele manifestou sua criatividade de modo exuberante na sua dieta alimentar para que você pudesse consumir uma variedade quase infinita de cheiros, gostos, cores e texturas. Assim,

comer não é apenas um hábito de sustento, ele é um dos grandes prazeres da vida.

Você nunca deve se sentir culpado por procurar os prazeres do mundo material que Deus criou nem por participar e desfrutar deles. Aquilo de que você e eu necessitamos nos resguardar é de permitir que a admiração por esses prazeres torne-se o principal motivador do nosso coração. Quando a admiração pelas coisas materiais governa o seu coração, então você viverá pelas coisas materiais, e quando você viver pelas coisas materiais, fará o que for preciso para conquistá-las, mantê-las e desfrutar delas. É precisamente sobre isso que Jesus está falando em Mateus 6.19-33. (Seria útil se você parasse agora e lesse essa passagem.) Uma atitude materialista como essa não é apenas moralmente perigosa, mas uma violação da razão pela qual você e eu fomos criados. É errado que desejos materiais dominem seu coração e seu estilo de vida.

Mas isso é o que o pecado faz a todos nós. Ele nos leva a substituir a admiração pelo Criador pela admiração pela coisa criada. Tentamos preencher nossa fome espiritual com o mundo material.

Terminamos por definir tanto nós mesmos quanto o bom na nossa vida pelo número de coisas materiais que possuímos. Dizemos que amamos a Deus, mas nossa vida se torna controlada e dirigida pela busca frenética da satisfação material. Vivemos preocupados com o que temos e com inveja ansiosa pelo que não temos. Possuímos muito, mas sempre nos sentimos carentes. Temos muito, mas estamos sempre comprando. Tendemos a ter muito mais prazer em receber do que em dar. No nosso mundo financeiro individual, não importa quanto ganhemos, a renda sempre parece estar atrás do estilo de vida. Vivemos em dívida, mas não paramos de gastar. Possuímos muito, não temos mais espaço, então alugamos mais espaços em armazéns para mais coisas. Estamos gordos, viciados e devendo, mas isso não nos faz parar. Nossa obsessão por coisas materiais traz problemas e sofrimento para nossa vida. Então, dizemos a nós mesmos que vamos fazer melhor, que nos ateremos por um tempo a um novo orçamento, fazemos temporariamente dietas, vendemos parte do que temos, mas nada disso dura por muito tempo porque, bem no nosso âmago, valorizamos a

criação mais do que valorizamos o Criador.

O prazer material é uma das mais significativas frentes de batalha espiritual entre o “já” da conversão e o “ainda não” da nossa ida para o nosso lar. Essa profunda guerra espiritual é travada na nossa vida todos os dias. E ela é travada não porque temos um problema relacionado ao prazer; ela é travada porque temos um problema quanto à admiração, que produz um problema quanto ao prazer. Quando a admiração pela criação substituir a admiração pelo Criador na sua vida, você terá tempos muito difíceis controlando seus desejos por coisas materiais e correndo atrás delas. Nosso vício por coisas materiais está enraizado numa substituição da admiração. Somente quando a admiração por Deus governar o seu coração é que você será capaz de manter os prazeres das coisas do mundo material no seu lugar correto.

Não posso terminar esta discussão sem dizer mais uma vez que Deus provê graça para essa luta. A graça de Deus tem como objetivo o resgate, a transformação e a libertação do seu coração. A graça de Deus trabalha para libertar você da

escravidão aos seus desejos. A graça de Deus batalha pelos seus pensamentos e desejos mesmo quando você não o faz. A graça de Deus é poderosa e implacável. Você e eu não temos a menor capacidade de nos libertar de nós mesmos, mas a graça de Deus tem. E essa graça – nossa única esperança – não é algo que você possa merecer pelas confissões de culpa ou pelo asceticismo material; você e eu nunca a mereceremos por nada que fizermos. É um dom eterno de Deus para nós. Somente encontraremos esperança nessa batalha contra as coisas materiais no poder que perdoa, liberta e transforma da graça de Deus. E essa graça lutará por nós até finalmente vencer a guerra pela admiração, para que as coisas materiais nunca reivindiquem novamente nosso coração. Então, Senhor Jesus, não demore para vir!

6. *As coisas materiais são para que nós nos lembremos*. Toda a variegada glória do mundo material tem um propósito no plano de Deus. Aquele que nos criou, tomou-nos para si e nos ama. Ele sabe o quanto somos rápidos para esquecer. Ele sabe o quanto rapidamente a admiração por ele é

substituída pela admiração pelo que ele criou. Ele sabe que todos nós tendemos a ser recuperados da nossa amnésia quanto à admiração vertical apenas para voltar para ela novamente. Assim, em terno amor e graça, ele intencionalmente projetou o mundo material de modo que ele apontasse para si. Ele não escondeu a sua existência, o seu caráter e a sua glória de nós, guardando-os somente para uma elite superespiritual. Não, todo aquele que tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para receber se encontra com ele todos os dias no que ele fez e por meio do que ele fez (veja Salmo 19 e Romanos 1). O mundo material em si foi feito para ser um grande lembrete permanente do Deus infinito em poder e glória que criou todas as partes do mundo material e as sustenta todas juntas pelo poder da sua vontade.

Isso significa que você deve ter dois tipos de admiração na sua vida. Primeiro, você pode exercitar a *admiração pela lembrança*. Esse é o tipo de admiração que você deve ter pelo mundo criado. O mundo material é incrível. Ele deve levá-lo à admiração, mas um tipo específico de

admiração. Ele deve produzir em você a admiração pela lembrança. Cada linda vista, cada som intrigante, cada coisa maravilhosa deve lembrá-lo da glória de Deus, que criou tudo e permanece por trás de tudo. É errado não ficar admirado pelo que Deus criou, porém é ainda mais profundamente errado quando você olha a glória da criação sem se lembrar de Deus.

Aqui está o que isso quer dizer: a *admiração pela lembrança* deveria estimular imediatamente em nós a segunda e mais profunda admiração: *admiração em adoração*. As glórias do mundo criado destinam-se a nos fazer adorar ao Deus da glória que fez e controla tudo. A admiração pela lembrança pretende despertar e estimular o seu coração. A admiração em adoração destina-se a cativar o seu coração e a fazer com que você dobre seus joelhos em humilde e alegre adoração. Todos nós nos colocamos em dificuldade espiritual quando a admiração pela lembrança torna-se admiração em adoração, quando começamos a adorar a criação e nos esquecemos do Criador. Como afirmei anteriormente, esta é a batalha das

batalhas: que a coisa criada para estimular a adoração em você torna-se, em vez disso, o objeto da sua adoração. Em breves momentos da vida humana, fazemos isso repetidas vezes. O desejo pela próxima coisa material que consideramos necessitar torna-se mais importante para nós do que a existência, o caráter, o plano e a graça de Deus.

Digo isto em tom de brincadeira, mas ao mesmo tempo com seriedade: há dias em que eu não me preocupo com a Redenção, tudo o que desejo é um bom bife. Há dias em que eu não me importo com Deus, quero apenas um tempo bom para variar. Há momentos em que não me importo com a vontade de Deus, quero apenas pessoas na minha vida que gostem de mim. Há momentos em que não me importo com a beleza da graça de Deus, quero apenas controlar um pouco mais a minha agenda. É triste, mas devo confessar que algumas vezes paro na admiração pela lembrança e não permito que ela estimule minha admiração em adoração e, por causa disso, preciso ainda mais da graça que é a única coisa que pode me salvar de mim mesmo.

7. *Coisas materiais nunca nos darão vida*. Você e eu precisamos lembrar que o mundo material à nossa volta nunca foi projetado para nos dar vida. Ele pode nos dar satisfação temporária. Ele pode nos dar um frenesi emocional de curta duração. Ele pode nos dar uma beleza que fornece distração e recreação momentâneas. Ele pode nos entreter e instruir, mas nunca poderá oferecer aquela coisa pela qual todo ser humano desesperadamente anseia: vida. Toda essa discussão leva à pergunta feita em Isaías 55. Os primeiros nove versículos dessa passagem contêm uma das mais belas descrições escritas sobre o dom gratuito da graça de Deus de toda a Bíblia. É uma passagem a qual você e eu devemos retornar várias vezes porque precisamos dessa linguagem pitoresca para reorientar nossa mente para o evangelho. Em meio às glórias surpreendentes do mundo criado, você pode perder sua mente e se tornar obcecado pelos desejos, pensando que você está desesperadamente desamparado quando, na verdade, você é amado suficientemente e suprido sobejamente.

A pergunta no meio da passagem é *a* pergunta. Ela captura realmente a batalha diária que todos nós enfrentamos com o mundo material. Aqui está ela: “Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz?” (Is 55.2). Em palavras que fazem surgir uma imagem na nossa mente, o profeta diz essencialmente que Deus é a única comida que sempre satisfará nosso coração. Comer qualquer outra coisa deixará você faminto e insatisfeito. Mas isso é o que todos nós fazemos em algum momento. Nós dizemos a nós mesmos que se apenas tivéssemos _____, então estaríamos contentes e satisfeitos. Mas nunca estaremos porque a nossa alma nunca se satisfará a menos que encontre sua satisfação em Deus.

Não seria que você luta com coisas materiais porque parou na *admiração pela lembrança* e impediu que ela o levasse à *admiração em adoração*? Na sua vida há evidências de que você está procurando por vida onde nunca poderá ser achada? Bem, aqui está o resultado: quando a admiração pela criação substitui a admiração pelo Criador, você terá tempos muito difíceis

controlando seus desejos por coisas materiais e correndo atrás delas. Conhecimento bíblico e teológico não ajudará você porque, no nível mais profundo das motivações do seu coração, uma substituição mortal aconteceu e, por causa dela, você continua correndo atrás do mundo criado, esperando que ele seja seu messias pessoal. Assim, você olha para suas posses ou para seu casamento ou para seu trabalho ou para a próxima situação ou para a próxima experiência esperando que isso dê vida a você, mas eles nunca darão – você sempre terminará vazio. E Isaías poderia perguntar: “Por que trabalhais tanto pelo que não satisfaz?”.

GRAÇA PARA VENCER A CULPA

Tudo isso seria muito desencorajador considerar se você estivesse à mercê dos recursos limitados da sua própria sabedoria e força, mas como filho de Deus você não está. O Criador do mundo material é também o Salvador que “está sempre conosco”. Ele não fornece apenas seus recursos, ele se dá a si mesmo. Ele torna você o lugar em que ele habita com a sua poderosa graça

que protege, resgata, transforma e liberta. Ele vem a você com força nos momentos em que você está fraco. Ele agracia você com sabedoria nos momentos em que você está agindo como um tolo. Ele luta pela sua alma mesmo quando você já não luta mais por você mesmo. Ele não espera até que você esteja à altura. Não; ele fica à altura por você em cada situação e de todos os modos para que, quando você não estiver à altura, receba misericórdia e não juízo.

Assim, você não precisa esconder envergonhado o seu materialismo. Não precisa esconder seu pecado do desejo por coisas materiais. Não precisa se esforçar para racionalizar suas dívidas. Você pode correr para a presença de Deus em fraqueza e em erro sabendo muito bem que receberá o amor e a graça restauradores dele. Admita. Você é como eu. Algumas vezes sua admiração pelo mundo material substitui sua admiração pelo Deus que criou o material. Porém, quando admitir, não fuja de Deus. Corra para ele, encontre misericórdia e graça que têm a forma exata das suas necessidades particulares e das suas

lutas específicas.

9
CRESCIMENTO

Você nunca deixará de ser a pessoa mais tomada de
admiração da terra por causa do que Deus fez por você no seu interior.
OSWALD CHAMBERS[8]

Caso alguém pergunte a você quais seriam as duas perguntas mais importantes que você poderia fazer, qual seria a sua resposta? Se você é filho de Deus, não pode haver perguntas mais importantes do que estas duas:

> *O que Deus está realizando no mundo neste momento?*
> *E de que maneira devo reagir a essa ação de Deus?*

Como você responderia a essas perguntas, e como a sua resposta modelaria o modo como você pensa a respeito de Deus, de si mesmo, da vida, do que é importante e a que você deveria se dedicar diariamente?

Pelo fato de que Sharon não respondeu bem a essas perguntas, ela estava sempre deprimida. Visto que Joe não respondeu muito bem a essas perguntas, ele passou uma grande parte da sua vida irado. Visto que Joslynn não respondeu bem a essas perguntas, seu coração estava constantemente corroído pela inveja. Pelo fato de Frank não ter respondido bem a essas perguntas, ele era conduzido demais pelo sucesso material. Pelo fato de Judy não ter respondido bem a essas perguntas, ela estava totalmente focada no que outras pessoas pensavam a seu respeito. Brad nunca respondeu bem a essas perguntas e, já estando velho, ele olha para o seu passado com amargura e arrependimento.

Sharon, Joe, Joslynn, Frank, Judy e Brad eram todos cristãos, mas passaram a vida inteira se sentindo insatisfeitos, pensando que de alguma

maneira a vida boa os tinha ignorado. Eles estavam confusos em relação às promessas de Deus. Eles se perguntavam por que Deus não tinha vindo a eles, e cada uma das suas histórias era a narrativa de uma fé que foi se enfraquecendo. Eles nunca compreenderam de fato os propósitos de Deus entre o "já" e o "ainda não" e, porque eles não compreenderam, a fé que eles tinham não os resgatava, encorajava, protegia, consolava ou guiava. A fé que eles tinham era relegada à parte "espiritual/religiosa" de suas vidas, mas nunca tinha se tornado o estilo de vida abrangente que daria sentido e significado a tudo o que eles faziam.

Acredito que milhares de pessoas se encontrem na mesma situação que esses meus amigos. Deus os confunde, o cristianismo os confunde, o viver pela fé os deixa confusos, a graça os confunde, de modo que a caminhada deles com Deus é muito diferente do que imaginavam que deveria ser. Entre o "já" do novo nascimento deles e o "ainda não" da futura morada celestial, eles foram perdoados gloriosamente e amados abundantemente, mas, infelizmente, viviam como almas perdidas. Eles

simplesmente nunca entenderam ou seguiram o programa de Deus. O cristianismo deles vivia de modo mais vibrante no domingo, mas era muito mais um hábito religioso formal do que uma nova e radical forma de vida. Nenhum deles falava muito sobre sua fé a outros porque eles não tinham entusiasmo espiritual para compartilhar. Muitas vezes me pergunto quantas pessoas verdadeiramente perdoadas vivem como almas perdidas, vagueando na vida cristã como uma pessoa numa cidade desconhecida sem um mapa ou um GPS. Pergunto-me quantas pessoas verdadeiramente perdoadas estão perdidas no emprego, no casamento, na educação de filhos, na acumulação de posses, na busca pelo sucesso – perdoadas, mas perdidas na jornada entre o “já” e o “ainda não”.

O que Deus está fazendo neste exato momento? Bem, se a justificação é um ato que assegura nosso perdão e aceitação diante de Deus, então a santificação é um processo que faz a transformação radical do nosso coração. Esse processo de transformação radical do coração e da vida que

dura a vida inteira é o zelo do Redentor concentrado entre o “já” e o “ainda não”. A justificação é a obra totalmente concluída de Deus de comprar o nosso perdão. A santificação é a obra progressiva de Deus de nos transformar e nos fazer crescer.

Veja, Deus não prometeu a você um bom emprego ou filhos notáveis. Ele não prometeu a você um casamento fácil nem um lugar confortável para morar. Ele não prometeu saúde física nem uma boa igreja para frequentar. Ele não prometeu que você vivenciaria a riqueza e que seria rodeado de coisas que o entreteriam. O que ele prometeu é que completaria a obra que iniciou em você. E, se você for honesto, reconhecerá que a cada dia exibe evidência de que ainda precisa mudar. Talvez isso possa ver visto num momento de irritação, de orgulho, de impaciência, de inveja, de desejo, de ganância ou de dúvida. Talvez isso seja visto em atos de rebeldia e vingança ou em palavras ofensivas e indelicadas. Talvez isso seja demonstrado em mentir um pouco na declaração de renda, na pequena distorção da verdade ao contar

uma história ou na visita a um *site* que você não deveria visitar. Talvez isso fique claro no racismo sutil ou na acumulação de bênçãos que deveriam ser compartilhadas. Talvez seja na irritação no trânsito ou na impaciência na fila do supermercado. Mas há, e você sabe disso, evidências de que você ainda não é tudo o que Deus na sua graça pode fazer de você. Você e eu podemos estar satisfeitos com o que somos, mas Deus não está satisfeito nem cessará até que sua obra esteja completa.

Neste ponto você pode estar pensando: “Paul, tudo isso faz sentido, mas eu ainda estou confuso em relação ao que isso tem a ver com um livro sobre a admiração por Deus”. Deixe-me explicar.

O QUE O PECADO FAZ A TODOS NÓS

Você nunca vai entender o que Deus está fazendo aqui e hoje enquanto não entender o que o pecado fez ao modo como o seu coração funciona. Todos sabemos que o pecado nos tornou *transgressores da lei*, mas poucos sabem que o pecado fez algo muito mais basicamente destrutivo

no nosso coração. O pecado tornou todos nós *transgressores da admiração*.

Um versículo em 2Coríntios 5 explica esse conceito de ser um transgressor da admiração. Ele diz que Jesus viveu e morreu a fim de que “os que vivem não vivam mais para si mesmos” (v. 15). Este é o significado dessa breve frase: pessoas cujos pensamentos, desejos, palavras e ações foram planejados para serem motivados e moldados pela admiração por Deus substituíram a admiração por Deus pela admiração pelo eu. Não é apenas que o pecado nos tenha tornado rebeldes e tolos. Não é apenas que o pecado nos tenha tornado desejosos de escrever nossas próprias leis. Não, o pecado operou algo mais fundamental em cada um de nós. O pecado capturou e redirecionou o sistema motivacional do nosso coração. De uma maneira praticamente modeladora de vida, o pecado mudou o modo como o nosso coração funciona. Nessa passagem, Paulo está falando sobre duas perspectivas opostas da vida. Em uma, o coração está cheio com a visão do que eu quero para mim e meu pequeno mundo; na outra, o coração está cheio

de admiração pelo que Cristo é e pelo que ele fez. Cada uma é dirigida pela admiração, seja a admiração pela glória pessoal, seja a admiração pela glória de Cristo. Conquanto tenhamos sido criados para ser movidos pela admiração por Deus, o pecado fez com que nosso coração seja movido pelo programa individualista secundário da admiração pelo eu. Pelo fato de termos transgredido a intenção de Deus para nossa admiração, a seguir avançamos para a transgressão da intenção da lei de Deus. Deixe-me dizer isso de modo mais claro e prático que conseguir. Por causa do pecado, *a admiração por Deus é muito rapidamente substituída pela admiração pelo eu*.

O que isso significa é que não pensamos, desejamos, propomos, queremos ou planejamos como deveríamos. Queremos que a nossa vontade seja feita. Queremos a liberdade de fazer o que queremos quando quisermos fazê-lo. Queremos que a nossa vida seja confortável e nossos dias previsíveis. Queremos que as pessoas à nossa volta nos apreciem, nos satisfaçam e nos sirvam. Não queremos que as pessoas discordem de nós nem

nos digam que estamos errados. Queremos ter riqueza sem trabalho duro e realizar o que nos dá prazer sem as consequências. O pecado nos leva a transgredir tragicamente no mais profundo nível motivacional, ou seja, no nível da nossa capacidade de sentirmos admiração.

Por outro lado, quando Deus toma você para ele, você é completamente perdoado e aceito incondicionalmente por ele, mas a batalha pela admiração do seu coração continua. Sim, a partir desse momento seu coração foi despertado para a glória de Deus de uma maneira que nunca ocorreu antes, mas você ainda terá conflitos interiores quanto à admiração. Ainda há uma enorme batalha motivacional a ser vencida. Essa guerra pela admiração é, na verdade, do que trata o processo de mudança ao longo de toda a vida do cristão – a santificação. Não é apenas sobre aprender a teologia correta e as regras certas. Se tudo de que necessitássemos fosse teologia e regras, a pessoa e a obra de Jesus que invadiram a terra simplesmente não teriam sido necessárias. De fato, a santificação é sobre a graça de Deus fazendo por nós o que não

pudemos fazer para nós mesmos: recuperar a nossa admiração por Deus e por ele somente.

Crescimento espiritual diz respeito à retomada da sua admiração. Quanto mais a admiração por Deus governar os sistemas motivacionais do seu coração, mais você amará o seu Reino e encontrará prazer na sua obra e satisfação em realizar sua vontade. Romanos 12.2 fala a respeito de ser transformado “pela renovação da vossa mente”. É isso. A mente é onde as mudanças precisam acontecer. Se a graça não transformar minha motivação, não alterará a maneira como vivo.

DEUS BATALHA PELA SUA ADMIRAÇÃO

Visto que você é incapaz de fugir do seu coração ou de transformá-lo, deve depender da graça poderosa e transformadora de Deus para operar o que você não pode realizar por si mesmo. Deus sabe disso, e é exatamente por esse motivo que ele não apenas perdoa você. O perdão é algo maravilhoso, mas Deus faz algo tão mais

assombroso e misterioso que é quase impossível que seja compreendido pela nossa mente finita: ele envia seu Espírito para habitar em você. Seu Espírito batalha com sua carne. Uma vez que essa batalha é travada no âmago do sistema motivacional do seu coração, ela deve ser travada de dentro para fora. O conhecimento é maravilhoso, mas não é o suficiente. As regras são incrivelmente úteis, mas elas não têm o poder de fazer o que precisa ser feito. O pecado sequestrou sua capacidade admirativa e colocou você no centro da sua admiração, onde apenas Deus deveria estar.

Paulo diz aos cristãos de Corinto “rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20). O que isso quer dizer? Se eles eram cristãos, já não estavam reconciliados com Deus? Bem, nessa passagem, Paulo usa o termo *reconciliação* em dois sentidos. Primeiro, a reconciliação posicional da justificação. Com base na obra de Cristo, eu fui reconciliado com Deus, isto é, fui aceito na sua presença e adotado na sua família. Mas Paulo usa *reconciliação* em outro sentido: a reconciliação da santificação. Eis o que é isso: na medida em que

minha capacidade admirativa é governada ou controlada por algo ou por alguém que não seja Deus, nessa mesma medida eu preciso ser mais reconciliado com Deus. Essa é a guerra da santificação. É a guerra da reconciliação. É a guerra para recuperar minha admiração por Deus e por Deus apenas.

Felizmente, você e eu não estamos sozinhos nessa guerra. Veja o que Paulo diz aos cristãos da Galácia: “andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer” (Gl 5.16-17). Veja, o crescimento espiritual diz respeito a recuperar seus pensamentos, desejos e motivações, o que depende da recuperação da sua admiração. O objetivo é que você e eu não mais vivamos para nós mesmos, mas vivamos alegre e voluntariamente para Deus. Nós nos comprometemos com a obra do Espírito e participamos dela enquanto ele opera interiormente em nós para nos libertar da nossa escravidão a nós mesmos.

A RECAPTURAÇÃO DA SUA ADMIRAÇÃO NO DIA A DIA: UM RETRATO

De fato, Gálatas 5 apresenta dois retratos de admiração. Cada um deles dá um quadro de como aquilo que controla a sua admiração controla a maneira como você vive. O primeiro quadro descreve o estilo de vida de um transgressor de admiração. Lembre-se de que o pecado nos torna ladrões de admiração. Tomamos a admiração que foi intencionada para nos levar à adoração a Deus e a direcionamos para nós mesmos. Colocamo-nos onde apenas Deus deveria estar, fazendo com que a nossa vida seja sobre nós mesmos. Isso não significa que quando você está vivendo para si mesmo realizará todas as coisas descritas em Gálatas 5, mas esses são os tipos de coisas que resultam quando a admiração por Deus é substituída pela admiração pelo eu.

Retrato 1: "[…] as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatrias, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes,

iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam" (Gl 5.19-21). Essa lista é muito útil e instrutiva. Observe o que unifica todos esses pecados: o eu. Esses são os tipos de práticas às quais você sucumbe quando, no nível mais profundo do sistema motivacional do seu coração, está vivendo para si mesmo.

Por exemplo, quando a admiração pelo eu substitui a admiração por Deus (i.e., quando você está vivendo para si mesmo) você considera muito difícil dizer "não" a si mesmo. Achará muito difícil permanecer nos limites morais que alguém impõe a você. Assim, será difícil domar seus desejos por prazeres pessoais, tornando-se um alvo fácil para a imoralidade sexual e a impureza. Sua vida será moralmente moldada mais pelos seus sentidos físicos e prazeres do que por comprometimentos morais. Pelo fato de seus prazeres pessoais significarem muito para você, você esperará que eles façam por você o que eles não podem fazer, e

você voltará repetidas vezes à procura de mais, tornando-se rapidamente viciado naquilo que imagina poder controlar (alcoolismo). Pelo fato de viver para si mesmo, você considerará difícil lidar com o fato de que outros tenham o que você não tem (orgulho, inveja). E, pelo fato de que a admiração pelo eu substituiu a admiração por Deus, você enlouquecerá com algo ou alguém que se ponha no caminho do que você deseja. Você terá mais facilidade para produzir guerra do que paz (inimizades, porfias, discórdias, dissensões, facções).

Veja, toda ruptura má e tenebrosa na comunidade humana que resulta em mágoa, dor, desilusão e desapontamento está enraizada na ruptura mais profunda. Pecar é muito mais abrangente do que simplesmente fazer coisas erradas. O comportamento pecaminoso emerge da disfunção e da corrupção do sistema motivacional do coração. Você simplesmente não pode viver para si mesmo e permanecer dentro dos limites de Deus. Você não pode viver em grande admiração por si mesmo em vez de admiração por Deus e, ao

mesmo tempo, viver da maneira que Deus projetou que você vivesse.

Este é o significado desse retrato: pelo fato de sermos todos pecadores, esse tipo de vida é intuitivo e natural para nós. Você já passou uma semana sem nenhum tipo de conflito? Já sentiu ciúmes de alguém ou invejou a bênção de outras pessoas? Já lutou para dominar seus desejos pelos prazeres de sexo, comida ou bebida? Já trouxe conflitos para a sua vida porque disse ou fez alguma coisa desagradável ou indelicada? Se formos honestos, teremos de dizer que essa lista descreve individualmente cada um de nós. É um retrato chocantemente exato da vida de cada pecador. Por quê? O pecado nos tornou todos transgressores da admiração. Todos nós nos colocamos no lugar de Deus. Nós nos entronizamos no centro do nosso mundo. Todos os pecadores se esquecem de Deus e coroam a si mesmos, e o que se segue é uma enorme disfunção moral e interpessoal. Essa não é uma lista sobre como vivem as pessoas más. Não, é uma lista do que o pecado fez a todos nós.

Retrato 2: “[…] o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com suas paixões e concupiscências” (Gl 5.22-24). O que mantém juntas todas essas belas qualidades de caráter? Elas resultam de viver por alguma coisa maior do que você. Esse retrato mostra como a vida diária de uma pessoa é transformada quando o sistema motivacional do seu coração começa a ser governado pela admiração por Deus em vez da admiração pelo eu. A agenda que direciona cada uma dessas coisas é maior do que os prazeres e o controle pessoais.

Quero comentar a respeito do que essa lista representa. Essas qualidades de caráter não são objetivos morais que você deve alcançar. Você e eu não temos habilidade independente para produzir essas qualidades em nós mesmos porque não temos nenhuma capacidade de mudar a direção motivacional do nosso coração. Embora Deus, na sua graça admirável, tenha nos perdoado, muitas

das práticas da lista anterior ainda atormenta a nossa vida. Ainda precisamos desesperadamente de crescimento. A pista para a natureza dessa lista de marcas de caráter está na sua identificação com o "fruto do Espírito". Essas coisas não são naturais para nós. Elas resultam unicamente da presença transformadora do poderoso Espírito de Deus no nosso coração. Ele vem habitar no nosso coração para operar em nós e por nós algo que não podemos fazer por nós mesmos: recuperar o sistema motivacional do nosso coração para Deus e para Deus somente. O evangelho é que Jesus não morreu apenas para nos perdoar; ele morreu também para nosso crescimento e transformação. Jesus morreu para que entre o "já" e o "ainda não" pudéssemos nos transformar progressivamente em pessoas como esse retrato mostra. E você e eu necessitamos da graça para essa transformação tanto quanto necessitamos de graça para nossa aceitação inicial diante de Deus.

Veja a lista e considere comigo como a recuperação da admiração nos leva à transformação de vida. O que nos impede de amar outros? Não é o

permanente amor a nós mesmo que fica no caminho de um amor consistente e prático pelos outros? Este é o ponto principal: somente aquele que cumpre o primeiro grande mandamento cumprirá o segundo grande mandamento. Somente quando Deus estiver no seu lugar de direito é que as outras pessoas serão corretamente colocadas nos seus lugares corretos no meu coração e na minha vida. Somente quando eu amar a Deus acima de todas as coisas é que amarei os outros como a mim mesmo.

E o que dizer da alegria? O DNA da alegria é a gratidão. Enquanto eu viver centrado em mim mesmo, exigindo meus direitos, será muito difícil me alegrar. Encontrarei intermináveis motivos para reclamação. Porém, se eu viver em admiração pela existência, pela soberania e pela graça de Deus associada ao reconhecimento da profundidade da minha própria necessidade, vou encontrar razões para ser grato por tudo à minha volta. E quando eu fizer isso, vou viver com a constante alegria da gratidão.

Ou pense a respeito da paz. Por que eu tenho

tantos conflitos na vida? Por que acho tão mais fácil fazer guerra em vez de paz? A resposta é simples: minha tendência é viver para mim mesmo e, enquanto faço isso, acho que as pessoas estão sempre no meu caminho. Porém, quando minhas motivações mudam e vivo para Deus e não para mim mesmo, paro de achar que tudo diz respeito a mim. Deixo de personalizar as coisas que não são pessoais. Torno-me disposto a ignorar as ofensas sem importância e vivo numa comunhão mais pacífica com os outros.

E quanto à paciência? Você sabe por que poucos de nós gostam de esperar? Não gostamos de esperar porque a espera nos lembra imediatamente que não estamos no controle. Nada ofende mais rapidamente nossas ilusões de soberania do que sermos forçados a parar nossos próprios planos e esperar pelos outros. Pense nisso. Você nunca ficou irado por ter feito alguém esperar por você. Somente quando meu coração estiver progressivamente em admiração pelos planos Daquele que é muito maior e mais sábio do que eu é que vou entregar meus planos a ele e estarei

disposto a esperar pelos outros.

Nenhuma das palavras nesse segundo retrato descreve um comportamento; em vez disso, cada uma descreve um item de caráter que resultará num catálogo completo de comportamentos. E a presença progressiva desse tipo de caráter na sua vida se desenvolve em resposta à recuperação progressiva realizada pelo Espírito Santo do sistema motivacional do seu coração, ou seja, a sua capacidade de sentir admiração. O Espírito trabalha no seu interior para completar a obra de Cristo para que você "não viva mais para si mesmo" (2Co 5.15). Ele está trabalhando no nível motivacional mais profundo (admiração), que é o que Paulo está dizendo ao afirmar que crucificamos a carne, "com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). Sim, seu coração foi crucificado com Cristo para que um novo coração pudesse viver dentro de você. Exatamente neste momento, o Espírito Santo que habita em você está completando essa obra, à medida que progressivamente mata sua admiração por si mesmo e, pela graça, implanta no seu interior uma vida alterada pela admiração por Deus.

Por si mesmo, você é incapaz de realizar essa obra de recuperação da admiração. Você precisa desesperadamente da graça. Mas você e eu somos conclamados a ter em alta estima essa obra, a buscá-la e a participar dela de todas as maneiras que pudermos. E somos conclamados a admitir humildemente a nossa necessidade e, repetidas vezes, recorrer à graça, que é a nossa única esperança de crescimento e mudança pessoais.

Restaurar as funções corretas a algo disfuncional apenas acontece quando o poder da transformação é aplicado ao que está danificado nele. O crescimento espiritual da santificação progressiva diz respeito a algo vastamente mais profundo do que uma maior fidelidade às regras de Deus. Ela requer a obra de Deus para consertar o que o pecado quebrou e essa quebra aconteceu no nosso coração. Apenas quando a admiração por Deus substituir progressivamente a admiração pelo eu é que nós viveremos de maneira alegre, desejosa e coerente como Deus nos projetou para viver. E para a recuperação do sistema motivacional do nosso coração, teremos recebido graça maravilhosa,

poderosa, zelosa, infinita e transformadora.

10
VISÃO DE MUNDO

Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses?
Quem é como
tu, glorificado em santidade, terrível em
feitos gloriosos,
que operas maravilhas?
ÊXODO 15.11

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus.
Falai ao coração de Jerusalém,
bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia,
que a sua iniquidade está perdoada
e que já recebeu em dobro das mãos do SENHOR
por todos os seus pecados.
Voz do que clama no deserto:
Preparai o caminho do SENHOR;

endireitai no ermo vereda a nosso Deus.
Todo vale será aterrado, e nivelados,
todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e
os lugares escabrosos, aplanados.
A glória do SENHOR se manifestará,
e toda a carne a verá, pois a boca do SENHOR o disse.
Uma voz diz: Clama; e alguém pergunta:
Que hei de clamar? Toda a carne é erva,
e toda a sua glória, como a flor da erva;
seca-se a erva, e caem as flores,
soprando nelas o hálito do SENHOR.
Na verdade, o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor,
mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.
Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto!
Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém,
ergue a tua voz fortemente;
levanta-a, não temas e dize às cidades de Judá:
Eis aí está o vosso Deus!
Eis que o SENHOR Deus virá com poder, e o seu braço dominará;

eis que o seu galardão está com ele, e diante dele, a sua recompensa.
Como pastor, apascentará o seu rebanho;
entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio;
as que amamentam ele guiará mansamente.
Quem na concha de sua mão mediu as águas
e tomou a medida dos céus a palmos?
Quem recolheu na terça parte de um efa o pó da terra
e pesou os montes em romana e os outeiros
em balança de precisão?
Quem guiou o Espírito do SENHOR?
Ou, como seu conselheiro, o ensinou?
Com quem tomou ele conselho,
para que lhe desse compreensão?
Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria,
e lhe mostrou o caminho de entendimento?
Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que
cai de um bald e como um grão de pó na balança;
as ilhas são como pó fino que se levanta.
Nem todo o Líbano basta para queimar,
nem os seus animais, para um holocausto.

Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada;
ele as considera menos do que nada, como um vácuo.
Com quem compararei a Deus?
Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?
O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro
e cadeias de prata forja para ela.
O sacerdote idólatra escolhe madeira que não se corrompe
e busca um artífice perito para assentar
uma imagem esculpida que não oscile.
Acaso, não sabeis?
Porventura, não ouvis?
Não vos tem sido anunciado desde o princípio?
Ou não atentastes para os fundamentos da terra?
Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra,
cujos moradores são como gafanhotos;
é ele quem estende os céus como cortina
e os desenrola como tenda para neles habitar;

é ele quem reduz a nada os príncipes
e torna em nulidade os juízes da terra.
Mal foram plantados e semeados,
mal se arraigou na terra o seu tronco,
já se secam, quando um sopro passa por eles,
e uma tempestade os leva como palha.
A quem, pois, me compararei para que eu lhe
seja igual? – diz o Santo.
Levantai ao alto os olhos e vede.
Quem criou estas coisas?
Aquele que faz sair o seu exército de estrelas,
todas bem-contadas, as quais ele chama pelo nome;
por ser ele grande em força e forte em poder,
nem uma só vem a faltar.
Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel:
O meu caminho está encoberto ao SENHOR,
e o meu direito passa despercebido ao meu Deus?
Não sabes, não ouviste que o eterno Deus,
o SENHOR, o Criador dos fins da terra,
nem se cansa, nem se fatiga?

> Não se pode esquadrinhar o seu entendimento.
> Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao
> que não tem nenhum vigor.
> Os jovens se cansam e se fatigam,
> e os moços de exaustos caem,
> mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças,
> sobem com asas como águias,
> correm e não se cansam,
> caminham e não se fatigam. (Is 40)

Nunca citei uma passagem tão longa quanto essa em nenhum dos livros que escrevi, mas tive um motivo para fazer isso aqui. Vou pedir a você que faça algo agora. Volte e leia essa citação de Isaías 40 duas ou três vezes, bem devagar. Deixe as palavras inundarem você. Permita que a linguagem poética desenhe as figuras de linguagem na sua mente. Dê ao seu coração tempo para absorver a glória impressionante descrita nessa passagem. Enquanto lê, observe como o profeta literalmente expande os limites da linguagem humana para retratar para você a glória de Deus. Preste atenção

em como ele trabalha cuidadosamente as descrições para deixar que a admiração por Deus faça seu coração palpitar, induza-o ao silêncio e o estimule à adoração.

Como escritor, é humilhante ter de admitir o que estou prestes a fazer, mas as palavras mais importantes neste livro são as que não escrevi. As palavras mais importantes e potencialmente transformadoras neste livro foram escritas pelo profeta Isaías enquanto inspirado pelo Espírito Santo. O que eu preciso perguntar é: “Por que essas palavras foram dadas?” e “O que devemos fazer com elas agora?”.

DIZENDO ADEUS À VIDA DE “DUAS GAVETAS”

Infelizmente, muitas pessoas que se dizem cristãs vivem vidas funcionalmente compartimentalizadas. Deem-se elas conta disso ou não, a vida delas é dividida de modo bem organizado em duas gavetas: a da *vida real* e a da *vida espiritual*.

A gaveta da *vida real* é a que elas exploram mais, na qual se sentem mais à vontade. Ela contém todas as coisas da vida cotidiana, como o trabalho, a saúde física, a comida, a bebida, os amigos, o lazer, o dinheiro, o casamento, a educação dos filhos, as posses e as experiências diárias. Essa gaveta domina os pensamentos e as ações delas. É nela que a maior parte da energia emocional e física dessas pessoas é gasta e onde a maioria dos sonhos delas é realizado ou despedaçado. As grandes alegrias que sentem ou as grandes tristezas que sofrem são geralmente sentidas por causa do que realizam nela. Esse é o lugar em que elas imaginam a boa vida para si e para seus filhos. Com frequência, elas têm pouca consciência funcional de qualquer outra coisa que não seja o material mundano que essa vida real lança no caminho delas. Sim, elas creem em Jesus, no seu perdão e na eternidade futura, mas essas crenças não têm um impacto radical no modo como elas pensam a respeito de si mesmas e da vida em geral. Acredito estar descrevendo centenas de milhares de cristãos.

Sem dúvida, essas pessoas têm uma segunda

gaveta. É a gaveta da *vida espiritual*. Todas as coisas de Deus estão nela. É a gaveta para o culto de domingo, para os pequenos grupos, para os dízimos e as ofertas, para a teologia correta, para cumprir as regras, para as missões de curto prazo e, se elas forem realmente espirituais, para o culto doméstico. O cristianismo delas é separado do restante da vida. A fé que elas professam é um aspecto da vida delas, em vez de algo que molda tudo o mais nela. E se você prestar atenção no que acontece com elas, perceberá claros sinais do impacto negativo dessa vida de duas gavetas. Consideraremos esses sintomas depois de darmos uma olhada por que Isaías 40 foi escrito e então preservado para nós.

A VISÃO DE MUNDO "AQUI ESTÁ O SEU DEUS"

Pergunte a você mesmo: "Em um dia qualquer, o que influencia mais o modo como penso a respeito de mim mesmo e da minha vida?". Isaías 40 foi escrito para consolar pessoas magoadas,

sofredoras e sitiadas, mas você precisa entender a natureza desse consolo. Essa passagem não pode ser relegada a uma lista de passagens úteis para pessoas que necessitam de consolo – junto com máximas como “Deus é soberano” e “Isso também vai passar”. Isaías 40 não pretende ser uma pomada de teologia abstrata para as feridas de uma pessoa machucada. O alcance de Isaías 40 foi intencionado para ser muito mais amplo e extenso do que isso. Isaías 40 foi intencionado para falar à vida de cada filho de Deus.

Aqui está o que você precisa entender. Isaías 40 não é uma literatura para consolo, é uma literatura de visão de mundo. Essas palavras apenas dão consolo por causa da visão de mundo radical, surpreendente e inspiradora de admiração que elas oferecem. Quando você começar a entender, a crer e a viver à luz da glória surpreendente que Isaías 40 revela, terá razões para ser consolado não importa o que esteja enfrentando no momento.

Há duas coisas que Isaías 40 confronta. Ele confronta primeiramente qualquer visão de mundo que não coloque o Deus de infinita grandeza no seu

centro. Você simplesmente não pode compreender qualquer coisa de modo correto a menos que seja vista pelas lentes da impressionante glória que Isaías coloca diante de você. Deus não somente existe, não somente está em ação, não somente está no controle como também é tão glorioso que se torna quase impossível encontrar palavras ou ilustrações que sejam suficientemente vastas para captar sua majestade.

Temo que exista muito ateísmo funcional na igreja de Jesus Cristo. Temo que com frequência vivamos como se não houvesse Deus e tudo dependesse de nós. Tendemos a nos preocupar demais. Tendemos a controlar em excesso. Tendemos a exigir demais. Tendemos a lamentar demais. Tendemos a fazer muitas substituições de Deus. Fazemos todas essas coisas porque esquecemos muito rapidamente da presença e da glória de Deus. Isaías não deixa você esquecer. Ele desperta sua memória com imagens literárias amplas e expansivas. Ele trabalha para reapresentar você ao Deus que talvez você tenha esquecido. Não consigo enumerar quantas vezes em

aconselhamento eu ouvi pessoas – que pareciam ter uma teologia bem desenvolvida – relatarem suas histórias, porém omitirem Deus completamente desses relatos. Tenho pensado muitas vezes que o fato de elas avaliarem a própria vida da perspectiva de um Deus ausente explica muito sobre o sofrimento, a confusão e o desespero que estão vivenciando. Elas estão incomodadas não apenas porque a vida tem sido desconfortável. Elas estão incomodadas porque estão utilizando uma visão de mundo fundamentalmente não bíblica para as coisas desconfortáveis que estão enfrentando.

Mas Isaías 40 trata também de outra questão. Ele ensina que um grande número de pessoas cristãs lembra-se de Deus, mas o Deus de que elas lembram é pequeno, distante, desconectado, desinteressado e aparentemente não é sábio. De certo modo, elas estão sofrendo não somente por causa do tamanho das coisas que estão enfrentando, mas também por causa da pequenez do Deus em quem confiam. Muitas pessoas têm falado comigo a respeito da ação de Deus em meio às dificuldades e, depois de ouvi-las, tem me chamado a atenção

que, se eu cresse no deus que elas descrevem, eu também não iria a ele em busca de ajuda e também entraria em pânico.

É nesse ponto que Isaías 40 nos ajuda. Ele trata de uma ideia equivocada muito antiga que diz que você pode mensurar o tamanho e a proximidade de Deus com base na avaliação das circunstâncias em que você se encontra. Sua ideia sobre Deus nunca será precisa nem equilibrada se tentar concebê-la de acordo com o modo como ele está agindo nas situações da sua vida. Esse foi o erro que Moisés cometeu diante da sarça ardente – bem como que os israelitas cometeram quando enfrentaram as nações da outra margem do rio Jordão e que o exército de Israel cometeu quando enfrentou Golias e os filisteus, também que Gideão cometeu quando foi chamado a derrotar os midianitas, bem como que os discípulos cometeram quando se esconderam atemorizados depois da morte de Jesus. Entre o “já” e o “ainda não”, se você olhar para os lados, parecerá que os homens maus estão vencendo e que Deus perdeu seu poder ou nada fará quanto a isso.

Se pensar sobre isso, irá se lembrar de

momentos na sua vida nos quais Deus deixou você confuso, quando ele pareceu distante ou quando você não viu muita evidência de ele exercer seu poder para o seu bem-estar. É exatamente por isso que a visão de mundo de Isaías 40 é tão importante. Ela confronta nosso ateísmo prático – isto é, nossas conclusões de que Deus é pequeno. Ela nos faz lembrar que a teologia correta não está enraizada nas nossas interpretações das circunstâncias, mas na revelação que Deus fez da sua glória imutável para nós. Naqueles momentos em que não conseguimos ver sua glória, precisamos das poderosas palavras descritas em Isaías 40 para reformular em nós uma visão de mundo correta que tem um Deus impressionante no centro dela.

Toda esperança que você tem como cristão está enraizada na glória de Deus que Isaías revela. Cada ato de obediência flui da nossa crença na existência Daquele de impressionante grandeza. Cada ato corajoso de fé retira sua coragem da compreensão de que esse tipo de Deus está sentado no trono do universo. Cada impulso de disposição pessoal para perseverar em meio às provações é dinamizado pela

lembrança do que Isaías amplia as palavras da linguagem humana para descrever.

Assim, por causa dessa visão, você não pode levar uma existência de duas gavetas, colocando todas as coisas da vida real numa gaveta e todas as coisas da vida espiritual na outra. Você tem apenas uma única gaveta chamada *vida*. Tudo está dentro dessa gaveta. Onde Isaías 40 se encaixa? Bem, ele não oferece mais uma gaveta. Isaías são os óculos que você coloca para poder ler e compreender tudo que está na sua gaveta da vida. Somente quando você usar os óculos de Isaías 40 é que compreenderá corretamente a si mesmo, os outros, o sentido e o propósito, o certo e o errado, a identidade, a moralidade, a História e o futuro. Se a admiração por Deus não estiver no centro da sua visão de mundo, você não verá nada corretamente.

Por outro lado, manter essa visão de mundo de uma maneira prática que de fato afete sua vida é uma luta. Hoje de manhã eu estava pensando sobre todas as obrigações, responsabilidades, oportunidades, dificuldades, relacionamentos, decisões e preocupações que fluem para dentro da

minha mente como as comportas de uma represa que são abertas todas as manhãs assim que acordo. É muito fácil se distrair com tudo isso. É muito fácil esquecer das coisas. É muito fácil passar o dia inteiro sem que Deus nem mesmo entre nos nossos pensamentos. É muito fácil carregar a vida nas costas e ser mais motivado pelas mínimas ansiedades do que pela admiração por Deus. É muito fácil ter uma visão de mundo formal moldada pela teologia da Palavra de Deus, que não tem impacto sobre a maneira como ajo, reajo, tomo decisões ou faço planos.

Talvez o estilo de vida de duas gavetas seja mais natural para nós do que gostamos de pensar. Talvez separemos a vida em vida real e vida espiritual mais do que temos consciência. Talvez a realidade impressionante do Deus de Isaías 40 não invada nossa consciência tanto quanto necessitamos que seja feito. Ou talvez aquilo que antes produziu admiração em nós não o faz mais. Essa é a razão por que Isaías 40 foi mantido para nós, porque dez em cada dez de nós necessitam constantemente ter sua admiração recarregada. Necessitamos ter as

distorções na nossa visão de mundo expostas e esclarecidas. Precisamos ser lembrados de que no centro de tudo que constitui a nossa existência diária está o Deus de glória expansiva, inestimável e inspiradora de admiração. Precisamos ser reconectados com o fato de que qualquer visão de mundo que não se inicia com o reconhecimento dessa glória distorce a realidade e é uma mentira funcional. Precisamos ser lembrados de que Isaías 40 não fala apenas da dimensão espiritual da nossa vida, mas fornece as únicas lentes através das quais podemos ver corretamente tudo na vida. Qualquer outra visão da vida seria como olhar através das lentes de óculos de brinquedo; a distorção nas lentes empena a aparência de tudo o que se vê através delas.

O consolo de Isaías 40 é que ele nos dá a única visão de mundo que tem embutida nela a esperança eterna. Isaías 40 nos consola não porque nos ajuda compreender a vida ou a prever o futuro, mas porque ele nos lembra da glória do Deus que governa majestoso sobre todas as coisas, as quais, se não fosse isso, roubariam de nós o consolo e a

esperança. Precisamos que Isaías nos diga repetidas vezes: “Este é o seu Deus”. E precisamos permitir que a impressionante glória da sua descrição do nosso Deus lave o nosso coração, limpando-o do cinismo, da dúvida, do temor, do desencorajamento, da ansiedade, do receio e do desejo por controle.

SINAIS DE UMA VIDA DE DUAS GAVETAS

Para mim, foi muito condenatório escrever este capítulo. Enquanto eu o escrevia, estava atravessando um dos períodos mais estressantes e desencorajadores espiritualmente da minha vida no ministério. Tenho tentado tomar boas decisões e tenho errado várias vezes. Fui atacado por pessoas que me amam. Tive momentos em que desejei abandonar o ministério. Pensei: “Quero esquecer o ministério; esquecer a igreja. Quero ir para algum lugar onde ninguém me conheça e viver uma vida sossegada. Estou cansado de tentar ajudar os outros a me atacar. Estou cansado do fardo e do *stress*. Estou cansado de conversas desconfortáveis e de

decisões difíceis. Estou cansado de ver a minha vida particular se tornar pública. Estou cansado de orar e orar e nada mudar. De fato, as coisas parecem somente piorar. Estou cansado de me sentir sozinho e incompreendido".

Apenas colocar por escrito esses pensamentos e sentimentos é embaraçoso, mas eles demonstram onde tenho estado recentemente. E me ocorreu subitamente que, nos últimos seis meses, tenho sido muito bom em pregar o evangelho de Isaías 40 para mim mesmo. Enquanto eu pregava essa passagem para outros, estava observando minha vida ministerial de um modo que faltava a esperança fortalecedora de Isaías 40. Este capítulo lembrou-me novamente que é impossível para mim ensinar, pregar ou escrever sobre as verdades de que eu mesmo não esteja desesperadamente necessitando. Se eu parar de ser aquele que é o primeiro entre o meu público, devo parar de escrever. E enquanto você lê este livro, por favor, lembre-se de mim e ore por mim. Ore para que Deus me ajude a viver com coragem e esperança as coisas que escrevi.

Agora eu gostaria de considerar alguns

sintomas da vida de duas gavetas.

1. *Ansiedade*. Lembro-me da pergunta de Cristo a seus seguidores em Mateus 6, em que ele basicamente questiona: “Por que vocês estão ansiosos?”. Jesus prossegue argumentando que faz sentido para os gentios (descrentes) estarem ansiosos porque eles não têm um Pai Celestial. Mas, voltando-se para os seus seguidores, ele os lembra de que eles têm um Pai que conhece as necessidades deles e se comprometeu a supri-las. Jesus está dizendo que a ansiedade de um cristão está diretamente ligada à visão limitada que ele tem de Deus. Se a admiração por Deus não agarrar seu coração, é provável que as ansiedades da vida irão influenciar a maneira como você vive.

2. *Controle*. Por que temos a tendência de ser tão controladores? Por que tentamos nos esforçar para chegar às posições de poder? Por que amamos exercer autoridade mais do que amamos nos submeter à autoridade? Por que tememos perder o controle? Por que temos receio de ser controlados? Por que temos a tendência a considerar a nossa vida

fora de controle? Por que temos de estar certos, ser afirmados, ser validados, ser respeitados ou estar no poder? Por que não gostamos que nos digam o que fazer? Por que o controle parece ser essa grande questão para tantos de nós?

Estou convencido de que o descanso neste mundo caótico, a submissão à autoridade e a disposição para dar e compartilhar têm origem no reconhecimento correto de que cada detalhe simples da nossa vida está debaixo da administração cuidadosa Daquele cuja glória é impressionante. Descansaremos em meio à intranquilidade não pelo fato de que finalmente entendemos isso, mas por causa do que ele realmente é. Quando você está tomado de admiração pela glória de Deus, não precisa estar no controle de tudo e de todos na sua vida.

3. *Vício*. Por que nos tornamos tão facilmente viciados em substâncias, pessoas, posses e experiências na nossa vida? Por que dizemos a nós mesmos que podemos controlar as coisas enquanto a evidência sugere que elas já estão nos controlando? Por que é tão difícil para nós dizer

“não” aos prazeres da criação? Por que retornamos várias e várias vezes às mesmas coisas quando elas não apenas não conseguiram nos dar o que procuramos, mas também de fato elas nos magoam? Esta é a resposta: todas as vezes que você pede à criação para realizar o que somente o Criador pode fazer, está se dirigindo ao vício. Você não obterá o descanso, a paz, a esperança e a vida que está buscando. O que você terá é uma fuga ou um prazer ou uma excitação temporária; por isso, você terá de voltar repetidas vezes. A cada vez você precisará de um pouco mais e, em pouco tempo, estará escravizado. Quando a admiração por Deus não estiver dominando o seu coração, você irá se tornar mais suscetível a algum tipo de vício.

4. *Depressão*. Não quero simplificar excessivamente essa experiência humana muito complexa nem quero minimizar as dificuldades das pessoas que lutam com a depressão. Mas direi que com frequência um dos componentes espirituais das trevas paralisantes da depressão é uma visão de mundo em que o Deus impressionante não está presente em nenhum lugar dela. É como se sentar

num porão escuro sem nenhuma janela, convencendo-se de que o sol não nasce mais, que o mundo vai se tornar insuportavelmente frio e que você vai morrer. Seu problema não é que o sol tenha deixado de brilhar. Se você for ao andar superior, vivenciará o brilho e o calor dele. O seu problema é que, pelo fato de não ver o seu brilho, você se permitiu pensar que ele parou de brilhar e que você não tem nenhuma esperança. A visão de vida que não tem Deus sem dúvida funciona como solo fértil para a desesperança pessoal.

5. *Dívida*. Por que gastamos mais do que temos? Por que constantemente desejamos mais? Por que invejamos os ricos? Por que somos todos muito bons em gastar mais do que ganhamos? Por que é tão difícil para nós estar satisfeitos com o que temos? Conquanto tenha tratado de todas essas questões no capítulo sobre o materialismo, quero resumi-las aqui. Na medida em que você se esquece da glória impressionante e satisfatória do Criador, você buscará por satisfação na criação. E, pelo fato de a criação não ser capaz de satisfazer seu coração, você buscará repetidas vezes, adquirindo

cada vez mais, porém nunca alcançando o contentamento para seu coração.

6. *Temor dos homens*. Por que embarcamos na montanha-russa das reações das pessoas a nós? Por que nos fixamos na apreciação de uma pessoa em particular? Por que estamos dispostos a comprometer nossas convicções para ser aceitos por alguma pessoa? Por que temos conversas das quais nos arrependemos obsessivamente? Por que temos receio de ser honestos a respeito das nossas lutas? Por que vivemos temerosos de ser conhecidos? Na medida em que você obtém sua identidade das pessoas à sua volta e não do Deus impressionante de Isaías 40, será um alvo fácil para o temor dos homens.

7. *Vício em trabalho*. Por que trabalhamos proporcional e arduamente mais do que deveríamos responsavelmente trabalhar? Por que somos tão focados em alcançar o sucesso e obcecados por ele? Por que estamos dispostos a sacrificar a família e os amigos para subir alguns degraus na escada da conquista? Por que a posição e o poder tendem a

significar tanto para nós? Mais uma vez, se você precisa de um rastro público de sucesso pessoal para ter descanso e paz interior mais do que alcançar a paz na sua ligação com o Deus glorioso de Isaías 40, será suscetível a trabalhar mais do que deveria.

8. *Insatisfação*. Talvez todas as queixas e gemidos pelos sonhos desfeitos e corações descontentes que dão o tom dos nossos pensamentos e conversas revelem o grau em que a glória na qual dizemos crer (Is 40) está separada do modo que pensamos a respeito da nossa vida diária e a vivemos. Talvez estejamos insatisfeitos não porque as pessoas são imprevisíveis e a vida seja dura. Talvez estejamos vivenciando a insatisfação das duas gavetas. Talvez o descanso fortalecedor descrito no final de Isaías 40 nos tem escapado porque o Deus impressionante de Isaías 40 não está nos nossos pensamentos e no centro do modo com o qual damos sentido à nossa vida (visão de mundo).

Assim, ore agora mesmo para que Deus agracie você com o desejo e a força para sair desse porão

escuro e ir para a luz consoladora e encorajadora da existência e da glória dele, e acredite que você pode voar. Não porque você compreende, seja apreciado ou esteja no controle, mas porque Deus controla todas as coisas, porque ele é glorioso e porque, pela sua graça, tudo o que ele é, ele o é para você.

11
IGREJA

Se você não sente fortes desejos pela manifestação da glória de Deus, não é porque já vivenciou muito dela e está satisfeito. É porque você está petiscando há muito tempo na mesa do mundo. Sua alma está cheia de coisas insignificantes e não há mais espaço para o que é grandioso.

JOHN PIPER[9]

Revesti-vos […] como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos

> uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos. Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. (Cl 3.12-17)

Jim disse que ele e Sherri nunca se esquecerão de quando estacionaram o carro no pátio da Primeira Igreja Batista. Os jardins e o prédio eram uma imagem de longevidade e estabilidade. A PIB tinha sido fundada quase dois séculos antes e permaneceu fiel ao evangelho ao longo de toda a

sua história. O templo espaçoso, belo e tradicional fez com que Jim e Sherri se sentissem protegidos e seguros. Eles amaram o culto pomposo e a pregação elegante. Porém, no primeiro ano deles na PIB começaram a se sentir sufocados pela tradição. Sherri disse a Tim que não poderia mais frequentar uma igreja tão tradicional quanto aquela, em que a pessoa se sente constrangida até por tossir durante o culto.

Uma amiga falou a Sherri sobre a Igreja da Videira, e então eles decidiram fazer uma tentativa. “Que sopro de ar fresco!”, Sherri exclamou depois da primeira visita. Frequentar a Videira não foi uma decisão muito difícil para eles. Depois de todo o tradicionalismo da PIB, eles gostaram dos cultos no galpão e da liturgia barulhenta. Jim achou que a pregação era criativa, quase um bate-papo. Ele disse a Sherri que era muito mais fácil de assimilar do que as explanações teológicas da PIB. Porém, não demorou muito, a pregação começou a levar Jim e Sherri à loucura. O estilo desconexo, marcado por uma elevada dose de humor, começou a irritá-los, de modo que começaram a procurar

novamente.

Eles encontraram a Igreja Presbiteriana da rua Fleet quase por acaso. Ela ficava a uma quadra de um restaurante a que tinham ido numa sexta-feira à noite e o único lugar para estacionar era bem em frente da igreja. Decidiram dar à igreja da rua Fleet uma chance. Naquele primeiro domingo, eles pensaram que haviam encontrado o melhor dos dois mundos. A liturgia incluía elementos tradicionais num templo mais tradicional, mas a congregação era de jovens, a música era bem animada e o pastor tinha uma maneira bem contemporânea de comunicar a verdade bíblica. Ao mesmo tempo, enquanto começaram a frequentar a igreja da rua Fleet, Jim e Sherri começaram a ter atritos no casamento. Eles ficaram contentes ao saber que a igreja da rua Fleet tinha um ministério com casais bem desenvolvido, de modo que procuraram ajuda para seu casamento. Porém, depois de duas seções, Jim estava tão contrariado com os conselhos recebidos que disse que não apenas tinha perdido a confiança no seu conselheiro como também se recusava a frequentar uma igreja que promovesse

aquele tipo de “ajuda”.

Jim e Sherri ficaram sabendo a respeito da Emanuel, uma pequena igreja que se iniciava, por meio de um folheto que receberam pelo correio. Não tinham nenhuma outra opção, por isso acharam que deveriam tentar conhecê-la. O primeiro domingo foi bastante desconfortável, pois havia apenas cerca de sessenta pessoas lá. Parecia que eles estavam em algum tipo de reunião da família de outra pessoa. No entanto, as pessoas eram muito amistosas, e eles decidiram voltar. Exatamente quando Jim e Sherri começavam a pensar que a Emanuel seria o ideal para eles, seus filhos adolescentes começaram a protestar. Emma e Josh tinham odiado a igreja porque apenas mais um adolescente a frequentava. Ambos diziam que não compreendiam porque seus pais tinham escolhido uma igreja que não tinha nada para eles. Com relutância, Jim e Sherri deixaram a Emanuel sem saber o que fazer.

Agora, Jim e Sherri estão indo a uma megaigreja cerca de duas vezes por mês. Eles amam a ideia de poder entrar e sair sem ser

percebidos, e também não têm nenhuma intenção de se tornarem membros. Seus filhos relutantemente os acompanham nos domingos de manhã, mas não expressam nenhuma intenção de frequentar o ministério jovem da igreja. Jim disse que deixaria essa igreja em segundo plano se encontrassem uma alternativa melhor, mas estão cansados de procurar.

Agora, volte e leia mais uma vez os versículos que iniciam este capítulo e faça uma reflexão sobre o seu relacionamento pessoal com sua igreja local. Pense sobre como sua igreja aborda o ministério. Considere as expectativas que sua igreja tem para você. Colossenses 3.12-17 coloca diante de nós uma perspectiva radical e contracultural do que Deus projetou para que a igreja fosse e fizesse. É uma forte crítica contra o relacionamento passivo que muitos crentes têm com a igreja com a qual estão comprometidos no momento. (Visto que esse é um tema bem premente, pretendo desenvolver o tópico de Colossenses 3 num futuro livro.)

Por que muitos crentes agem como Jim e Sherri? Por que a maioria dos cristãos não está

vivendo na igreja local um estilo de vida expresso pelas palavras de Colossenses 3? Por que muitos dentre nós achamos que a igreja é um lugar que frequentamos em vez de uma missão central na nossa vida? Por que muito frequentemente esperamos que as pessoas remuneradas que pertencem ao corpo de auxiliares da igreja carreguem nas costas o peso do ministério? Por que não são muitos que compartilham do entendimento de Paulo sobre o que a igreja é? Por que não temos mais crentes treinados e dispostos para o ministério que Deus os chamou? Qual é a raiz da luta de Jim e Sherri com a igreja?

As respostas a essas perguntas estão contidas nas palavras de Colossenses 3: “se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.1-2). O estilo de vida eclesiástico radical de Colossenses 3.12-17 nunca acontecerá até que Deus recapture radicalmente o nosso coração, como esses versículos retratam.

ENTENDENDO A SITUAÇÃO

Um volume assustador de consumismo está presente atualmente na igreja de Jesus Cristo. Muitos cristãos pensam que a igreja a que vão é um lugar para frequentar em vez de algo com que precisam se envolver profundamente. Eles pensam que a igreja é um lugar de encontro para adoração, uma obrigação semanal que é parte da dimensão religiosa da vida deles. É triste, mas a maioria dos pastores parece satisfeita com uma frequência sempre crescente, com doações financeiras suficientes para arcar com os programas da igreja e com uma pequena porcentagem de pessoas voluntárias em ministérios esporádicos. Em muitas igrejas, o grupo de pessoas remuneradas suporta os fardos da saúde espiritual da igreja, enquanto os membros alegremente exercem seus papeis como aqueles que se beneficiam.

As pessoas vão de igreja para igreja como se as igrejas da sua comunidade fossem nada mais que lojas de departamentos eclesiásticos. Elas estão comprando apenas o necessário: o bom pregador, o ministério de mulheres, o ministério de jovens ou o

estilo de culto. O relacionamento desses crentes com a igreja reflete meu relacionamento com uma das lojas mais conhecidas da minha cidade. Se vou até lá para comprar uma camisa de certa cor e estilo, mas não encontro, não sinto a menor culpa em sair de lá e ir procurar pela camisa em outra loja. Vou de loja em loja até encontrar o que quero porque meu compromisso não é com uma loja em particular, mas comigo mesmo e com a satisfação do meu desejo por aquela camisa.

Milhares de cristãos têm esse tipo de comportamento em relação às igrejas e, como consumidores, correm atrás da oportunidade do momento. Talvez isso seja correr atrás do pregador celebridade, da boa banda de louvor ou do melhor programa de jovens de todos. São expectadores com grandes expectativas e baixíssimo comprometimento, com grande possibilidade de que logo estarão cultuando em algum lugar diferente do que estão agora.

Muitos cristãos também vivem virtualmente desconhecidos dentro da igreja. Eles entram e saem do culto semanal de maneira quase imperceptível.

Certamente, eles trocam gentilezas com as pessoas próximas e, fazendo isso, tomam conhecimento de alguns detalhes superficiais a respeito um dos outros, mas eles realmente não têm um relacionamento com as pessoas junto com as quais cultuam. A maior parte do que chamam de comunhão simplesmente não é. Raramente alcançam uma profundidade maior do que a vivenciada numa conversa na fila do banco. Penso que deveríamos ser honestos e não chamar isso de comunhão, mas de “bancomunhão”. Muitos cristãos vivem numa comunidade cristã em que ninguém sabe sobre sua situação no casamento, suas lutas como pais, ou as áreas em que estão se sentindo sobrecarregados e oprimidos. Ninguém sabe o que se passa nos momentos privados da vida deles, em que áreas da vida são continuamente derrotados pelas tentações ou quando são tentados a duvidar da bondade de Deus. A vida deles na igreja não é a vida de um membro essencial no corpo orgânico da fé, no qual cada parte sente a dor quando outro membro se machuca. Não, eles são consumidores espirituais procurando pela melhor loja de religião da cidade.

Um número ainda maior de cristãos não tem nenhum compromisso pessoal com o ministério. Certamente, eles contribuem financeiramente para pagar os auxiliares profissionais que carregam o ministério nas costas, mas não vivem com uma mentalidade ministerial. Para eles, ministério é uma coisa religiosa formal concebida, programada e desenvolvida pela sua igreja. Nessa perspectiva, quando você se envolve no ministério, sai da sua vida pelo tempo do exercício do ministério e depois volta para ela. Nela, o ministério interrompe a rotina diária, representando uma coisa excepcional para os espiritualmente zelosos. Quantos crentes vivem de fato um estilo de vida que é fruto da crença de que Deus não os agracia apenas como beneficiários da obra do Reino, mas também como instrumentos da obra do Reino? Quando a pessoa acredita nisso, ela vive com uma mentalidade constantemente ministerial, cujo resultado é um estilo de vida ministerial diário. Nesse caso, o ministério não é uma interrupção, mas uma parte essencial da rotina normal.

Muito mais cristãos do que imaginamos ligaram

seu cristianismo à sua busca pessoal do “sonho americano”. Quer saibam disso, quer não saibam, eles aceitaram a definição de sucesso vigente na sociedade e estão buscando a descrição cultural de “boa vida”: sucesso na carreira, tranquilidade financeira, a casa grande, a roupa da moda, a comida de primeira e as férias extravagantes. E porque são assim, eles gastam a maior parte das suas energias física, emocional e espiritual obtendo essas coisas, mantendo-as, sustentando-as e desfrutando delas, em vez de investir nos tesouros eternos do Reino de Deus por meio do instrumento que é a igreja local. Infelizmente, o sonho cultural é a vocação deles e o cristianismo deles está relegado a um passatempo religioso.

Você já se perguntou por quê? Por que essa se tornou a situação comum? Por que tantos cristãos têm esse tipo de relacionamento passivo com a igreja?

E AGORA, QUANTO À NOSSA PASSAGEM

Em relação à igreja, Colossenses 3 nos apresenta um *estilo de vida radical* resultado de *um comprometimento do coração*. Vamos ver o estilo de vida radical primeiro. Esse estilo de vida se baseia num entendimento do que chamei em outro livro de "paradigma do envolvimento total" de Deus.[10] O que isso significa? Significa que Deus planejou que todo o seu povo se envolvesse na sua obra redentora o tempo todo. Significa que a ninguém foi dada graça somente para ser um beneficiário, mas para ser um instrumento dessa mesma graça na vida de outros. Essa passagem sublinha cinco características desse estilo de vida ministerial radical ao qual Deus chama cada um de nós. Se você está comprometido com esse estilo de vida, você:

1. *Levará a sério os relacionamentos na sua igreja local* (v. 12-14). Esses versículos listam várias qualidades de caráter – compaixão, bondade, humildade, paciência, longanimidade, mansidão, perdão – e Deus espera que cada cristão se comprometa a nutrir essas qualidades em todos os seus relacionamentos. Elas formam a base do estilo

de vida ministerial bem como nos confrontam imediatamente com o fato de que Deus é o dono dos nossos relacionamentos – e não nós – e que ele tem propósitos muito mais elevados do que os nossos para nossos relacionamentos.

Se formos honestos, penso que a maioria de nós admitiria que raramente olha para os relacionamentos cotidianos com uma mentalidade ministerial. Nossa tendência é considerar nossos relacionamentos um pouco mais que contêineres para nossa felicidade pessoal. Quando se tem um programa pessoal para a felicidade nos nossos relacionamentos, quatro coisas tenderão a acontecer. (1) Você fará dos momentos do ministério momentos de ira, vendo o pecado das outras pessoas ou suas necessidades como uma interrupção ou um obstáculo em vez de uma oportunidade para a graça. (2) Você tenderá a isso porque personalizará o que não é pessoal. Você considerará tudo um ataque pessoal quando de fato aquela pessoa de modo algum conspirou contra você. Em vez disso, Deus escolheu revelar a necessidade daquela pessoa para que assim você

pudesse ser seu instrumento da graça. (3) Pelo fato de você personalizar o que não é pessoal, bem provavelmente irá se tornar um antagonista em reação. Não será você a favor deles, mas você contra eles, porque eles estão no caminho de algo que você quer. (4) E, finalmente, você apresentará soluções imediatas às situações, o que realmente não levará a graça de Deus ao cerne do problema. Você irá lutar em defesa própria ou se afastará, mas não será um instrumento nas mãos de Deus.

Deus intencionou essas qualidades de caráter para transformar os relacionamentos de sua vida cotidiana, convertendo-os de contêineres para sua felicidade em salas de trabalho para a graça transformadora do Redentor.

2. *Descansará na paz do evangelho* (v. 15). Por que Paulo fala da "paz de Cristo" como o árbitro do nosso coração? Bem, essa frase sugere que ele está falando inicialmente a respeito de algo muito mais profundo do que a paz relacional. Se você e eu desejarmos realmente vivenciar a paz duradoura na nossa comunidade, primeiro temos de ter a paz de Cristo. Por que a paz de Cristo? Porque esse

descanso para o coração acontece apenas quando você recebe sua identidade e segurança pessoal do evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo fato de descansar no seu perdão, você não precisa temer ser exposto, uma vez que não há nada que se possa descobrir a seu respeito que já não tenha sido coberto pela sua obra sacrificial. Pelo fato de descansar na sua aceitação, você não vai precisar embarcar na montanha-russa das reações das pessoas a você. Uma vez que descansa no poder dele que habita em você, não se atemorizará com as dificuldades e os desafios do ministério pessoal. Veja, o evangelho liberta você do erro de se concentrar tanto em si mesmo que sobra pouco tempo para ministrar a outros.

3. *Será um estudioso comprometido da Palavra de Deus* (v. 17). Em minha experiência, percebo que muitos cristãos estão mal instruídos biblicamente, e muito menos preparados para usar a Bíblia de maneira correta e efetiva no ministério pessoal. Quando você não conhece bem a Bíblia, tende a usá-la como uma coleção desconexa de afirmações de sabedoria para a vida diária e a

buscar o versículo que melhor parece se encaixar na situação que está discutindo. Esse método ignora completamente o cerne dos grandes temas redentores da Bíblia que formam a base da esperança e do encorajamento do novo modo de vida a que Deus nos chamou. Ou uma segunda coisa acontecerá e, infelizmente, acho que acontece frequentemente. Oportunidades ministeriais tendem a se transformar em conselhos humanos. Pelo fato de não conhecermos bem a Palavra de Deus, imergimos na nossa própria experiência e dizemos às pessoas o que pensamos que elas devem fazer, ignorando o chamado de Deus para elas, a graça dele nelas e a sabedoria dele para elas.

4. *Buscará oportunidades ministeriais* (v. 16). Paulo diz que você precisa da Palavra de Deus habitando ricamente em você para estar pronto a "ensinar' e a "admoestar". Pense nessas duas palavras. Elas costumam ser termos ministeriais que aplicamos apenas aos ministros formalmente treinados, de dedicação integral e remunerados. No entanto, Paulo está dizendo nessa passagem que essas duas palavras captam o chamado de Deus

para cada crente. Para que a igreja seja igreja – não apenas um local onde se pode encontrar ministério, mas onde as pessoas são uma comunidade que ministra – cada cristão deve aceitar o seu papel na vida de cada um dos outros cristãos. Pode soar radical, mas o plano de Deus é que todos os seus filhos ensinem e todos os seus filhos admoestem. O que isso significa? Como é isso? Ensinar significa que estou sempre comprometido e pronto quando Deus me dá a oportunidade de ajudar outros a ver a vida da perspectiva de Deus. E admoestar significa que estou sempre comprometido e pronto quando Deus me dá a oportunidade de ajudar outros a verem a si mesmos pelo espelho da Palavra de Deus. Nenhuma igreja será capaz de ter ministros suficientes para cobrir todos os momentos de ensino e de admoestação que Deus dá a sua igreja numa semana qualquer.

5. *Reconhecerá que a sua vida não mais lhe pertence* (v. 17). Esse é outro lembrete para fazer tudo em nome de Deus. Não temos uma vida separada ou particular que pertença a nós. Deus é nosso dono e ele possui cada um dos nossos

relacionamentos. Um estilo de vida ministerial começa com uma submissão ao senhorio do Senhor sobre tudo o que somos e tudo o que temos.

Então, por que não há mais cristãos vivendo dessa maneira? A resposta está nas palavras citadas anteriormente e que repito aqui: “Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.2). Essa sentença realmente nos lança novamente ao centro da mensagem deste livro. Leva-nos à luta fundamental que acontece no meu coração e no seu, que é a razão pela qual decidi escrever o que agora você tem nas mãos.

Aqui está o que nós precisamos entender. A igreja (pelo que entendo as pessoas, não a instituição) não tem primariamente um problema de mobilização ou um problema de treinamento de pessoas. A igreja de Jesus Cristo tem um problema quanto à admiração. Não é que a igreja esteja perdendo a guerra do ministério; ela está perdendo a guerra da admiração. E pelo fato de estar perdendo a guerra da admiração, poucas pessoas participam de muitos ministérios.

Deixe-me dar um exemplo prático e depois

explicá-lo. Estou há muito tempo convencido de que aulas de evangelismo não produzem evangelistas. Aulas de evangelismo são um modo de treinar pessoas que já estão comprometidas com um estilo de vida evangelístico; porém, sem esse comprometimento, as aulas não fariam de você um evangelista. Treinamento em aconselhamento não produz conselheiros. Ele pode dar conhecimento necessário e habilidade às pessoas que já estão comprometidas com um estilo de vida de ministério pessoal.

Assim, Colossenses 3.2 vai direto ao âmago da questão, que vem a ser o coração. Ele fala do que tem cativado a capacidade para a admiração do nosso coração. Lembre-se: seu coração sempre funciona tomado de admiração por alguma coisa. Os pensamentos, os desejos, as motivações, os propósitos e as escolhas do seu coração são todos moldados pelo que quer que seja que ele está admirando. Essa passagem simplifica essa luta profunda em duas possibilidades básicas. Ou o seu coração vive numa admiração fundamental e formadora de vida pelo mundo horizontal, material

e criado (“as coisas que são aqui da terra”), ou o seu coração vive numa admiração fundamental e vertical por Deus, sua obra, sua graça e seu Reino.

Se seu coração está cativado pelas glórias das pessoas, dos lugares, das experiências e das coisas do mundo material, então será aí que você investirá a maior parte das suas energias físicas, emocionais e espirituais. E pelo fato de você estar buscando encontrar a felicidade e a realização neste mundo, seus relacionamentos com sua igreja, com sua obra e com sua comunhão com outros crentes existirá como um adjunto ou complemento ao que sua vida realmente é. Acredito que centenas de milhares de cristãos vivem dessa maneira. Sim, eles são filhos de Deus. Sim, eles foram redimidos pelo seu sangue e aceitos pela sua graça. Mas para eles a igreja é um lugar que de maneira agradecida frequentam, mas que não constitui um aspecto essencial da vida.

No entanto, se o seu coração está sendo progressivamente cativado pela admiração por Deus, pela sua obra, pela sua graça e pelo seu Reino (“as coisas lá do alto”), você verá sua igreja

não apenas como um lugar para frequentar, mas como o compromisso mais importante da sua vida e viverá um estilo de vida ministerial no lugar em que Deus o colocar. Quando a admiração por Deus cativar seu coração, o ministério preencherá toda a sua agenda. Você não necessitará que a igreja programe o ministério para você; por si mesmo você abordará o trabalho, o casamento, a educação dos filhos, as amizades e a comunhão com outras pessoas com as quais convive com uma mente ministerial. A admiração por Deus libertará você de pensar sobre sua vida como propriedade sua e de pensar no ministério como pedaços da sua vida oferecidos temporariamente a Deus que você rapidamente pega de volta quando um ministério esporádico termina. A admiração significa que você olhará tudo na sua vida através das lentes da existência e da glória de Deus e você entregará toda a sua vida aos propósitos dele, reconhecendo humildemente que, enquanto faz isso, você não está oferecendo algo seu a Deus, mas devolvendo o que já é dele para o uso dele.

Se a igreja está repleta de pessoas que têm a

mente nas coisas aqui da terra, então a maior parte das pessoas na igreja terá um relacionamento passivo com a igreja e o fardo do ministério recairá nas costas de alguns poucos ministros remunerados. Porém, se a igreja está repleta de pessoas que têm a mente nas coisas lá de cima, então um abrangente ministério diário será posto em prática nos corredores, quartos, salas de reunião e salas de visita todos os dias da vida. Há uma relação direta entre o tipo de admiração que cativa o seu coração e a proporção do ministério que ocupa a sua vida.

Se você leu este capítulo e pensou “Paul, eu sou uma dessas pessoas”, não fique paralisado pela culpa ou pelo arrependimento. Não, corra para o Redentor. Confesse o que tem governado seu coração e clame pela sua libertação e graça propiciadora. E, enquanto faz isso, lembre-se novamente de que seu Senhor nunca se faz surdo aos clamores de um dos seus filhos. Você também pode vivenciar a admiração rejuvenescedora por Deus que produz uma mentalidade ministerial que irá transformar os relacionamentos na sua igreja.

12
EDUCAÇÃO DE FILHOS

Um homem não pode diminuir a glória de Deus pela recusa
em adorá-lo do mesmo modo que um lunático não
pode apagar o brilho do sol rabiscando a palavra
“escuridão” nas paredes da sua cela.
C. S. LEWIS[11]

Se pudesse resumir num pedaço de papel a função da família dada por Deus, o que você escreveria? O que Deus chama os pais a ser e a fazer? Que objetivos você deveria ter para seus filhos? Quando chega o final de semana e você, como pai ou mãe, diz “Essa foi uma boa semana”, o que o leva a fazer essa afirmação? O que você

está tentando fazer com todas aquelas conversas familiares pela manhã e à noite? O que você pretende alcançar com todos aqueles pequenos sermões? O que você deseja incutir nos seus filhos quando pacifica todos os conflitos entre irmãos? Se tivesse de desenhar um retrato do filho ideal que você está tentando educar, como seria esse retrato? Como você sabe quando foi bem-sucedido?

Todos sabemos que poucas coisas na vida são tão importantes quanto ser um agente de Deus para formar uma alma humana. Mas temo que muitos de nós eduquemos nossos filhos sem uma perspectiva abrangente, sem um grande programa na mente. Parece que carecemos de objetivos abrangentes que orientem tudo o que fazemos enquanto educamos nossos filhos. Fazemos várias coisas na esperança de que nossos filhos se comportem, sejam educados e tornem-se cristãos, mas a nossa atividade educativa tende a ser fragmentada e reativa em vez de unificada por uma visão central ou um objetivo abrangente.

Judy era uma mãe frustrada, e na sua frustração ela veio me pedir ajuda. Ela tinha começado a odiar

seu relacionamento com os filhos. Não, ela não odiava seus filhos; o que ela odiava era a tendência negativa do seu relacionamento com eles. Judy dizia: “Tudo que sou é uma legisladora, uma promotora pública, uma juíza e uma carcereira. Da manhã à noite, eu digo ‘não’ muitas vezes e aplico castigo quando meus filhos não obedecem. Fico sempre na expectativa do que vão fazer a seguir e quando eles me olham me pergunto o que fizeram de errado. Sei que está faltando alguma coisa, mas simplesmente não sei o que é”.

Sally e Bill abordaram-me depois de uma conferência sobre educação de filhos. Sally começou a chorar antes de falar. Ela me disse que era embaraçoso ter de confessar o que estava prestes a admitir, mas ela precisava se abrir com alguém. Sally começou a me dizer que não tinha nenhuma habilidade para controlar seu filho de 4 anos. “Em vez de eu educá-lo, ele me controla”, ela disse com tristeza. Ela disse que já morria de medo quando pensava sobre o que poderia acontecer quando seu filho chegasse à adolescência.

Frank compartilhou comigo a mágoa de

milhares de pais. Ele tinha sido um disciplinador consciente e fiel. Enquanto estavam em casa, seus filhos se submeteram à sua autoridade. De várias maneiras, tanto na escola, na igreja e em casa, quanto no trabalho, os filhos de Frank eram considerados crianças-modelo. As pessoas na igreja que Frank frequentava diziam constantemente que ele tinha feito um excelente trabalho como pai. Frank me confessou que, quando seu filho se formou no ensino médio como o melhor da turma, ele não estava apenas orgulhoso do seu filho, ele estava orgulhoso de si mesmo. Porém, enquanto estava diante de mim, Frank não parecia ser um pai orgulhoso e autoconfiante. Ele parecia estar alquebrado e derrotado. “Pensei que fazíamos tudo certo, mas quando meu filho e minha filha foram para a faculdade, ambos abandonaram a fé. Eles não têm nenhum relacionamento com Deus e pouquíssimo conosco.”

Não consigo contar quantas conversas iguais a essas tive com pais ao longo dos anos. Os nomes e os locais se diferenciam, mas os temas são os mesmos. Um número enorme de pais cristãos tem

perdido seu caminho ou, para começar, nunca tiveram um. Milhares de pais estão começando a pensar que seus esforços foram inúteis. Milhares de pais não sabem o que estão fazendo ou por que estão fazendo o que fazem. Milhares de pais de bom coração e empenhados perderam a perspectiva geral que dá o sentido e a direção a tudo o que fazem. Este capítulo aborda o que se perdeu na prática educativa de incontáveis cristãos bem-intencionados. Vamos começar examinando o "estado da união".

EDUCAÇÃO DE FILHOS SEM UMA PERSPECTIVA ABRANGENTE

Depois de ter falado com centenas de pais, estou convencido de que a maioria deles perdeu a visão mais ampla ou abrangente que guia tudo o que faz a seus filhos. Certamente eles desejam que seus filhos creiam em Jesus e sejam obedientes; eles esperam que seus filhos tenham habilidades esportivas e musicais, bem como uma boa formação, um bom casamento e uma boa carreira. Porém, no dia a dia, eles apenas reagem ao que

acontece com eles a cada dia. Sim, eles podem dizer muitas coisas boas a seus filhos, como também fazer com eles. Sim, eles são sinceros a respeito da vida espiritual dos seus filhos. E, sim, eles se esforçam para estabelecer um conjunto de regras com o objetivo de moldar o comportamento dos seus filhos. No entanto, esse é um sistema reativo.

O problema com a educação de filhos reativa é que ela carece de uma perspectiva abrangente, que capacite os pais a interpretar o que se passa no coração e na vida dos seus filhos e, com isso, direcionar as questões significativas do coração, que é o objetivo da boa e bem-sucedida prática educativa. Essa visão inadequada deixa os pais com um sistema organizado para controlar, regular e conformar o comportamento dos seus filhos. Porém, se tudo o que fazemos é controlar o comportamento dos nossos filhos enquanto estão em casa conosco, quando saírem de casa eles estarão sem nada. Quando saírem de casa e não tiverem mais esse sistema de controle sobre eles, suas vidas irão para onde o coração de cada um

deles está há muito tempo.

Deixe-me dar um exemplo. Todos os anos milhares jovens supostamente cristãos que saem de casa para cursar a universidade e morar sozinhos abandonam a fé. Eu sugeriria que eles não estão realmente abandonando a fé. Eles nunca a tiveram. Eles cresceram debaixo de um sistema de controle que lhes impunha a fé, mas, ao irem para a faculdade e esse sistema desaparecer, o verdadeiro coração deles se revela.

E a educação de filhos reativa tem outro problema. Uma vez que carece de uma visão mais ampla, ela tende a ser mais determinada num dado dia, dependendo do humor ou das emoções dos pais. O que era permitido ontem não é mais permitido hoje porque a mamãe não está muito bem. Ou aquilo que deixou o papai irado ontem não parece incomodá-lo tanto hoje. Em vez de os filhos serem moldados por um padrão consistente, eles acabam se tornando o moço ou a moça da previsão do tempo emocional, lendo o “tempo emocional” dos seus pais para ver se conseguirão escapar impunes. Os irmãos conversarão entre si tentando

descobrir se um deles sabe como seus pais estão naquele dia.

Esse simplesmente não é o modo como Deus planejou que os filhos fossem educados. Ele é um sistema emocionalmente dirigido e controlador de comportamento que perde tanto a centralidade do coração quanto o poder transformador do evangelho para criar uma mudança duradoura no comportamento das crianças.

A PERSPECTIVA ABRANGENTE

Aqui está o que todo pai ou mãe precisa entender: seu filho não tem exatamente um problema de comportamento, ele tem um problema de coração. A Bíblia ensina que tanto as palavras quanto o comportamento de uma criança são controlados, moldados e direcionados pelo que ela tem no seu coração (veja Lucas 6.43-45). E o âmago da disfunção do coração de cada criança não tem a ver primeiramente com a *lei*; ele tem a ver com a *admiração*. Cada criança vem a este mundo com seu coração controlado mais pela admiração

por si mesma do que pela admiração por Deus.

Dizendo isso de outro modo: cada criança vem ao mundo apegada a duas mentiras muito sedutoras, porém igualmente persuasivas. A primeira delas é a *autonomia*. A autonomia afirma: “Eu sou um ser humano independente e tenho o direito de viver a minha vida da maneira que eu quiser vivê-la”. Aquelas brigas que você teve com seu filho quanto ao que comer, ao que usar e quanto à hora de ir para a cama não eram exatamente a respeito dessas questões. Seu filho o estava desafiando porque ele não queria ser governado. A criança se vê no centro do seu universo. Ela nomeou a si mesma como um pequeno autossoberano. Embora não tenha o mínimo entendimento de uma dieta humana saudável, ou do que é apropriado usar e quando usar ou da quantidade de sono necessário para a saúde, ela lutará com você porque não quer que digam para ela o que fazer. É por isso que um garotinho grita “não” para um adulto quatro vezes maior que ele, ou uma garotinha fica rija e vermelha de raiva. Eles estão em busca de autonomia. Eles não querem

outra autoridade sobre eles senão a própria.

A segunda mentira é a mentira da *autossuficiência*. Essa mentira diz: “Eu tenho tudo de que preciso dentro de mim para ser o que eu quiser ser e fazer o que quiser fazer”. Embora as crianças pequenas não entendam nada do mundo à sua volta, elas resistirão a receber ajuda porque querem manter a ilusão de que não precisam de sabedoria, de instrução ou de correção. Deixe-me dar um exemplo. O pequeno Jimmy descobriu que seu tênis tem cadarços e ele já percebeu que depois de colocá-los, eles precisam ser amarrados. Mas se você for ao quarto do Jimmy, ele estará com os tênis nos pés trocados e lutando com os cadarços para amarrá-los. Você sabe que ele poderia se atrapalhar com aqueles cadarços por um século sem conseguir fazer um laço, mas quando você se abaixar para ajudá-lo, ele empurrará sua mão. Ele quer acreditar que é capaz, que não precisa ser passivo, submisso e ensinado.

Essas duas mentiras foram ditas primeiramente pela serpente no jardim do Éden, desencadeando uma indescritível corrente de consequências

desastrosas sobre o mundo físico e sobre a humanidade. Assim, é importante compreender que essas leis revelam que seu filho não tem apenas um problema com a lei, o qual ele tem, mas o mais profundo e mais formativo problema quanto à admiração. Os filhos somente viverão como Deus ordenou que eles vivessem se o coração deles for libertado da sua escravidão à admiração por si mesmo e for cativado pela admiração por Deus.

Então pais, simplesmente não funciona ter um sistema de leis como modelo para a educação dos seus filhos. Porém, talvez você esteja pensando: “Mas meus filhos não precisam de regras e da aplicação delas? Eles não precisam de autoridade constante?”. É claro que eles precisam, mas essas coisas não são suficientes. Se tudo o que os nossos filhos necessitassem fosse um rigoroso sistema de leis para que eles se tornassem o que deveriam ser e fizessem o que deveriam fazer, Jesus nunca precisaria ter vindo e vivido uma vida perfeita, derramado seu sangue precioso e ressuscitado do túmulo. O evangelho de Jesus Cristo nos ensina que esse tipo de educação de filhos simplesmente não é

o suficiente.

Seus filhos precisam da lei? Sim, eles precisam. Deus utiliza a lei para ajudar seus filhos a perceberem o quanto eles são necessitados espiritualmente. A lei diz a seus filhos como Deus quer que eles vivam; porém ela jamais poderá libertá-los do pecado e da adoração a si mesmo que cativou o coração deles.

Por isso, a educação que damos a nossos filhos deve mirar o problema central do coração deles. Sabemos que quanto mais eles têm o coração governado pela admiração por si mesmos, mais eles lutarão contra a nossa autoridade, seguirão seus próprios caminhos e praticamente ignorarão o Deus que os criou e os sustenta. Isso significa que nossa prática educativa deve ser guiada pelo programa mais importante da admiração. Precisamos fazer tudo o que pudermos para apresentar a glória e a graça de Deus diante dos nossos filhos para que a admiração por Deus governe o coração deles.

Talvez você esteja pensando: “Paul, como neste mundo podemos fazer isso?”. Receio que para muitos entre nós a única ocasião que nós como pais

fazemos referências regulares a Deus é quando nossos filhos não nos ouvem mais e, assim, Deus apareça como a última ameaça. “Você sabe que Deus está vigiando e ele pode esmagar você como um inseto!” Isso faz com que o coração da criança queira fugir de um Deus como esse.

Bem, em seu amor e misericórdia condescendentes, Deus nos ajuda nesta questão porque ele criou seu mundo de tal modo que o revelasse. O fato de que o mundo material aponta para Deus não é um acaso, mas foi sua intenção divina enquanto o estava formando com impressionante poder. Assim, Deus torna seu poder, sua fidelidade, sua sabedoria, sua bondade, seu amor e sua misericórdia visíveis para nós todos os dias por meio das lentes do mundo que criou. Cada coisa gloriosa criada aponta para um Deus de muito maior glória. Assim, pais, não é não natural falar a respeito de Deus todos os dias para os seus filhos; é positivamente não natural não fazer isso. Deus fez o quente e o frio. Deus fez a água que por um lado fica congelada e por outro pode ferver (Uau!). Deus fez a delicadeza de um lírio, o

incansável bater de asas de um beija-flor, o andar desajeitado de um elefante, as listras coloridas do arco-íris, o assombro de uma tempestade, os processos naturais para a produção dos alimentos que ingerimos, o brilho das estrelas à noite e uma infinidade de outras coisas para ver, ouvir, tocar e saborear todos os dias. Você não pode ser despertado pela manhã sem se deparar com Deus. Todos os dias Deus está aqui, Deus está lá, Deus está em todo lugar.

Então, pais, vocês precisam entender algo mais. Você está criando filhos que têm a perversa habilidade de olhar ao redor do mundo e não ver Deus. O pecado e o ego cegam nossos filhos para a glória que está em todas as partes ao nosso redor, a glória que tem o poder de mudar o coração deles e colocá-lo nos seus lugares corretos. Eles veem a árvore, mas não veem a glória. Eles saboreiam uma comida deliciosa, mas não veem o impressionante Deus que fez todas as coisas das quais eles apenas desfrutam. Eles têm receio da tempestade, mas eles têm pouquíssimo medo do poder daquele que a enviou. O desastre da cegueira espiritual é uma das

razões por que Deus colocou você na terra e na vida dos seus filhos. Ele posicionou você estrategicamente para que funcionasse como seu instrumento de visão, apontando para sua presença, seu poder e sua glória constantemente todos os dias. Ele chamou você para ser o instrumento de recuperação da admiração do coração dos seus filhos, para que a admiração por ele reine onde outrora reinava a admiração pelo eu. Você pode considerar essa mudança um resultado da graça dele, mas é chamado para se comprometer como um instrumento do programa para restaurar a admiração (veja Salmo 145).

Então, quando for ao zoológico com sua filhinha, fale a respeito do Deus que fez cada uma das características distintivas de cada um daqueles animais. Quando você fizer um pão, fale a respeito da fermentação da massa que é um dos milhares de processos químicos e físicos que vieram da mente de Deus. Quando seu filho sentir a fragrância de uma flor, fale a respeito de como Deus criou esses cheiros e nos deu os órgãos do nosso corpo para senti-los e desfrutar deles. Quando você estiver

excursionando com seu filho pelas matas, fale a respeito daquele que criou as grandes árvores com seus galhos que apontam para os céus. Quando seu filho estiver doente, fale a respeito daquele que criou todos os sistemas delicados e interdependentes do nosso corpo, que devem funcionar em completa harmonia para nos sentirmos bem. Quando sua filha estiver reclamando do tempo chuvoso, fale a respeito da impossibilidade de poder controlar o clima no mundo, e ainda assim Deus faz isso todos os dias. Peça a seu filho para fazer expressões faciais diante do espelho e fale com ele sobre como Deus projetou todos esses pequenos músculos do rosto que permitem comunicar tanto sem uma única palavra. Eu poderia dar páginas e mais páginas de ilustração após ilustração. Vivemos em meio a uma exibição impressionante e interminável de glória e é nossa função – e deveria ser nossa alegria – apontar essa glória para os nossos filhos repetidas vezes todos os dias.

Mas aqui está o empecilho. Na educação de filhos é muito difícil dar o que você não tem. Em

muitos dos nossos lares, não é somente nossos filhos que são cegos às demonstrações da presença, do poder e da glória impressionantes de Deus que estão à nossa volta; nós também estamos cegos para isso tudo. Por isso, deveríamos iniciar pedindo a Deus para abrir não apenas os olhos dos nossos filhos, mas primeiramente abrir os nossos, para que possamos ajudá-los a ver. É impossível mostrar a alguém algo que não se vê. Tendemos a ver a questão do transporte que precisa ser resolvida, os almoços que precisam ser preparados, as roupas que precisam ser lavadas, as atividades que precisam ser programadas, as lições de casa que precisam ser feitas e as brigas entre irmãos que precisam ser apaziguadas. Para alguns de nós, é possível passarmos dias sem qualquer consciência de Deus. Apenas quando Deus abrir graciosamente nossos olhos para a sua glória e cativar o nosso coração para que possamos sentir admiração por ele é que seremos seus instrumentos de visão para nossos filhos.

Talvez você esteja dizendo a si mesmo neste momento: “Mas eu só quero filhos que obedeçam e

façam o que é certo”. Então, qual é o único caminho para a submissão plena e voluntária à autoridade de Deus e à sua lei? Somente quando nossos filhos estiverem vivendo numa sincera admiração por Deus é que eles deixarão de viver para si mesmos, reconhecendo a autoridade de Deus e submetendo-se aos instrumentos de sua autoridade postos na vida deles – seus pais. Somente a admiração por Deus tem o poder de derrotar a admiração por mim mesmo no meu coração. É a glória de Deus que pode proteger nossos filhos da atração da glória a si mesmo. Se a admiração por Deus não controla o coração do meu filho, a lei de Deus não controlará o seu comportamento. A grande batalha na educação dos filhos não é a batalha pelo comportamento, é a batalha pelo tipo de admiração que governará o coração deles.

Quero ser mais específico. Pais, vocês não têm nenhuma autoridade independente sobre seus filhos. Nenhuma. Seus filhos não foram dados a você como servos aprendizes para tornar a sua vida mais fácil. Eles não foram dados para construir sua

identidade nem elevar a sua reputação. Eles não devem ser vistos como potenciais troféus na estante do seu sucesso. O único tipo de autoridade que você tem é a autoridade representativa ou de embaixador.

Este é o plano de Deus: Deus planejou tornar sua autoridade invisível visível na vida dos filhos por meio dos seus pais, que exercem sua autoridade em submissão a ele. Pais, não há um chamado mais sublime do que esse. Você foi chamado para representar visivelmente a autoridade de Deus na terra na vida dos seus filhos. Você é o olhar no rosto de Deus. Você é o tom da voz dele. Você é o toque das mãos dele. Você é o caráter e a atitude dele. Isso significa que cada vez que você exercer autoridade na vida dos seus filhos, ela deve ser uma bela imagem da paciente, firme, graciosa, sábia, amorosa, tenra, misericordiosa, perdoadora e fiel autoridade de Deus. Por quê? Porque sua função é levar seus filhos a admirar a deslumbrante e resgatadora beleza da autoridade de Deus. Sua função é ser usado por Deus para ajudar seus filhos a deixarem uma rebeldia natural contra qualquer

autoridade – exceto a própria – e irem para a condição de quem está tomado de admiração pela autoridade de Deus. Uma vez que eles adotem essa admiração por Deus, alegremente eles se submeterão às regras dele e honrarão os representantes visíveis da autoridade que Deus colocou na vida deles.

Isso significa que cada vez que sua autoridade é exercida de modo egoísta, impaciente, irritadiço, insultuoso, abusivo, parcial ou condenatório, você não é parte do que Deus está fazendo na vida dos seus filhos, mas está se colocando no caminho. Quando você expressa sua autoridade dessa maneira, não leva os seus filhos a permanecer em admiração pela bela e ajudadora autoridade de Deus. Não, você ajuda a aprofundar a rebeldia natural que seu filho tem contra ela. Você sabe que quando alguém se levanta contra você e o afronta de maneira agressiva, você nunca irá se sentir agradecido, amado ou ajudado. Isso nunca fez com que se sentisse salvo e cuidado. Nessas situações, você nunca sente que está sendo abençoado com rara sabedoria. Não, você deseja apenas que aquela

dor pela humilhação termine. Veja, se o meu filho tem um problema quanto à admiração no seu coração e eu fui enviado para representar visivelmente o Deus que deve estar no centro da sua capacidade para a admiração, então a maneira como reajo ao meu filho afeta o modo como ele imagina como Deus é.

Quem poderia ler o que acabo de escrever e dizer: “Sem problema, eu posso fazer isso”? Se você tem um pouco de humildade e sanidade como pai ou mãe, confessaria junto comigo que não está à altura de uma tarefa como essa. Você é indigno de um elevado chamado como esse. Sei que posso ser tão incrivelmente impaciente e facilmente irritadiço, por isso fico confortável com o fracasso. Contudo, quando a graça de Deus produzir em mim uma admiração por ele maior do que por mim mesmo, então serei motivado a servir como um instrumento da admiração por ele na vida dos meus filhos. Isso significa que não somente meus filhos precisam de pais que resgatem a admiração deles, mas que eu também preciso. Eu preciso do Pai celestial me mostrando constantemente a sua glória

até que meu coração inconstante repouse na plena admiração do entendimento de que ele é o único digno da adoração do meu coração.

Qual é, então, o fruto da admiração por Deus no coração dos nossos filhos? Eu proporia a você que a admiração por Deus pode produzir no coração de um filho o que todo pai ou mãe espera. Um filho cujo coração é controlado pela admiração por Deus irá se submeter à autoridade e ouvirá e valorizará a sabedoria; ele não resistirá, mas terá anseio pelo resgate de Deus e se renderá ao controle dele e dos embaixadores que ele colocou na sua vida.

Você e eu não podemos recapturar o coração dos nossos filhos; somente Deus pode. Porém, precisamos entender que essa é a missão na qual ele nos chamou para participar. Precisamos reconhecer as evidências diárias de que nossos filhos vivem numa atitude e comportamento moldados pela admiração por si mesmos. E precisamos fazer tudo o que for possível para apontar para a glória invisível de Deus, de modo que o coração dos nossos filhos seja, pela graça, cativado pela admiração por ele. Precisamos nos dar conta,

finalmente, de que não é suficiente anunciar e fazer cumprir as leis de Deus; devemos executar essas duas obrigações, mas devemos também fazer mais. E devemos submeter a nossa tarefa de educar nossos filhos à realidade de que somente quando eles estão em admiração por Deus é que entregarão a vida ao controle dele, dando atenção à sua Palavra e estimando as autoridades postas graciosamente por ele sobre eles. Para fazer isso, também precisamos ser resgatados pela sua graça, resgatados não dos nossos filhos, mas do egoísmo e do orgulho do nosso coração. Felizmente, Jesus pagou por esse resgate.

13
TRABALHO

Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos
os habitantes do mundo.
SALMO 33.8

John nunca está em casa. Jenny, sua esposa, já se acostumou a jantar sozinha com as crianças e a justificar a ausência de John em todos os compromissos a que vai sozinha à noite.

Dizer que Frank é impulsivo e agressivo deve ser a afirmação mais subavaliada do século. Ele deixou um rastro de pessoas destruídas atrás de si enquanto subia a escada do sucesso na corporação.

Gina entrou em depressão aguda desde que sua empresa reduziu custos e a licenciou permanentemente. Ela mal consegue se levantar da cama da manhã e afirma se sentir como se vida

tivesse acabado.

Bill não consegue acreditar que ganhou tanto quanto ganhou. Ele nunca imaginou que vivenciaria tamanha riqueza, mas ainda assim está profundamente endividado.

Sharon diz que nunca se sentiu satisfeita em nenhum emprego anterior porque sempre esteve disposta a considerar outro que parecesse mais emocionante e desafiador.

Tanto Sam quanto Frida trabalham sessenta horas por semana. Eles têm pouco tempo livre para desfrutar da bela casa que têm e precisam sempre contratar alguém para cuidar dos filhos.

Peter sempre dizia que quando alcançasse certo nível de sucesso iria diminuir o ritmo e envolver-se mais com os ministérios da sua igreja; porém, mesmo seu sucesso já tendo ultrapassado seus objetivos, o envolvimento com a igreja nunca acontece.

Tim tinha o sonho de possuir seu próprio negócio, um sonho que finalmente se realizou. Esse negócio exige sua atenção 24 horas por dia, sete dias por semana e sua esposa e filhos sentem sua

falta diariamente.

Sean não tira férias há anos. Ele diz desejar, mas não consegue se libertar das suas responsabilidades para fazer isso.

Sally perdeu seu emprego e, quando isso aconteceu, ela perdeu seu desejo de ter outro trabalho. Ela se sente culpada porque não está trabalhando, mas não culpada o suficiente para mudar a situação.

José aprendeu valorizar o trabalho duro aos pés do seu pai, mas, embora ele trabalhe constantemente, ainda tem pouco para demonstrar isso.

Mike é o chefe, mas não do tipo que os funcionários amam. Ele é conhecido por ser extremamente exigente e pouco encorajador, e seus negócios têm sofrido de uma rotatividade constante de empregados.

Kim disse a Tom, seu marido, pastor, que ele deveria colocar uma cama no seu escritório, já que ele nunca para em casa.

Posso ser tão ousado e perguntar o que está acontecendo com seu mundo do trabalho? Sua vida

de trabalho é equilibrada e correta? Seus compromissos espirituais e relacionais sofrem por causa do seu trabalho? Não seria que você está pedindo ao trabalho para fazer por você algo que ele não pode? Com que frequência você tem se sentido dividido entre as exigências do trabalho e as responsabilidades da família?

TRABALHO E OS LIMITES DO TEMPO

Com frequência as pessoas sugerem que os viciados em trabalho têm um problema de "prioridades", enquanto eu entendo que não considero essa crítica suficientemente específica ou profunda. Com frequência, as pessoas são aconselhadas a listarem suas prioridades do mais importante para o menos importante, e que fazer uma lista assim pode ser útil para obter discernimento, mas isso simplesmente não leva à solução. Quero sugerir duas razões por que não.

A primeira é que nenhum de nós vive "listalogicamente". Com isso quero dizer que você não lista suas prioridades e, então, levanta-se todos

os dias e começa do topo da lista mais uma vez. Tudo na lista é importante de algum modo e nada nela pode ser responsavelmente ignorado. Sua vida não é simplesmente uma lista de prioridades, mas, em vez disso, a união de três inevitáveis dimensões de chamado. Você é chamado para *relacionamentos*, é chamado para *trabalhar* e é chamado para *Deus*. Cada uma dessas dimensões é uma expressão importante de como Deus chama cada um de nós para amar. De certo modo, nenhuma delas é mais importante do que a outra, visto que cada uma existe por causa do chamado divino. Então, em vez de uma lista, você tem três áreas interligadas e sobrepostas de vida piedosa: a área social, a área do trabalho e a área espiritual (embora tudo seja espiritual). Pense nelas como uma tríade de círculos sobrepostos na qual cada um dos círculos está ligado aos outros dois.

No entanto, você tem uma quantidade limitada de tempo para dedicar a essas áreas – 24 horas num dia, sete dias numa semana, trinta dias num mês e 365 dias num ano. Assim, se uma atividade é expandida por um longo período de tempo, ela só

pode estar sendo expandida porque outra atividade está sendo reduzida na sua duração. Quase ninguém diz: “O trabalho é a minha prioridade mais importante, mais do que minha família, por isso estou colocando a família mais abaixo na minha lista”. Em vez disso, as exigências do trabalho começam gradualmente a engolir mais e mais do meu tempo e, enquanto elas fazem isso, visto que não tenho tempo ilimitado, vou ficando com menos tempo para minha família. Poucos cristãos dizem que o trabalho é mais importante que seus relacionamentos com Deus e seu povo, mas a vida de trabalho deles se expande a ponto de terem pouco tempo de sobra para realizar alguma coisa a não ser frequentar eventualmente a igreja com a qual se comprometeram. É impossível para uma área do meu chamado se expandir sem causar redução em outras áreas igualmente importantes do meu chamado. Assim, é importante perguntar-se não quais são as prioridades, mas se o seu mundo do trabalho expandiu-se a ponto de causar uma nociva contração do seu tempo com sua família e sua busca por Deus. Essa me parece ser uma maneira muito mais útil de pensar a respeito das

tensões entre os compromissos que muitos de nós vivenciamos quando se trata de trabalho, família e igreja.

Em segundo lugar, listar suas prioridades não chega às causas. A pergunta que precisamos fazer e responder é: por que tantos de nós somos secretamente viciados em trabalho? Por que muitos de nós somos tão impulsivos quando se trata da carreira profissional? Por que muitos de nós trabalhamos em detrimento da família e da igreja? Por que tantos cristãos de sucesso arrastam consigo a culpa no seu casamento e na educação dos filhos? Por que é tão difícil para nós mantermos o trabalho no seu lugar correto, designado por Deus?

TRABALHO E IDENTIDADE

Quero dizer o que tenho dito muitas vezes neste livro, mas de um modo diferente. Não acredito que os viciados em trabalho entre nós tenham um problema de prioridades ou de planejamento; penso que eles têm um problema quanto à admiração, que resulta num problema de planejamento, que é

prejudicial para os relacionamentos e para a espiritualidade. Apenas a admiração por Deus é capaz de manter o trabalho no seu lugar certo. Deixe-me explicar.

Preciso repetir algo que afirmei anteriormente neste livro porque é de importância fundamental para o que estamos tratando agora. Neste livro, temos nos concentrado numa teologia da admiração e aqui está como essa teologia se relaciona a você. Uma boa teologia não apenas define quem Deus é, ela também define quem nós somos enquanto seus filhos. Deus não é o que é em todos os sentidos impressionante em glória apenas, mas *ele é tudo o que é para você pela graça*. A glória impressionante de Deus tem se derramado sobre você e sobre mim pela graça. Ele é impressionante em poder por nós. Ele é impressionante em soberania por nós. Ele é impressionante em misericórdia por nós. Ele é impressionante em sabedoria por nós. Ele é impressionante em amor por nós. Ele é impressionante em santidade por nós. Ele é impressionante em paciência por nós. Ele é impressionante em fidelidade por nós. Ele é

impressionante em graça por nós. O que ele é ele é para nós.

Assim, a graça que me liga a ele também me libertou de buscar por identidade em outros lugares. Sou quem sou por causa de quem ele é por mim pela graça. Em sua glória impressionante, eu realmente encontro tudo de que preciso. Não tenho de buscar em outros lugares pelos recursos espirituais de que preciso para viver. Não tenho de procurar em outros lugares por significado e propósito para minha vida. Não tenho de procurar em outros lugares para definir quem eu sou. Não tenho de procurar em outros lugares para medir meu potencial. Não tenho de procurar em outros lugares para encontrar aquela sensação de paz interior e bem-estar. Por quê? Porque eu encontrei todas essas coisas nele. A admiração por ele me liberta da escravidão de uma vida distorcida de sentir admiração por qualquer outra coisa. Lembre-se, você e eu tendemos a estar tomados de admiração pelo que estamos convencidos que nos dará a vida (identidade, significado, propósito, prazer, etc.).

Assim, a amnésia admirativa leva você a um vazio de identidade que será preenchido com algo na sua vida. Se você se esquecer de quem Deus é (ou seja, se você direcionar incorretamente a sua admiração), não saberá quem você é enquanto filho dele (ou seja, você perderá a sua identidade), e buscará horizontalmente por algo que já foi dado a você verticalmente. Portanto, esta é a aplicação para o tópico deste capítulo: pelo fato de o trabalho ser uma dimensão enorme e significativa da nossa vida, torna-se uma grande tentação para nós procurarmos nossa identidade nele. E quando você procura no trabalho pela sua identidade, perceberá ser muito difícil resistir aos seus desafios, exigências e promessas de recompensa.

AS IDENTIDADES HORIZONTAIS DO TRABALHO

1. *Identidade em conquistas/sucesso*. “Eu sou o que conquistei”: há uma tentação muito grande de buscar nossa identidade nisso. O sucesso faz você sentir-se capaz e competente. Um rastro de conquistas parece uma declaração sobre quem você

é e sobre o que você é capaz de fazer. Geralmente celebramos pessoas de sucesso como nossos heróis pessoais e culturais. Tendemos a ver o sucesso sempre como uma coisa boa. Mas, quando o sucesso se torna nosso salvador pessoal – isto é, aquilo em que você busca por vida, torna-se muito difícil libertar-se da sua compulsão por ele. Se você busca por conquistas para se sentir bem sobre a vida, se sentir seguro ou ter significado ou propósito na vida, então estará insatisfeito com o sucesso de hoje. O prazer do sucesso de hoje esmaecerá e você necessitará do próximo sucesso para ajudá-lo a prosseguir e outro sucesso para seguir-se a esse. Você procurará incessantemente pela próxima montanha a conquistar. Sem que você perceba, o sucesso se transformará de algo que você desfruta em algo que você não pode viver sem. Seu coração, que antes desejava o sucesso, então passa a ser governado por ele. Por causa disso, você tenderá a ir aonde o sucesso levar você, desejando investir o tempo, a energia ou os relacionamentos que forem necessários para alcançá-lo.

É então que tudo se torna perigoso. É nesse ponto que você começa a roubar o tempo da sua família, da sua espiritualidade e dos compromissos com a igreja para dar outro passo em direção ao sucesso que agora comanda o seu coração. Tenho gasto muito tempo com a culpa pela ausência de pais e mães que foram dominados pelo sucesso e agora olham para trás com um enorme fardo de arrependimento. Tenho conversado com muitos homens que sacrificaram o próprio casamento no altar do sucesso. Tenho conversado com muitas pessoas que ainda se denominam cristãs, mas têm um relacionamento dominical esporádico com sua fé porque adoram todos os dias no trono de outro deus chamado "conquistas". Somente quando a admiração por Deus tiver redefinido você como seu filho e conferido a você uma identidade duradoura e segura é que você será capaz de manter coisas como a ânsia natural pelo sucesso no seu lugar correto.

2. *Identidade em poder/controle*. "Eu estou no controle; por isso, eu sou": é muito sedutor buscar nossa identidade nisso. Num mundo em que a

maioria de nós possui tão pouco controle e no qual nossa vida está frequentemente fora de controle, o controle é algo muito poderoso. Num mundo em que a maioria de nós tem uma variedade de pessoas dizendo todos os dias o que fazer, é extasiante ser a pessoa no poder, a pessoa que comanda. Num mundo em que raramente sabemos o que nos espera na próxima esquina, é tentador considerar uma "boa vida" a que seja previsível e controlada. Então, de que maneira você se assegura de que terá uma boa vida? A resposta é fácil: pela projeção de si mesmo a uma posição de poder sobre as pessoas e as coisas.

Porém, a identidade na autossoberania é algo perigoso. A esposa não sente bem-estar em ser governada por um marido ansioso por poder e controlador. O que ela deseja de fato é um marido que a ame. Ela se sentirá confortável sob sua liderança se esta for uma expressão de dedicação amorosa. Os filhos não se submetem a um pai que dá mais regras do que afeição. Eles não encontram conforto num pai que é exigente, crítico e que precisa sempre estar certo porque precisa sempre

estar no controle. Os filhos desse tipo de pai não se sentem amados, eles se sentem usados. Eles sentem que aquilo que seu pai está fazendo não é feito por eles nem para o bem deles. Os trabalhadores nunca desenvolvem lealdade apreciativa por chefes ansiosos por poder. Eles se ressentem com suas constantes exigências dominadas pelo desejo de sucesso. Eles irão odiar o fato de que nenhuma conquista é suficiente. Nenhum pastor nunca será grato por ter uma pessoa desejosa por poder, controladora e guiada pelo sucesso como membro da equipe que lidera. Essa pessoa sempre terminará criando conflitos e divisões desnecessários.

As pessoas que têm sua identidade atrelada ao sucesso sempre deixam um rastro de mortandade espiritual e pessoal por onde passam. Por outro lado, a admiração por Deus me ensina que minha vida está perfeitamente sob controle e que o Deus de poder inestimável controla todas as coisas que eu, sem seu controle soberano, desejaria controlar para me sentir seguro. Poder e controle são situações deploráveis para procurar por identidade; ainda assim, visto que a minha vida de trabalho é

uma situação na qual posso exercer controle e poder, é muito difícil não trabalhar mais do que devo para alcançá-los.

3. *Identidade em influência/posses*. “Eu sou do tamanho da pilha de coisas que acumulei”: é perigoso buscar por identidade nessas coisas. Quais são os indicadores culturais do sucesso e, portanto, os indicadores de identidade? Quando descrevemos uma pessoa de sucesso, não pensamos numa casa grande e bonita (e, claro, muito bem mobiliada), caros luxuosos (você deve ter mais de um), roupas caríssimas e joias e relógios finos? Essa é a imagem do sucesso que a mídia apresenta diante de nós todos os dias. E, pelo fato de sermos pessoas físicas vivendo num mundo físico e pelo fato de Deus nos ter dado a capacidade de reconhecer a beleza e desfrutar dela, é tentador identificar a “vida boa” como uma vida cheia de belas coisas. Por outro lado, novamente, o desejo pelas coisas bonitas não é um mal em si. De fato, quando aprecio a beleza, reflito o Criador, cujas mãos de artesão são a fonte de tudo o que é belo. Fui projetado para apreciar coisas belas, mas não devo atribuir minha

identidade à quantidade dessas coisas que possuo nem devo permitir que elas governem o meu coração.

Caso você atribua sua identidade às posses materiais e à sua influência, gastará a maior parte do seu dia procurando ganhá-las, sustentá-las, usá-las, desfrutá-las e mantê-las. E pelo fato de você trabalhar para aumentar e sustentar seu acúmulo de coisas, as outras áreas da sua vida irão sofrer. Você poderá ter uma bela casa, mas nunca terá tempo de desfrutar dela e sua família viverá nela sem a sua presença. Você pode ter um carro maravilhoso, mas ele dificilmente o levará para a igreja para participar dos seus vários ministérios, porque você não terá tempo. Você tenderá a viver em dívidas porque seu desejo pelo próximo item sempre excederá o valor do seu salário. Buscar posses materiais para conferir a você identidade é potencialmente destrutivo. Somente quando você viver em admiração por aquele que criou e sustenta todas as coisas é que você será capaz de descansar como seu filho na convicção de que ele fielmente providenciará todas as coisas boas de que você

precisa. E somente quando seu coração se satisfizer nele é que poderá ser libertado de buscar satisfação espiritual nos prazeres passageiros do mundo material. Quando você se satisfizer nele, será libertado de trabalhar incessantemente a fim de possuir mais do que acredita que lhe dará identidade.

TENTAÇÕES UNIVERSAIS

É importante admitir humildemente que todas essas coisas nos tentam. Reconheço que elas me tentam. Tendo a ser direcionado e a receber crédito pessoal demais pelas minhas conquistas. Esqueço-me de que cada conquista aponta para a glória impressionante de Deus. Não alcançaria nada sem o corpo que ele me dá, sem os dons com os quais me abençoa, sem o controle que ele tem sobre mim e meu mundo e sem a graça de diariamente me resgatar de mim mesmo. Meu sucesso depende da minha admiração por ele em vez da tentação de admirar a mim mesmo.

Quem me dera pudesse dizer que não gosto de

ter poder ou que não fico feliz quando estou no controle. Quem me dera pudesse dizer que não preciso estar certo nem ter a última palavra. Quem me dera pudesse dizer que estou bem quando minha vida é caótica, quando acontecimentos inesperados entram pela minha porta ou quando o controle sobre as situações é tirado das minhas mãos. Quem me dera pudesse dizer que nunca questionei o que Deus está realizando e que sempre confio nele quando a vida não faz sentido. Quem me dera pudesse dizer que tenho mais alegria em ser um servo do que em ser o responsável pelas decisões. Gostaria que o amor altruísta fosse sempre um tesouro mais importante para mim do que ter o controle e a razão. Quem me dera pudesse dizer todas essas coisas, mas eu não posso. Ao me aproximar do final deste livro, estou mais profundamente consciente de que todas as batalhas da admiração descritas nele acontecem no meu coração. Eu me torno um admirador amnésico, e quando faço isso, minha tendência é procurar muito uma maneira de tentar obter das pessoas, situações e coisas à minha volta o que apenas posso obter do Deus de glória impressionante, que é meu Salvador.

Gostaria de pensar que coloquei as coisas do mundo material nos seus lugares certos, mas nem sempre esse é o caso. Ainda há momentos em que como muito, gasto muito, cobiço o que outra pessoa possui ou desejo ganhar mais para gastar mais no que meus olhos podem ver e meu coração é tentado a desejar. Sim, sou muito mais capaz de dizer “não” a mim mesmo do que já fui. E sei que não funciona buscar satisfação para o coração espiritual em coisas matérias. Mas a tentação permanece e o meu coração ainda é suscetível a ela.

Como afirmei anteriormente, meu problema não é que vivo num mundo repleto de belezas materiais. Meu problema não é que fui projetado para reconhecer essa beleza e me deleitar nela. Não, meu problema é que, quando meu coração não está tomado nem satisfeito pela beleza impressionante do meu Senhor, eu busco por ela em qualquer lugar para minha satisfação. Lembre-se, cada coisa material cheia de beleza foi projetada por Deus para apontar para a sua beleza incomparável. Veja, quando não permito que a admiração por Deus dê ao meu coração descanso e

me defina como filho dele, vou procurar por identidade em coisas como sucesso e conquistas, poder e controle e posses e influências e trabalharei como um louco para obtê-las, deixando um rastro de destruição relacional e espiritual pelo caminho.

Vício em trabalho não é um problema de necessidade. Não é um problema de planejamento nem um problema de dons e oportunidade. Ele ocorre quando a admiração por Deus é substituída pela admiração por outra coisa qualquer. Quando eu me esqueço de que Deus em sua glória impressionante é tudo o que ele é por mim pela graça, eu vou buscar por vida em qualquer lugar que não nele.

O QUE A ADMIRAÇÃO POR DEUS ENSINA SOBRE NOSSO TRABALHO

Quando você exigir de si mesmo que contemple e considere a glória impressionante de Deus, isso lhe ensinará coisas que o ajudarão a colocar o trabalho no seu lugar certo.

1. *Os dons que você emprega no seu trabalho são dados por Deus e pertencem a ele*. Trabalho não é aplicar suas habilidades para alcançar a vida que você sempre sonhou. Uma abordagem como essa do trabalho é assustadoramente autocentrada. A admiração por Deus ensina que o trabalho é a situação cotidiana na qual Deus o chama para ser um bom despenseiro dos dons, oportunidades e habilidades que ele concedeu a você. Uma vez que Deus lhe concedeu esses dons, você precisa exercê-los em submissão à vontade dele e para a glória dele. Então, como você pode usar esses dons no seu trabalho de modo que Deus seja reconhecido como seu doador e que você se submeta aos mandamentos, valores e princípios de sua Palavra?

2. *O tempo que você investe no trabalho pertence ao Senhor*. Eu tenho de reconhecer que Deus, em sua glória impressionante, é o único ser no universo que existe sem limites de tempo. Ele me criou para viver por certo tempo e num certo espaço. Devo fazer tudo o que ele me chamou para fazer dentro dos limites do tempo que ele me deu. Uma vez que o meu tempo pertence a ele, tenho de

viver com a consciência de que caso meu mundo de trabalho se expanda, ele se expandirá no espaço já ocupado por algo a que Deus me chamou. Então, devo ter o cuidado de investir meu tempo de modo a reconhecer Deus e submeter a ele tudo o que me chamou para fazer.

3. *Você é chamado para viver por algo muito maior do que você*. A admiração por Deus me ensina que a minha vida é bem maior do que apenas minha vida. Pela sua graça, Deus me ligou a coisas que são imensas e eternas. Não sou o centro das coisas. O que eu quero não deve ser o motivo principal do que faço e de como invisto meu tempo. As escolhas e o investimento que faço no meu mundo do trabalho devem sempre submeter-se à realidade de que sou chamado para construir um reino que não é meu. O sucesso não se relaciona a quanto fui hábil em construir meu próprio pequeno reino, mas em que medida eu fiz tudo o que fiz a serviço de um grande Rei.

4. *O sucesso não tem a ver com a acumulação de poder, mas com o descanso em Deus*. A pessoa mais bem-sucedida é a pessoa que sabe seu lugar.

A pessoa mais bem-sucedida é a pessoa que humildemente submete tudo que ela tem e tudo que ela faz ao poder Daquele que é maior do que ela. O sucesso não se relaciona com usar meu mundo do trabalho para criar poder e controle pessoais. Sucesso é reconhecer o controle de Deus e usar os meus dons para os seus propósitos, aceitando o poder que vem a mim como uma mordomia dele. Sucesso também significa reconhecer que qualquer poder que eu tenha não é poder independente para usar de qualquer modo que eu queira usar. Todo poder humano é um poder representativo. Deus me concede esse poder e me chama a usá-lo de maneira coerente com os valores expressos claramente na sua Palavra.

5. *Deus é sábio e amoroso demais para chamar você para uma área de responsabilidade que precisará que você seja irresponsável em outra*. A admiração me ensina que nunca posso culpar a Deus pelas consequências das minhas más escolhas. Deus nunca me chamará a uma vida de trabalho que tornará meus compromissos bíblicos com minha família e minha igreja impossíveis. Se

para mim parece impossível equilibrar minha vida de trabalho com a realização do que Deus me chamou para fazer na vida familiar e eclesiástica, estou nessa situação não porque os chamados de Deus são impossíveis, mas porque estou procurando realizar coisas que não fazem parte do trabalho que devo realizar. E quando faço isso, vou trabalhar muito mais e por mais tempo e outras áreas da minha vida irão sofrer.

6. *Pela graça, Deus convida você a descansar na convicção de que encontrará tudo de que precisa nele*. A admiração por Deus me ensina que, pela graça, minha vida de trabalho pode ser agora uma expressão de descanso e não de preocupação Em vez de sua vida de trabalho ser dirigida por “Eu tenho de ter _____”, ela pode agora ser moldada por “Veja as coisas impressionantes que eu recebi”. Em vez de o trabalho ser direcionado pela necessidade ansiosa, ele pode agora ser moldado pela gratidão adoradora. Sim, você tem o compromisso de trabalhar porque Deus chamou você ao trabalho, mas, enquanto trabalha, pode descansar no compromisso de aliança dele de suprir

cada uma das suas necessidades.

Grande parte da nossa vida de trabalho está fora de controle, por isso é importante para nós lembrarmos de que isso não é um problema de prioridades, mas um problema quanto à admiração. Celebre porque você não está nessa batalha sozinho. De fato, Deus continua a batalhar por nós, mesmo quando não percebemos que devemos batalhar por nós mesmos. Sua graça é assim impressionante.

EPÍLOGO

Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência
neste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável
é que fui feito para outro mundo.
C. S. LEWIS[12]

Está no mais profundo do coração de cada ser humano. Ele vagueia ao redor da sua alma, esperando ser satisfeito. É a procura de cada um e, nesta vida, o destino de ninguém. O modo como você lida com isso determinará o curso da sua narrativa pessoal. Cada ser humano encontrará apenas um lugar de repouso, um lugar de completude final. Ali e apenas ali a jornada findará, a guerra acabará e o nosso coração terá o repouso que sempre quis, mas nunca teve completamente.

Quando esse tempo chegar, nós o teremos correto. Então, seremos completamente satisfeitos,

nunca mais sentiremos fome. Então vivenciaremos o que procuramos por tanto tempo e de modo que nem mesmo sabíamos o que procurávamos. Então, seremos felizes – não, não a felicidade física, emocional, relacional ou situacional temporária que se desvanece como a neblina da manhã. Então seremos felizes, com a felicidade que satisfaz profundamente o coração, um tipo de contentamento de alegria da alma diferente de qualquer coisa que tenhamos conhecido anteriormente.

Não seremos mais assombrados pelos fantasmas do “como seria se” e “apenas se”. Então, não desejaremos o que os outros têm nem lamentaremos o que perdemos. Então, não mais procuraremos satisfazer a nossa fome espiritual com o alimento material. Então, seremos libertos de tentar acalmar nossa inquietação interior com coisas que nos trazem problemas e apenas aprofundam a nossa ansiedade. Então, saberemos o que nunca soubemos antes e celebraremos esse conhecimento eternamente.

Impressionado em minha mente enquanto

finalizo este livro é que deixei de afirmar explicitamente algo sem o que este livro ficaria tragicamente incompleto. É uma omissão evidente e significativa. Aqui está: *a admiração é um anelo*. Talvez isso não pareça tão poderoso para você, mas é. A capacidade para a admiração que Deus nos deu explica basicamente a infindável variedade de insatisfações humanas. Entre o "já" da nossa conversão e o "ainda não" da eternidade, fomos agraciados com grande satisfação, mas nosso coração ainda não está descansado, a guerra ainda é travada e anelamos por mais.

Se a admiração é um anelo, então incorporado nesse anelo está o clamor por um destino. E se a admiração requer um destino, então cada momento de admiração nesta vida apenas nos prepara para a admiração incalculável que está por vir. Não se pode escrever um livro sobre admiração sem falar sobre a eternidade. Talvez não se encontre um argumento mais real e presente para os céus do que a angústia que carregamos em face das admirações temporárias e insatisfatórias do presente. Quer se reconheça, quer não se reconheça, a admiração de

cada ser humano – que deseja ser impressionado, surpreendido, movido e satisfeito – é de fato um clamor universal por ver Deus face a face. Todas as coisas impressionantes na criação me apontam para o impressionante Deus que as criou e mantém todas elas, e sua presença é o destino em que meu anelo será finalmente satisfeito. Deus projetou este mundo atual para estimular a admiração para que pudéssemos anelar por outro mundo. Do outro lado, não precisaremos dos dedos da criação nos apontando para a glória do Deus impressionante porque veremos a sua glória face a face, habitaremos na sua luz e seremos aquecidos pelo seu sol pelos séculos dos séculos. Estaremos finalmente na presença real de Deus e nos deleitaremos na admiração que satisfaz o nosso coração, para nunca mais sentirmos anelo.

É impossível caracterizar o quanto será profundo e expansivo o nosso deleite nele. É difícil encontrar palavras que façam justiça a como tão completamente satisfeitos seremos. Nosso coração finalmente terá o que sempre procurou e nossa celebração nunca terá fim.

Sim, é verdade, a sua capacidade para a admiração é um anelo pelo outro mundo. É uma ânsia pelo que este mundo caído nunca dará a você. A capacidade admirativa do nosso coração clama todo dia para ser envolvida pela glória de Deus, livre das vozes sedutoras das glórias que competem com ela. A busca pela admiração é um clamor pelo céu que Deus assegura a cada um dos seus filhos comprados pelo sangue de Jesus.

A admiração é um anelo por um lugar no qual a nossa fome será satisfeita. Jesus pagou por esse lugar e o preparou para você. Não há uma graça maior do que ser convidado à presença dessa glória. Não há nenhuma graça maior do que ter seu coração volúvel perdoado e finalmente satisfeito para sempre. Amém.

O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida. […] Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus! (Ap 22.17, 20)

NOTAS

[1] Keith e Kristyn Getty, “Don’t let me lose my wonder”, in *In Christ Alone*, Getty Music, Koch Records, 2007, compact disc.

[2] Albert Einstein et al., *Living Philosophies* (Nova York: Simon and Schuster, 1931), p. 6.

[3] G. K. Chesterton, *Tremendous Trifles* (Nova York: Dodd, Mead and Company, 1910), p. 7.

[4] João Calvino, Sermão n. 10 sobre 1Coríntios, apud William J. Bouwsma, *John Calvin: a Sixteenth Century Portrait* (Nova York: Oxford University Press, 1988), p. 134-135.

[5] Bernice Johnson Reagon, “The songs are free”, entrevista a Bill Moyers, PBS, 1991, excerto publicado em 23 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.pbs.org/moyers/journal/11232007/tran Acesso em: 14 mar. 2017.

[6] G. K. Chesterton, *A Short History of England* (Nova York: John Lane Company, 1917), p. 72.

[7] Jonathan Swift, “Thoughts on various subjects”, in *The Works of dr. Jonathan Swift*, v. 8

(Edimburgo: A. Donaldson, 1761), p. 301.

[8] Oswald Chambers, *My Utmost for His Highest*, Deluxe Christian Classics (Uhrichsville, OH: Barbour, 2000), p. 59.

[9] John Piper, *A Hunger for God: Desiring God through Fasting and Prayer* (Wheaton, IL: Crossway, 2013), p. 25-26.

[10] Tripp, Paul David. *New Morning Mercies: a Daily Gospel Devotional* (Wheaton, IL: Crossway, 2014), entrada de 10 de novembro.

[11] C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova York: Simon and Schuster, 1996), p. 47.

[12] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Simon and Schuster, 1996), p. 121.



Vocação Perigosa

Os tremendos desafios do ministério pastoral

PAUL TRIPP

Vocação perigosa

Tripp, Paul
9788576229223
192 páginas

Compre agora e leia

Depois de viajar ao mundo e falar em milhares de igrejas em todo o mundo, Paul David Tripp descobriu um sério problema na cultura pastoral. Vocação Perigosa revela que a cultura em torno de nossos pastores é espiritualmente insalubre – um ambiente que mina ativamente o bem-estar e a eficácia dos líderes da nossa igreja e, portanto, todo o corpo da igreja. Aqui está um livro que diagnostica e oferece curas para questões que afetam cada membro e líder da igreja, e dá estratégias sólidas para combater a guerra tão importante que hoje se agrava em nossas igrejas. "Se você esteve no ministério por 20 minutos ou 20

anos, eu recomendo Vocação Perigosa a você. Aproxime-se com oração, apaixonadamente, e esteja preparado para a mudança que Deus fará em seu coração, vida e ministério." James MacDonald, Pastor da Harvest Bible Chapel, Rolling Meadows, Illinois "Vocação Perigosa é um livro perigoso. É também um livro que cada pessoa no ministério deve ler. Ele lhe trará convicção maciça se você o lê com humildade. Peça a Deus para expor os pecados profundamente escondidos em seu alma. Ele corta, mas também fornece remédios bíblicos para a cura. Eu adoraria colocar este livro na mão de todos os seminaristas que caminham no meu campus." Daniel L. Akin, presidente do Southeastern Baptist Theological Seminary

Compre agora e leia


"UM CLÁSSICO ESPIRITUAL"
J. I. PACKER
O CONHECIMENTO DE
DEUS
PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DE DEUS
PARA UM RELACIONAMENTO MAIS PRÓXIMO COM ELE
COM GUIA DE ESTUDO
UM DOS LIVROS CRISTÃOS MAIS IMPORTANTES E POPULARES DE NOSSO TEMPO

O conhecimento de Deus

Packer, J. I.
9788576226147
288 páginas

Compre agora e leia

O livro transformador de vidas de J. I. Packer tem aprofundado a fé o entendimento de milhões de pessoas em todo o mundo. Explicando quem é Deus e como podemos nos relacionar com ele, Packer divide seu livro em três partes: A primeira dirige nossa atenção para como e por que conhecemos a Deus. A segunda destaca os atributos de Deus. A terceira os benefícios usufruídos por aqueles que o conhecem intimamente.

Compre agora e leia



COMO A BÍBLIA ASSUMIU O PAPEL CENTRAL NA REFORMA RELIGIOSA DO SÉCULO 16

LENDO AS ESCRITURAS COM OS REFORMADORES

O que a igreja hoje pode aprender com os pais da Reforma, e como esses valores apresentam um modelo de leitura, de oração e de vida segundo as Escrituras.

TIMOTHY GEORGE

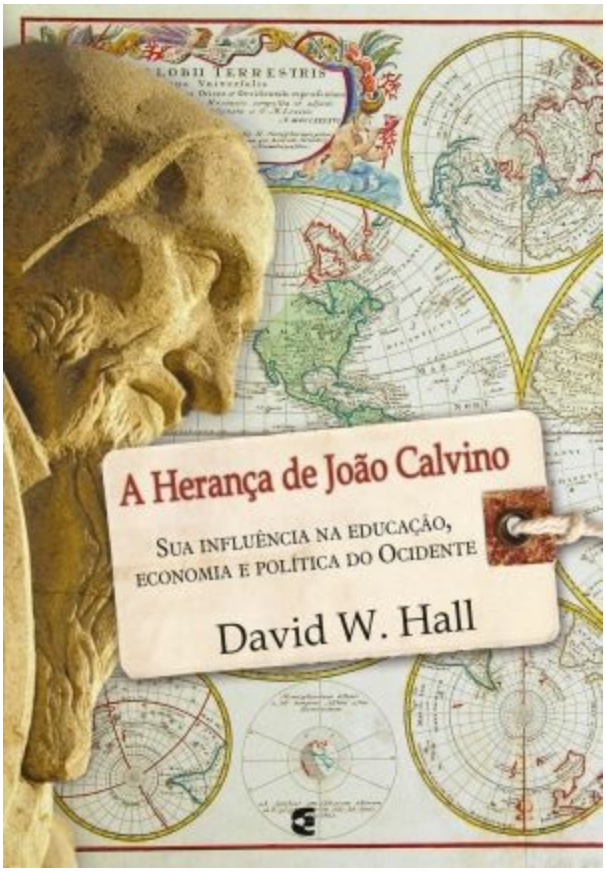
Lendo a Escritura com os reformadores

George, Timothy
9788576225829
208 páginas

Compre agora e leia

O que a igreja hoje pode aprender com os pais da Reforma, e como esses valores apresentam um modelo de leitura, de oração e de vida segundo as Escrituras.A relação entre Escritura e tradição.O desejo de tornar a Bíblia disponível a todos nas línguas da época.O modo como a Bíblia era usada na vida e na adoração das igrejas.

Compre agora e leia


A Herança de João Calvino
Sua influência na educação, economia e política do Ocidente
David W. Hall

A herança de João Calvino

Hall, David W.
9788576229315
96 páginas

Compre agora e leia

A Herança de João Calvino é breve o suficiente para o público popular e analítico o suficiente para fornecer muita informação em um curto espaço de tempo. David Hall identifica 10 maneiras como o pensamento de Calvino transformou a cultura do Ocidente: 1. Educação: a Academia 2. O cuidado para com os pobres: o fundo francês 3. Ética e interpretação da lei moral: o Decálogo 4. A liberdade da igreja: a companhia de pastores 5. Governo colegiado: o Senado 6. Política descentralizada: a República 7. Igualdade entre todas as profissões: a doutrina da vocação 8. Economia e lucro: a mão invisível 9. A música no

vernáculo: o saltério 10. O poder da disseminação de ideias: a impressa em Genebra

Compre agora e leia

Onde estavam as testemunhas do verdadeiro evangelho durante os anos sombrios que precederam a Reforma?

MUITO ANTES DE LUTERO

EM BUSCA DA ESSÊNCIA DO EVANGELHO DESDE CRISTO ATÉ A REFORMA

NATHAN BUSENITZ



Muito antes de Lutero

Busenitz, Nathan
9788576229322
192 páginas

Compre agora e leia

Para aqueles que se perguntam onde estava o evangelho antes da Reforma, este livro oferece uma resposta bem-vinda. Mais importante ainda, num tempo em que a igreja corre o risco de comprometer a pureza da mensagem bíblica, este livro serve como um lembrete oportuno do evangelho que, em todas as gerações, os verdadeiros crentes estimaram, proclamaram e lutaram para defender.

Compre agora e leia